

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS
PROGRAMA DE LÍNGUA INGLESA E LITERATURAS INGLESA E NORTE-
AMERICANA

E-MAIL DE APRESENTAÇÃO PESSOAL E IDENTIDADE NAS COMUNIDADES ONLINE

Paulo Rogério de Souza

São Paulo

2003

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS
PROGRAMA DE LÍNGUA INGLESA E LITERATURAS INGLESA E NORTE-
AMERICANA

(Edição Revisada)

E-MAIL DE APRESENTAÇÃO PESSOAL E IDENTIDADE NAS COMUNIDADES ONLINE

Paulo Rogério de Souza

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Língua Inglesa e Literaturas Inglesa e Norte-Americana, do Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Leland Emerson McCleary

São Paulo

2003

A todos aqueles que almejam traçar os caminhos da verdade, da vida e do conhecimento ...

AGRADECIMENTOS

A minha mãe, pela paciência e carinho que me motivaram a prosseguir.

A minha tia, pelo carinho, afeto e dedicação quando precisava de auxílio para resolução de problemas particulares.

Ao meu orientador, Leland McCleary, pela conduta, pelo conhecimento, pelas críticas, pela orientação, por mostrar-me que é possível, pela destreza e primazia com que conduziu meus estudos.

Ao Silvio, por ele mesmo, por ser quem é, pelas horas infintas de discussão, pela contribuição a este trabalho, pela ajuda nos momentos difíceis, pelo incentivo dado no percurso de minha formação.

A minha mestra Maria Célia por ter me mostrado este mundo fantástico e acreditou no meu potencial.

Aos meus amigos e companheiros da pós, Ana Maria pelo companheirismo e pelas horas de conversa, Licia pelo carinho e incentivo, Marlene que se mostrou uma pessoal especial e Sandro Marques pelos bons papos e pela companhia.

A Prof^a Maximina Freire, pela conduta, pela leveza, pela amizade e pelo apoio nos momentos difíceis.

A Prof^a Anna Carmagnani, pela conversa e pela luz que deu a este trabalho.

A Dr^a Elisa Sayeg, pelos papos, pela amizade e pelo apoio.

A todos aqueles que, diretamente ou não, estiveram ligados a mim nos momentos alegres e tristes.

RESUMO

Este trabalho investiga os *e-mails* de apresentação pessoal gerado em duas listas eletrônicas de discussão que têm por objetivo discutir e praticar a língua inglesa. Por ser uma modalidade de comunicação de muitos para muitos, o presente estudo tem por objetivos: a) apresentar e discutir alguns aspectos da formação de comunidade online a partir dos modelos clássicos e contemporâneos; b) confrontar a interação nos contextos face-a-face e eletrônico; c) averiguar as informações contidas nos *e-mails* que indicam o comprometimento do autor com seu enunciado e, com isso, revelar o seu papel na interação; e d) identificar as informações pessoal e social dos usuários que compõem sua identidade social.

A discussão sobre a formação de comunidade online está relacionada a uma descrição do funcionamento das listas e a produção interativa dos membros. A análise dos e-mails de apresentação pessoal está baseada nos conceitos de representação de papéis na interação e na construção de uma identidade social (Goffman, 1959, 1963 e 1967). A construção de identidade dos usuários é feita por meio do levantamento dos itens lexicais: *I*, *ME*, *WE* e *MY* e seus contextos de uso.

As investigações mostram que: as listas eletrônicas podem ser descritas como um grupo de pessoas que compartilham interesses comuns; a identidade dos usuários é estabelecida a partir das informações pessoal e social dadas no discurso de apresentação; as informações pessoal e social situam o interlocutor sobre biografia social do enunciatador.

PALAVRAS-CHAVE: *Comunidade online; discurso de apresentação; interação eletrônica; identidade individual; lista eletrônica de discussão.*

ABSTRACT

This study comprises the investigation of self-introduction e-mail messages sent by individuals who want to take part in two group-discussion lists created for the purpose of practicing English and addressing issues related to this particular language. By focusing on a many-to-many communication environment, this study aims at: (a) presenting the classic and contemporary concepts of community, and discussing which conceptual features allow the establishment of online communities; (b) confronting the interaction that emerges from face-to-face and electronic communication contexts; (c) analyzing whether data conveyed in self-introduction messages depict the engagement between the writer and the text produced as well as the role performed by the writer in the interaction; and (d) identifying which attributes of the personal and social data put across indicate the sender's social identity.

As for the theoretical foundations, the discussion about online communities includes a description of group-discussion lists both in terms of their internal organization and of the interactive behavior of their members. The analysis of the self-introduction e-mail messages is based on the notion of roles performed in interaction and on the concept of social identity construction (Goffman, 1959, 1963, 1967). The constitution of the users' identity is inspected through the investigation of some specific lexical items (I, me, we, and my), and their collocation.

The outcomes of this investigation suggest that group-discussion lists may be conceived of a group of people who, by sharing common interest. Furthermore, the sender's identity is grounded on the personal and social information provided by his/her self-introduction discourse which also reveals his/her social biography.

KEY WORDS: *Online community; presentation discourse; electronic interaction; individual identity; electronic list of discussion*

ÍNDICE

RESUMO.....	1
ABSTRACT	2
ÍNDICE DE QUADROS, FIGURAS E GRÁFICOS	4
INTRODUÇÃO.....	9
CAPÍTULO I.....	13
 INTERAÇÃO, DISCURSO E COMUNIDADE.....	13
CAPÍTULO II.....	67
 ASPECTOS GERAIS E METODOLÓGICOS DA PESQUISA.....	67
CAPÍTULO III.....	87
 PANORAMA GERAL DAS LISTAS	87
CAPÍTULO IV	103
 O DISCURSO DA APRESENTAÇÃO PESSOAL	103
 CONSIDERAÇÕES FINAIS	138
 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	144

ÍNDICE DE QUADROS, FIGURAS E GRÁFICOS

CAPÍTULO I.....	13
QUADRO 1: CRITÉRIOS DE GÊNERO APLICADOS ÀS LISTAS EL E LE.....	36
QUADRO 2: CONTRAPONTO ENTRE COMUNIDADE CLÁSSICA E CONTEMPORÂNEA.....	47
FIGURA 1: BASES DE COMUNIDADE INTERPRETATIVA.....	49
QUADRO 3: CONCEITOS DE COMUNIDADE DE INTERESSE.....	52
QUADRO 4: USABILIDADE E SOCIABILIDADE (PREECE, 2000).....	55
QUADRO 5: TEXTO ELABORADO X TEXTO ESPONTÂNEO.....	56
QUADRO 6: DIAGRAMA DE REDE.....	62
QUADRO 7: RESUMO DAS CARACTERÍSTICAS DE COMUNIDADE.....	65
CAPÍTULO II.....	67
FIGURA 2: EXEMPLO DO SITE DAS LISTAS.....	68
QUADRO 8: CARACTERÍSTICAS DAS LISTAS.....	69
QUADRO 9: BASE DE DADOS PARCIAL.....	71
GRÁFICO 1: I, ME, WE E MY NAS MENSAGENS DE APRESENTAÇÃO.....	82
GRÁFICO 2: ITENS LEXICAIS: GRUPO E MEMBRO.....	83
FIGURA 3: APLICATIVO TATOE.....	85
FIGURA 4: APLICATIVO TEXTANALYST.....	86
CAPÍTULO III.....	87
QUADRO 10: CARACTERÍSTICAS FUNCIONAIS.....	88
GRÁFICO 3: PRODUÇÃO DA LE.....	90
GRÁFICO 4: PRODUÇÃO DA EL.....	90
GRÁFICO 5: DISTRIBUIÇÃO DE MENSAGENS POR PARTICIPANTE.....	93
CAPÍTULO IV.....	103

QUADRO 11: LÉ: DISTRIBUIÇÃO DE PRIMEIRAS MENSAGENS E MENSAGENS DE APRESENTAÇÃO	110
QUADRO 12: EL: DISTRIBUIÇÃO DE PRIMEIRAS MENSAGENS E MENSAGENS DE APRESENTAÇÃO	110
QUADRO 13: MENSAGENS DE APRESENTAÇÃO E RESPOSTA.....	112
QUADRO 14: LÉ: DISTRIBUIÇÃO DE RESPOSTAS A MENSAGENS DE APRESENTAÇÃO COMO PRIMEIRAS MENSAGENS E MENSAGENS DE APRESENTAÇÃO	112
QUADRO 15: EL: DISTRIBUIÇÃO DE RESPOSTAS A MENSAGENS DE APRESENTAÇÃO COMO PRIMEIRAS MENSAGENS E MENSAGENS DE APRESENTAÇÃO	113
QUADRO 16: REDE SEMÂNTICA POR NÍVEL DE RELAÇÃO.....	132
QUADRO 17: NÍVEIS DE CONEXÕES DA REDE SEMÂNTICA	133

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO I	13
INTERAÇÃO, DISCURSO E COMUNIDADE	13
<i>1.1. Interação Social</i>	13
1.1.1. Interação no contexto face-a-face	14
1.1.1.1. Identidade pessoal	24
1.1.1.2. Identidade social	26
1.1.2. Interação no contexto eletrônico	28
<i>1.2. O sujeito e seu discurso</i>	30
1.2.1. Sujeito, ideologia e poder	31
1.2.2. Discurso, linguagem e contexto	33
<i>1.3. Comunidade no modelo clássico e na contemporaneidade</i>	38
1.3.1. Comunidades no âmbito da CMC	47
1.3.1.1. Comunidade interpretativa	48
1.3.1.2. Comunidade de interesse	50
1.3.1.3. Comunidade virtual	53
1.3.2. Diagramação da rede de interesses	61
1.3.3. Propriedades de uma rede comunitária online	65
CAPÍTULO II	67
ASPECTOS GERAIS E METODOLÓGICOS DA PESQUISA	67
<i>2.1. O contexto da pesquisa</i>	67

2.1.1. A coleta de dados	70
2.1.2. Tratamento preliminar e classificação dos dados	72
2.1.3. Modelo de mensagens.....	75
2.2. <i>Procedimentos de análise</i>	78
2.2.1. Critérios de análise.....	80
2.2.2. Instrumentos informáticos de análise.....	84
CAPÍTULO III	87
PANORAMA GERAL DAS LISTAS	87
3.1. <i>Funcionamento das listas</i>	87
3.1.1. Recursos eletrônicos para organização e ordem	88
3.1.2. A produção interacional	89
3.1.3. A fluência interativa.....	92
3.1.4. Comunidade online: uma questão delicada	99
CAPÍTULO IV	103
O DISCURSO DA APRESENTAÇÃO PESSOAL	103
4.1. <i>O movimento sócio-interativo</i>	103
4.1.1. A estrutura textual	104
4.1.2. Apresentação como ação inicial	108
4.1.3. Respostas às mensagens de apresentação.....	111
4.2. <i>Estratégias discursivas da apresentação pessoal</i>	116
4.2.1. A informação sócio-pessoal	117
4.2.2. Quem fala e como fala.....	118
4.2.3. A intersecção eu e o outro no discurso	127
4.3. <i>Formação semântica das comunidades</i>	130

4.3.1. Propriedades da rede semântica	131
4.3.2. Índicios de pertencimento e de comunidade no discurso.....	135
CONSIDERAÇÕES FINAIS	138
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	144

INTRODUÇÃO

Este estudo tem por finalidade investigar as mensagens de apresentação pessoal em duas listas eletrônicas de discussão: *Englishlearner* (EL) e *Learningenglish* (LE), com o objetivo de verificar se neste tipo de mensagem tivesse informações que auxiliaria no reconhecimento da identidade do autor. Que tipo de informações do autor poderiam emergir desse tipo de discurso, uma vez que sua constituição física, cultural e social fica mediada pelo texto escrito? Como o autor transpõe a barreira imposta pelo contexto eletrônico para conseguir expressar um pouco de si durante a interação?

Estas questões foram pontos centrais que motivaram a realização desta pesquisa. Conseguiríamos averiguar como os usuários das listas revelam, através do texto escrito, suas marcas pessoais e sociais através do uso de um discurso de apresentação pessoal. Poderíamos investigar se haveria indícios de que este tipo de mensagem fosse um gênero textual que desempenha uma função social.

Não poderíamos tratar dessas questões sem, primeiramente, discutirmos se um grupo de pessoas interagindo eletronicamente formasse uma comunidade. Por esta razão, o presente estudo tem também como objetivo discutir a formação de comunidade.

Buscamos responder três perguntas que conduziram a presente pesquisa:

- como os participantes das listas constroem sua identidade individual a partir das informações contidas nas mensagens de apresentação?
- Que elementos das mensagens de apresentação podem levar ou não à conclusão de que elas constituem um gênero?
- Que propriedades das mensagens de apresentação poderiam indicar a existência (ou não) de uma comunidade online?

As duas listas tem como tema discutir e praticar a língua inglesa. Assuntos como gramática, expressões idiomáticas, usos de termos e problemas de aprendizagem são abordados nas discussões. Isto vem demonstrar que os participantes de listas tendem a buscar no meio eletrônico um auxílio ou um complemento para resolução de suas questões particulares.

O grupo é formado por pessoas que buscam aperfeiçoar ou simplesmente praticar a língua com aqueles que detenham um domínio melhor. As listas são compostas por participantes de diversas culturas e países: iraquianos, brasileiros, italianos, japoneses, chineses, etc. Por isso, as listas são bastante heterogêneas no tocante a etnia e a cultura.

A justificativa da escolha deve-se em razão das duas listas serem de adesão espontânea, terem seu funcionamento a mais de dois anos, serem listas temáticas e pela facilidade de acesso aos conteúdos das discussões. Poderíamos através desses conteúdos esclarecer as questões de pesquisa e demonstrar que as listas eleitas seriam ou não comunidades online.

A contribuição teórica que norteou o presente trabalho provém das teorias de Goffman (1959, 1963 e 1967). O autor principiou seus estudos definindo a interação social como um jogo de papéis que se movimentam e se modificam no intercurso da interação, o que denominou de *representação*. Através desse posicionamento, vimos na virtualidade um espaço para representação de papéis que fluem no universo eletrônico, uma vez que o corpo físico fica por detrás de uma tela de computador. Com isto, haveria probabilidades de um usuário do espaço eletrônico compor papéis, identidades. Seguindo ainda esta linha de pensamento, as leituras feitas de diversos autores e pesquisadores da comunicação mediada por computador (CMC) aumentaram ainda mais a preocupação acerca do tipo de comunidade que se formaria na ambientação eletrônica; comportadora de discurso próprio e de características que a distinguiriam das demais (Erickson, 1997).

McCleary (1996) discutiu os aspectos de uma modalidade de comunicação mediada por computador. Em sua análise, cujo foco foi uma lista de discussão acadêmica, observou que o espaço eletrônico detém vários tipos de discurso que circulam dentro de uma lista variando apenas pela objetividade que a constitui. Deixa claro que o discurso eletrônico é composto por uma camada de movimentos lingüístico-discursivos que tem por objetivo acelerar e alargar uma conversação voltada ao tópico.

Os interagentes reformulam a linguagem na interação eletrônica a partir dos seus conhecimentos sobre a técnica que envolve os meios eletrônicos de comunicação interpessoal. Porém, as suas características revelam a mescla das modalidades oral e escrita, uma vez que as manifestações de linguagem dão-se somente pelo texto escrito. Estudos contemporâneos sobre a linguagem eletrônica indicam a influência da oralidade na escrita, tanto nos meios assíncronos (ex.: correio eletrônico) quanto síncronos (ex.: salas de bate-papo), tendo neste último maior incidência.

Os estudos da CMC vieram levantar novas questões acerca da interação eletrônica servir para práticas sociais à distância. Alguns estudos objetivaram revelar como os usuários da ambientação eletrônica vão praticando sociabilidade contando com a intervenção do meio. Alguns pesquisadores, tais como: Marcelo (2001), Cardoso (1997 e 1999), Clodius (1997), Erickson (1997) entre outros denominaram que a Internet é um espaço para experimentação de novas formas de sociabilidade, descrevendo que as situações sociais da interação interpessoal online têm características diferenciadas da interação face-a-face. Outros pontos foram mostrados para explicar que na Internet os contatos sociais são reconfigurados, tais como: contatos pessoais estreitados ao longo das sessões interativas, reconhecimento de que há um misto de linguagem e técnica nas formulações de intenção e os contatos sociais menos estreitos tendem a restringir-se somente no ato conversacional.

Um posicionamento bastante diferenciado nos estudos da CMC é dado por Jacobson (1999), que investigou como se processa a construção de imagem de um interlocutor, partindo dos elementos fornecidos pelo outro como este vê seu interlocutor na virtualidade. Reconheceu que na interação o interlocutor vai compondo uma imagem de seu interagente, tomando como base às informações obtidas através das mensagens veiculadas no decorrer das sessões comunicativas. Tomou como princípio norteador, as bases fundantes de Goffman. Entretanto, seu foco de análise era desvendar como se dá o processo de reconhecimento e de construção da imagem centrada apenas nos aspectos físicos, não se atendo às questões sociais que envolvem o interagente. Neste aspecto que compreendemos a necessidade de ampliar os estudos de Jacobson, de não só investigar como os usuários das listas vão construindo uma imagem do interlocutor, mas também como constroem um perfil social por meio de informações acondicionadas em mensagens eletrônicas.

A formação de comunidade é vista neste trabalho a partir dos modelos clássico e contemporâneo. Buscamos averiguar quais elementos sociais seriam necessários para formação de uma comunidade online. O conceito de comunidade, desde a antigüidade, tinha como base o território geográfico como delimitador para as (rel)ações em comunidade. Para as comunidades online o espaço geográfico fica subjacente. O fator conectividade é o que delimita as (rel)ações virtuais. Por esta razão, encontramos na literatura diversas denominações a respeito de comunidade mediada por computador: comunidade interpretativa (Borovoy et. al. 1999), comunidade de interesse (Clodius, 1997; Erickson, 1997 e Cicognani, 1998) e comunidade virtual (Rheingold, 1993; Jones, 1997; Patterson, 1996 e Preece, 2000). Neste trabalho discutiremos sobre as listas eletrônicas de discussão serem comunidades. Para isto, veremos os aspectos funcionais e produtivos das listas visando o reconhecimento de que as listas-objeto deste estudo contenham indícios de serem comunidade.

Organizamos esta dissertação em quatro capítulos. No primeiro, apresentamos os posicionamentos teóricos e abrimos a discussão a respeito de interação e discurso como indicativos de formação de comunidade. No segundo, descrevemos o universo da pesquisa, o contexto das listas, a constituição dos *corpora* e os passos metodológicos percorridos. No terceiro, apresentaremos os dados que esclarecem a formação de comunidade; apontando os indicadores interativos que evidenciam as listas serem ou não comunidades. No quarto capítulo, apresentamos e discutimos os resultados e, por fim, tecemos nossas considerações finais deste estudo.

Capítulo I

INTERAÇÃO, DISCURSO E COMUNIDADE

Neste capítulo discutiremos a problemática do conceito comunidade, dando ênfase à discussão acerca dos pontos de vista sobre a formação de comunidade diante a inovação tecnológica. Como o termo “comunidade” é utilizado para designar o agrupamento de pessoas que se interligam à rede mundial de computadores. Iniciamos nossa discussão a partir de interação social, começando pela interação no contexto presencial, apresentando as suas características até o de interação no contexto eletrônico, pontuando os aspectos que circundam a interação humano-máquina-humano. Ainda neste capítulo tomaremos os referenciais da análise do discurso, com base nos trabalhos de Brandão (2000), Foucault (1999) entre outros, potencializando, dessa forma, uma reflexão sobre o discurso eletrônico ser também uma ferramenta social para os grupos de discussão, comportador de gênero discursivo inerente ao meio, tendo como base à contribuição de Bakhtin (1986), Herring (1996) e Batista (1998). Por fim, apresentaremos os modelos clássicos e contemporâneos de comunidade, para então tecermos nossas considerações a respeito do tema.

1.1. Interação Social

Em se tratando de interação social, não se poderia deixar de lado as questões que, também, envolvem as ações sociais mútuas num ambiente eletrônico que comporta ações governadas com fim de promover o sentido de unicidade e convivialidade. Por esta razão, o que veremos é uma exploração sobre o tema. Quais propriedades nos auxiliariam no entendimento do conceito de comunidade empregado a uma dimensão diferente daquela que convivemos no dia a dia. A interação em comunidade é algo a ser discutido, uma vez que nosso presente estudo, visa a contemplar as nuances que acercam o discurso de apresentação pessoal como contexto para formação de uma identidade individual, restrita, e por indicar traços de sociabilidade e usabilidade das listas.

A justificativa de abrir uma discussão sobre o que é “interação social” a partir dos conceitos clássicos. Traçar um caminho para obtermos instrumentais para a compreensão do fenômeno “interação virtual”. Para tanto, necessitamos rever conceitos e entender se esses conceitos aplicam-se em dimensões diferentes.

Com vistas ao entendimento de um estatuto sobre a interação social também co-ocorrer no meio midiático, voltamos nossos olhos para o campo de estudos da interação social presencial, visando às ações interpessoais na comunicação social. Para compreendermos melhor o sistema de intercâmbio na comunicação, revisitaremos os conceitos de interação, indo desde as formulações no face-a-face até os mais contemporâneos, ou seja, pela Internet.

1.1.1. Interação no contexto face-a-face

Interação é o processo que ocorre quando pessoas agem em relação recíproca em um contexto social. (...) o conceito de interação repousa sobre uma distinção importante entre ação e comportamento. (Johnson, 1995: 132).

Preliminarmente, a interação se traduz na teoria da ação, cuja preocupação centra-se no ideário humano e o sintetiza, única e exclusivamente, em *comportamento* e *ação*. Podemos, então, reconhecer na teoria da ação um ponto inicial para a compreensão do sentido de interação, pertencimento e comunidade. A base teórica da ação encontra seus alicerces em termos de significado, i.e., como fazemos para nos significar através do nosso próprio comportamento e do comportamento do outro em situação de interação: compreender como as pessoas interpretam-se, subjetivamente, em seus próprios comportamentos em situações da vida social. Em suma, como seremos interpretados através de nossas significações e, delas, observar a reação do outro para podermos cumprir o curso de nossas vontades. O processo mental de significar reside nas ações e comportamentos dentro de um cenário social de interação. Traduzimos nossas ações tomando em conta a necessidade de ser significado (interpretado) pelo outro a fim de obtermos a realização de nossas vontades.

A intencionalidade está atrelada às propriedades da interação, sendo subsidiada pelo comportamento e interligada pela ação. O que se deduz é que a ação está intrinsecamente ligada ao contexto da interação, ou seja, de acordo com a situação, nossas ações são guiadas pelo reconhecimento da cena. Espera-se que o comportamento do outro seja próprio para a mesma

cena. Basicamente, buscamos através de um comportamento próprio em um dado evento, não obstruir o curso da seqüência interacional, pois a emoção, a expressão do corpo, a linguagem, a percepção, etc. poderão interferir, sobremaneira, na interpretação da ação. Certos impulsos de comportamento podem não condizer com a situação em que nos encontramos, portanto, podem acarretar na interferência do processo de significação pelo outro.

O que conseguimos depreender é que a interação é um conjunto de atividades mutuamente alinhadas voltadas para uma situação de intercâmbio de proposituras. Contem em seu bojo o comportamento e a ação, descritos e distinguidos por propriedades que as regulam, podendo ser desde emoções notadas, usos específicos de linguagem: fazer-se significar para o outro e, com isso, objetivando a inteligibilidade da ação como valorosa para a cena e obter a reciprocidade por meio da coordenação das ações mútuas na interação.

Comportamento é caracterizado por Johnson (1995) como atitudes voluntárias e involuntárias, portanto, podendo ser reconhecidas como próprias e impróprias. Por exemplo: numa situação de comércio, o vendedor que se apresenta ao seu cliente expressando seus mais íntimos sentimentos, no caso chorando causará estranheza por parte de seu cliente, que o verá em comportamento impróprio para a cena. Isto, por conseguinte, poderá ocasionar uma cessação da interação. O cliente não saberá lidar com este tipo de comportamento de seu interlocutor, pois o reconhece como fora de seu papel. Se o cliente for abordado com um sorriso ou uma linguagem afável poderá indiciar o cliente a reações condizentes com a situação, portanto, seguirá com o curso de sua representação a fim de prosseguir com o processo de significação.

A ação está relacionada à situação/evento que nos encontramos no decorrer de nosso dia a dia. Papéis são representados para facilitar o processo de inteligibilidade/interpretação pelo outro. O comportamento é guiado, basicamente, pela forma com que nos expressamos, seja corporal ou verbalmente no decorrer de uma interação. Expressão do corpo e linguagem condizente com a situação servem para facilitar, ou melhor, para não interferir no intercurso da interação. Se tomarmos como base nossas listas de discussão, uma mensagem desordenada que reflete em seu corpo fora dos padrões eleitos para interação, poderá ser considerado como comportamento atípico ao meio. Por esta razão, será motivo de estranheza ou questionamento. Por ser concebida unicamente pela linguagem, o comportamento lingüístico do emissor será colocado a prova pelo

grupo, que observará se este comportamento está ou não condizente com a situação. Para o fluxo corrente da discussão, espera-se um comportamento condizente com a situação. Um emissor terá seu comportamento observado pelo grupo e vice-versa, sua postura discursiva, seus objetivos, sua maneira de conduzir a ação interativa fazem com que sejam primordiais para o prosseguimento do intercurso da interação. Portanto, toda ação interativa será interpretada pela comunidade, dando subsídios sobre a objetividade (intenção) que o autor quer com a ação declarativa.

Goffman (1967) foi pioneiro em tratar a interação como objeto socialmente constituído; identificou e justificou seus postulados através de interações típicas em determinados contextos sociais. Reconheceu a importância dessas características na interação social serem motivadoras de outras ações por parte do interlocutor dentro de uma situação interacional, o que denominou de *representação*. Conquanto, viu a interação como processo ritualístico, cujas propriedades sociais denotam a existência de um exímio controle por parte dos envolvidos: habilidades de ajustamento, de julgamento e de reconhecimento do processo de troca na interação.

Principia seus argumentos alegando que:

Uma regra de conduta pode ser definida como um guia para ação, recomendado não por causa dela ser agradável, barata ou efetiva, mas por ela ser conveniente ou justa. (nossa tradução, 1967: 48).

A maleabilidade com que os interagentes se apresentam, segundo ele, deve-se ao fato da preexistência de regras de conduta. Uma maneira subliminar de facilitar as ações de troca entre os envolvidos, e o reconhecimento das regras faz com que suas ações sejam identificadas como *prototípicas* a situação. Esclarece, ainda, que a ação está ligada diretamente aos fatores *obrigação* e *expectativa*. No primeiro, o indivíduo é moralmente coagido a conduzir-se e, por outro lado, os outros são moralmente limitados a agir em consideração a ele (op. cit.: 49). A coerção faz com que os membros ajam de maneira consciente e coercitiva, preenchendo a expectativa do outro enquanto que nossa expectativa centra-se no desejo de que façam o mesmo por nós.

Quando uma relação não se completa por uma das partes envolvidas, certas atitudes são convocadas para suprir a ausência da interligação ou para ressaltar que a ação interativa é um

processo de troca, bilateral, portanto, uma condição temporal para barganhas de intenções. Com isto, as regras que regem as ações humanas são colocadas a mostra para que o processo interacional siga sem problemas iminentes. Goffman exemplifica esta situação demonstrando que uma ordem de um indivíduo em situação superior (*status*) deverá ser executada sem questionamento aparente por um indivíduo que se encontra em posição inferior (ex.: chefe e funcionário); por exemplo, se uma enfermeira não aceitar a ordem por motivos pessoais ou profissionais, há uma mudança de seguimento, dessa forma rompendo com a expectativa do médico. Caso isso ocorra, as regras de conduta são convocadas e aplicadas para situar o interagente sobre o seu papel na cena. Este impasse, de acordo com Goffman, pode ser analisado da seguinte forma:

- (a) Ou pela quebra das regras de conduta;
- (b) Ou pelo interlocutor convocar um tratamento diferenciado;

No primeiro caso, cria-se um conflito e os interagentes são obrigados a rever e analisar seus conceitos de *obrigação* e *expectativa* podendo levar a uma *ruptura formal*¹. Já no segundo caso, ocorre um realinhamento das regras de conduta, novas formas de interpretação do outro emergem da interação para que se continue com a ação mútua: criar uma nova linha de conduta de maneira diferenciada; somente para àquela situação interativa².

... quando uma regra de conduta é quebrada, nós encontramos que os indivíduos correm o risco de tornarem-se descreditados: um com a obrigação, que deveria ter governado suas ações pela regra; o outro, com um expectativa, que deveria ter sido tratado numa maneira particular por causa deste governo. (nossa tradução, Goffman, 1967: 51)

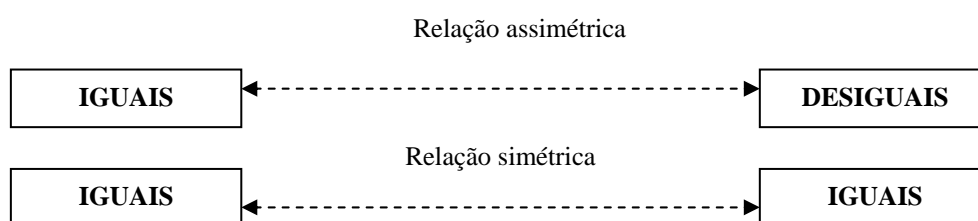
Seguindo a linha de raciocínio de Goffman (1967), as regras de conduta distinguem-se em duas formas: *simétrica* e *assimétrica*. Na forma simétrica, o indivíduo requer para si uma maneira

¹ O que chamamos de ruptura formal é fato de que as relações sejam em instâncias profissionais ou pessoais findem-se, fazendo com que impressões de confiabilidade sejam encerradas, desse modo, não havendo mais motivos aparentes para prosseguirem com suas representações perante um ao outro.

² Quando da solicitação de revisão da linha de conduta na interação, extraímos da vida cotidiana um excelente exemplo que advém da interação face-a-face quando dois interagentes que não se conhecem, logo, não detém informações suficientes para a escolha de uma forma de tratamento (linguagem), recorre a formalismos tais como: “o senhor quer alguma ajuda”, enquanto que em resposta: “claro, mas não me chame de senhor, meu nome é ...”. Nota-se que o afunilamento/estreitamento é dado no processo de troca, sendo delineado no decorrer da situação interativa.

igualitária de tratamento por sua condição ou *status* social, i.e., quer ser tratado da mesma maneira como são tratados os demais de seu grupo, encampando *cortesia comum* e *regras de ordem pública* (p.53). Na forma assimétrica, o indivíduo solicita uma forma diferenciada de tratamento por aqueles de seu grupo ou por condição ou por *status* social.

Vejamos:



O que temos a considerar é a existência de regras de cerimonial de segunda ordem (privada). Cabe ressaltar que, embora Goffman tenha definido o tipo de relação encontrada na interação social, o que temos a dizer a respeito é que dentro do processo de trocas no processo dialógico, os papéis que desempenham os interagentes não são fixos. A relação descrita por ele de forma muito ampla diz respeito aos papéis representados, não condiz com a relação dialógica da conversação, uma vez que a relação (assimétrica ou simétrica) pode ser flexível, negociada. Os interagentes intercambiam papéis no decorrer de uma situação interativa. Se pensarmos num determinado tipo de interação, por exemplo, uma discussão sobre a execução de uma tarefa entre chefia e seus subordinados, podemos notar que a relação de poder/saber torna-se latente quando do intercâmbio de papéis, seguem a ação ritualística da reunião mas com posicionamentos diferenciados frente ao tópico da discussão. Torna-se ainda mais claro, quando o rumo da discussão fica mais exaltada, um rogando para si um posicionamento que acredita ser mais condizente, enquanto o outro, em defesa, utiliza uma argumentação que visa a desordenar o posicionamento do outro. Com isto, notamos que as relações, simétricas ou assimétricas, são estágios que se sobrepõem no decorrer da discussão.

Na sociedade, as regras de conduta tendem ser organizadas através de códigos os quais garantem aos indivíduos agirem apropriadamente. O código governa as regras de conduta e as regras de cerimônia; incorpora-se o uso de *etiqueta*.

Etiqueta é um conjunto de códigos simbólicos cuja função é subsidiar os indivíduos em contatos presenciais a fim de manter a ordem social no decorrer de um contato verbal ou não-verbal. Vejamos, um cumprimento através de um gesto simples de acenar com a mão ao outro, subentende que o outro indivíduo reconheça e/ou interprete a ação como algo socialmente válido, característico, logo, deverá seguir o curso da situação retribuindo o cumprimento. Esse tipo de ação, Goffman define como sendo substancialmente constituído para fins de respeito e de ordem, um consenso mútuo sobre as propriedades sociais que regem as situações de contato imediato.

O conceito de etiqueta está relativamente ligado ao de respeito. A propensão aos códigos sociais que envolvem um determinado ciclo de ação interativa, faz com que sejam admitidos, pelos envolvidos, um certo teor de respeito. Suas ações conduzem ao entendimento e inteligibilidade, por conseguinte, ao respeito mútuo por compor que, é regra conceber atitudes de respeito ao interagente em situações presenciais. Um indivíduo em uma situação de interação com seu igual, primeiramente, deverá cordialmente ater-se às questões do outro ou pelo breve cumprimento ou perguntando sobre seu bem estar ou sua vida cotidiana. Em seguida, suas ações deverão trazer para si um grau de familiaridade e espera-se que o outro prossiga, respeitosamente, com o intercurso da interação.

As rupturas em interações face-a-face demonstram ausência do fator respeito às regras: um indivíduo não seguiu ritualisticamente o curso da interação, ora por motivos particulares ora pela quebra abrupta das regras de conduta ou de cerimônia. Impressões são criadas a partir desse fato, portanto, o processo de interpretação toma outro rumo aquém do esperado, rompendo com a expectativa da ação do outro. O indivíduo que rompe com a seqüência do ritual demonstra através de sua ação não cumprir com suas obrigações no ritual; ocorre a quebra do vínculo esperado, por conceber que o estado de confiança não se presentifica pois, a expectativa do outro não foi levada em conta e, por conseguinte, dar-se-á o direito de também não mais cumprir com o ritual.

O que se espera de um contato presencial é um comportamento condizente com o tipo de interação; cujo comportamento é averiguado constantemente para aferir ao indivíduo como

mantenedor de qualidades desejáveis ou até mesmo indesejáveis³. Os atributos pessoais são revelados no curso da ação e determinadas propriedades inerentes ao interagente são averiguadas e esperadas, tais como: discrição, sinceridade, modéstia, comando da linguagem (fala), movimentos físicos, autocontrole, etc., para que se crie uma imagem significativamente importante para a situação; elementos sócio-históricos e pessoais do indivíduo são observados e analisados através das ações e do comportamento. Mediante isto, o interagente detém informação suficiente para prosseguir com sua atuação.

O que podemos conferir é que uma ação típica requer uma outra por parte do interlocutor: nossas ações durante uma interação são objetivamente reguladas pela perspectiva de reação por quem nos defrontamos em contato presencial. Determinadas regras de conduta são colocadas a prova quando nos instanciamos diante de uma interação esperada. Por essa razão, comportamentos típicos são esperados para que o fluxo das trocas de mensagens flua sem problemas aparentes e não interfira na objetividade das ações. Espera-se ainda, que o interagente detenha destreza, desenvoltura e autoconfiança em conduzir suas ações em contextos adversos de interação.

Os laços que se formam no decorrer de uma interação baseia-se no princípio da confiança. Por esta razão, as sessões de trocas são observadas pelos participantes a fim de promover que o intercuro da interação ocorra sem problemas iminentes. O sentimento que move os interagentes a prosseguir com suas ações deve-se pela confiabilidade depositada no interlocutor, que por razão socialmente constituída, cumpre com o ritual de interação.

A confiança nas relações sociais representa um fator que possibilita o estreitamento de laços durante uma interação por abarcar o sentimento de que o rumo da interação seja entendido de certa forma como conjunto de ações reconhecidas como convencionalizadas (Garfinkel, 1963). Os participantes de um dado evento demonstram sua destreza na condução de suas ações, expondo suas características de organização e operação desses conjuntos de ações que

³ Um dado a ser levado em consideração é a averiguação das qualidades do agente na ação comunicativa: desejáveis ou indesejáveis. Somente através do processo de troca, poder-se-ia conceber os atributos do outro, desde de que o cerimonial interativo tenha se completado em sua totalidade; que Goffman (1967) denomina de formação de impressão.

envolvem a cena interacional. As *propriedades sócio-interacionais*⁴ são produtos que emergem da percepção de valores e de confiança, sendo demonstrados no intercurso das atividades interpessoais.

As relações de confiabilidade na interação requerem algumas premissas que justifiquem as ações recíprocas, visando à estabilidade da interação. A confiabilidade se dá pela garantia de que o comportamento do interlocutor seja afeito de maneira igualitária: o indivíduo deposita no outro a confiança do seqüenciamento interacional e, este por sua vez, deverá retribuir essa confiança revelando que suas ações práticas serão condizentes com a situação.

Conforme Johnson (1995), as relações sociais são reportadas em duas dimensões, a saber:

- 1) Solidariedade: comportamento similar, convenções partilhadas e reconhecimento mútuo do evento;
- 2) Poder: habilidade de autocontrole e de controle do outro por intermédio das regras sociais prescritas.

De acordo com Durkheim (apud Johnson, 1995: 41), solidariedade seria sinônimo de coesão por compreender que: “é um grau em que indivíduos que participam de um sistema social se identificam com ele e se sentem obrigados a apoiá-los com respeito a normas, valores, crenças e estrutura”.

Poder, segundo Johnson (1995), distingue-se em pessoal e coletivo, assim descritos:

- a) pessoal: relaciona-se ao *status* social; capacidade de influenciar e controlar outras pessoas tendo a ideologia ou a força física como instrumento de coerção social;
- b) coletivo: tem sua origem nas relações de produção pelo controle dos bens ou dos meios de produção.

⁴ Subentendem-se *propriedades sócio-interacionais* a persistência, a continuidade, a reciprocidade, a padronização e a uniformidade das atividades sociais do evento. As pessoas são aptas a lidar com essas propriedades com fim de obter o seqüenciamento de suas ações de acordo com o evento.

Diante desse contexto, a interação face a face detém características sociais que demonstram a predisposição dos envolvidos na obtenção de uniformidade de relações em um evento. Seu desenvolvimento requer elementos que facilitem a inteligibilidade mútua, regulando as ações práticas e desenvolvendo a confiança para que se processem as trocas sem problemas, obtendo dessa forma, um resultado esperado por ambas as partes. A obrigação e a expectativa funcionam como delineador das proposituras. O que se espera na interação é a promulgação de direitos, cujos participantes devem ater-se não só às suas obrigações sobre a cena, mas também suas expectativas da sua própria ação quanto a do outro; estribadas pela confiabilidade depositada.

Por fim, vimos que o processo de interação presencial representa uma ferramenta para organização e manutenção dos sistemas sociais e origina as relações interpessoais, por compreender que, regras de conduta e de cerimônia são premissas para a boa fluência interacional. Conquanto, o direito e o dever são exacerbados no decorrer da interação. O comportamento próprio e ação reconhecida conduzem ao reconhecimento de ações respeitáveis e condizentes; expressas dentro de uma situação de contato. Podemos identificar, através da cena/evento, o tipo de comportamento e ação que são típicos de uso. Mediante isso, utilizamos nosso conhecimento de sociabilidade para evitar confrontos diretos ou rupturas bruscas, buscando a uniformidade e o consenso como fatores inerentes às ações organizadas.

Contrapondo os aspectos da interação face-a-face aqui discutida, remetemos nossas considerações acerca das ações interativas que acontecem na virtualidade. Entendemos que os agentes sociais recorrem ao meio eletrônico com a intenção de convívio em grupo. Notamos que as similaridades entre as dimensões são bastante sucintas. Os usuários das listas utilizam seus conhecimentos sobre o meio para compor um estado de sociabilidade por meio de demonstrações de respeito e de ordem junto ao estabelecido pelo grupo, seguindo, assim, as regras impostas pela comunidade online, evitando com isso rupturas ou descréditos de suas ações.

Abriremos uma discussão a respeito da construção de identidade por parte dos membros de uma comunidade online, como essa identidade é representada na discursividade das listas, como os usuários constroem suas identidades e, que tipo de identidade escolhem como fio condutor no processo de engajamento através da mensagem de apresentação pessoal.

É sabido que o sujeito é constituído por várias identidades. Suas características pessoais são intrínsecas a si, o que diferem de outros seres de uma mesma sociedade ou comunidade. Visto neste prisma, suas marcas pessoais e sociais ressoam como constitutiva do sujeito por revelar suas características particulares.

No processo interativo, essas marcas tornam-se visíveis e a presença física reforça ainda mais a identificação dessas marcas, possibilitando ao agente social obter um pouco de informação sobre seu interlocutor. Nesse aspecto, é possível criar uma imagem sobre o interlocutor e a sua formação pessoal é revelada através de atributos biológicos imutáveis (Goffman, 1963), facilitando no reconhecimento desses atributos como únicos àquele sujeito. Em consequência disso, a interação torna-se não só um processo de troca mas também como um processo de reconhecimento dessas marcas pela linguagem⁵.

O sujeito social é constituído pelas suas marcas sociais, sua história, suas filiações ideológicas, sua classe social, etc. Podemos identificar a identidade social do sujeito por meio da ação verbal. Nesse aspecto, o sujeito da interação é caracterizado pelas suas diversas identidades que se presentificam na ação discursiva. Com essa assertiva, buscamos em Goffman (1963) um amparo para nossa análise a respeito da construção de uma identidade individual através das informações sócio-pessoais que se encontram inseridas na mensagem de apresentação pessoal. Mediante isto, poderíamos traçar um perfil social do usuário das listas, contemplando as características sociais que perpassam pelo discurso de auto-apresentação. Por outro lado, as mensagens de apresentação poderiam conter informações que se complementam entre si, a fim de compor a biografia do usuário, assim auxiliando no processo de reconhecimento do outro. Como estes tipos de informação encontram-se situadas no discurso de apresentação? Diante dessa questão, buscaremos averiguar quais pontos e posicionamentos estão adjacentes à construção de uma imagem do sujeito online. Para complementarmos nossa argumentação de que a formação de comunidade online dar-se-ia pelo processo interativo, é que vimos a necessidade de pontuar a questão da identidade, uma vez que o sujeito da interação online é constituído pelas suas próprias declarações, assim revelando suas identidades particulares.

⁵ Neste aspecto, os trabalhos de Rutter & Smith (1999) e Guise (1998) discutem a ausência do corpo físico na interação eletrônica. O *corpo virtual*, segundo eles, se construiria por meio da linguagem, que desempenha um papel essencial na formação de imagem ou identidade do interagente.

1.1.1.1. Identidade pessoal

Para entendermos as relações sociais que se formam no decorrer de uma ação interativa tendo a mediação do computador. O fator presença é resignificado pela intervenção da técnica e o usuário do meio eletrônico recorre a manipulação das suas informações pessoais e sociais, que lhe são inscritas, para subsidiar suas ações no decorrer das sessões de trocas.

Antes de indagarmos se as marcas sociais ou pessoais são relevantemente necessárias para a manutenção das relações, tomaremos um posicionamento teórico com fim de assegurar que as ações de apresentação pessoal comportam marcas ou até mesmo informações para situar os interagentes na comunicação interpessoal dentro das listas.

Goffman (1963) reconheceu que o sujeito social é constituído de marcas que o subscrive nas relações interpessoais e, essas marcas, por sua vez, configurariam um aparato informacional para a identificação do sujeito, posicionando-o socialmente, observando ainda seu grupo social de pertencimento ou até mesmo determinadas marcas que o estigmatizam.

As marcas pessoais, segundo Goffman (1963), servem para distinguir um ser de outro, não caracterizando o sujeito social de maneira padronizada, mas como um ser constituído de marcas próprias que o estabelece como sendo pertencente à uma determinada classe ou sociedade, detentor de características próprias que o distingue dos demais de sua área de convívio. Refuta a padronização, pois, embora o sujeito se encontre em uma determinada sociedade, suas marcas podem dizer sobre sua formação biológica e social. É nesse aspecto, que Goffman (1963) descreve como identidade pessoal: marcas físicas e informações inerentes ao sujeito que o constitui como ser único, i.e., reconhecendo-o como detentor de determinadas marcas que lhe são peculiares. A etnia, a aparência, os gostos, os gestos, a forma de expressão, a personalidade, o físico, etc. instanciam o sujeito como tendo uma identidade pessoal, diferenciada dos demais de seu grupo. Portanto, identidade pessoal é entendida da seguinte forma: “(...) conjunto de marcas para diferenciar a pessoa assim marcada de todos os outros indivíduos” (Goffman, 1963: 67).

As informações pessoais são orientadas a reconhecer o sujeito social nas suas mais diversas formas de relacionar-se em grupo. As informações particulares servem para subsidiar o outro na

interpretação de suas marcas, assim auxiliando na condução de suas ações e comportamentos que o dignificam como ser constituído socialmente, portador de características que o distinguem socioculturalmente de outros seres.

Embora as marcas físicas e comportamentais sejam imputadas ao sujeito, elas podem ser manipuladas com vista ao estabelecimento de um propósito particular ou até mesmo, para atenuar uma situação que o inscreve como ser marcado, desviando o outro de marcas possivelmente negativas, revelando somente suas marcas positivas, desse modo, conduzindo o outro a uma interpretação somente daquilo que queira que seja observado, dignificado. Outras informações pessoais podem ser manipuladas na interação, assim, conciliando as informações bio-comportamentais com as informações ideológicas através de manobras para encobrimento de determinadas marcas estigmatizadas pela sociedade. Um indivíduo que se encontra estigmatizado pela sua sociedade tende a manipular sua condição através de ações que atenuam a condição. Revela somente aquilo que lhe é pertinente, daí origina o uso do termo *acreditável*. Esta manobra, faz com que uma determinada informação tome um tom atenuante ou encobre a sua condição, ou seja, se um indivíduo tem uma marca estereotipada, por exemplo, um defeito físico, este defeito será explorado para que seja visto de maneira diferenciada. O indivíduo portador desse tipo de esteriótipo não salientará, em hipótese, sua condição mas outras que desviem o interlocutor de sua condição.

(...) determinado ator contem tipicamente alguns fatos que, se fossem introduzidos durante a representação, desacreditariam ou, no mínimo, enfraqueceriam as pretensões relativas à sua personalidade, que o ator estava tentando projetar (...).
(idem, 1959: 192)

Embora estejamos falando de identidade pessoal num âmbito da face-a-face nas relações interpessoais, nosso enfoque centra-se em outra condição em que se encontra o sujeito social, i.e., num ambiente midiático. Sua identidade pessoal, ao nosso ver, não é mais um fator condicionante para suas ações online, mas servindo de auxílio para a construção de uma imagem por parte dos interlocutores possíveis (Jacobson, 1999). As marcas que o constituem são relevantes para a organização e manipulação das informações que serão veiculadas, uma vez que o “presencial” na interação eletrônica é sobrepujado pela intervenção tecnológica. O sujeito se expõe discursivamente e suas marcas pessoais, ao longo de uma interação social, emergem na ação interativa, porém salvaguardando algum determinado estigma que por ventura

venha a sofrer. Por esta razão, entendemos que, na virtualidade, o sujeito se apresenta pelo uso da linguagem, suas marcas estigmatizadas são pouco difundidas ou anuladas, em seu texto apenas apresentam a si com elementos que conduzem seu interlocutor para uma determinada interpretação.

Em se tratando de relações sociais em ambientes eletrônicos, o que nos resta a acrescentar é que usuários de listas de discussão têm que aprender a contornar as barreiras que a técnica impõe às suas ações sociais. Por este motivo, o usuário é levado a experimentar o universo de possibilidades de construir uma personagem dentro de sua comunidade online, desde que, no transcorrer de suas sessões conversacionais, a informação pessoal marcada não seja identificada como algo *desacreditável*⁶, mas uma identidade particular que se instaura e que exerça um papel dentro do grupo sem margens de dúvidas ou questionamentos. Assim, as informações fornecidas inicialmente, ao longo das trocas, vão sendo observadas e monitoradas, e o interagente será reconhecido, desde que não seja percebido algo estranho à identidade construída, como *acreditado*.

1.1.1.2. Identidade social

Em contrapartida à identidade pessoal temos a identidade social do indivíduo, constituída de suas marcas sociais particulares. Estas marcas são variáveis e ao mesmo tempo controladas, centrada apenas no campo da intenção (Goffman, 1963). O sujeito é constituído socialmente através das características que lhe são inscritas, porém essas características refletem sua condição dentro de um grupo de pertencimento.

O agente social se constitui através de suas ações passadas e tende a se posicionar de uma determinada forma perante sua comunidade. Neste caso, as informações sociais o subscrevem como tendo uma identidade social. Por esta razão, é impelido a utilizar manobras que, por vezes, vêm a revelar ou encobrir suas marcas sociais. Entendemos por marcas sociais informações que inscrevem o indivíduo numa sociedade, tais como: *status* social, grupo de

⁶ Goffman (1963) discutiu a manipulação da identidade através da interação social. Em seu estudo, reconheceu que o sujeito da interação pode ser entendido, por suas informações particulares, como um indivíduo acreditável ou desacreditável, dependendo da veracidade das suas informações. Alega que se as informações não forem condizentes com o sujeito, pode levá-lo ao descredito pela sua comunidade.

pertencimento, afiliações ideológicas, etc. Essas categorias, a princípio, servem para caracterizar o sujeito como portador de uma identidade social, adquirida através de um processo contínuo de convivência com seus semelhantes.

A identidade social é expressa também na ação interativa. Determinadas marcas sociais são, por vezes, reveladas inconscientemente. Embora o processo de manipulação das marcas seja consciente, é bastante difícil sustentar um papel com todos os elementos necessários a todo o momento. Numa situação comunicativa a máscara pode cair na cena, tornando perceptível que a representação da identidade não esteja condizente com o anteriormente construído. O indivíduo é o reflexo daquilo que quer dizer, utiliza signos simbólicos para subsidiar a formação de impressão do interlocutor. No entanto, algumas informações sociais fazem-se necessárias para a interação, podendo ser *acreditável* ou *desacreditável* (Goffman, 1963). Isto depende apenas da utilização dos signos utilizados como condutor de uma intenção; por exemplo, o uso de um emblema de uma determinada classe ou ordem social usado na lapela de um casaco pode dizer muito sobre sua afiliação política e ideológica. No entanto, este signo pode ter sido manipulado para ser entendido dessa forma, para realizar desejos particulares. O que delimita o uso da informação social é a intenção. O indivíduo requer para si uma posição ideológica a fim de obter uma determinada ação por parte de seu interlocutor, por exemplo: para se ter uma atenção diferenciada junto ao gerente de um banco em razão de um empréstimo, temos que nos apresentar socialmente através de artefatos simbólicos que denotem a condição de que temos condições de cumprir com os prazos de pagamento, demonstrando que temos fontes seguras para sanar a dívida. A vestimenta, o comportamento, a linguagem e as fontes de recursos são manipuladas a dar a impressão de que a negociação será cumprida a contento. Desse modo, recorreremos às informações sociais positivas para ilustrar nossa intenção e a realização do acordo. Tal manobra, Goffman classifica como sendo manipulação social e “os signos portadores de informação social variam, é claro, no que se refere à sua confiabilidade” (Goffman, 1963: 57).

Algumas informações que compõem a identidade social, tais como: nome, situação social, estado civil, etc., circunstanciam o sujeito a agir de acordo com seu grupo de convívio. Todavia, essas informações podem ser também manipuladas, o que difere da sua identidade pessoal que pode somente ser atenuada. Partindo desse princípio, nossa análise sobre a construção de uma

identidade dos usuários das listas está centrada na maneira como a informação pessoal e social é apresentada nas mensagens de apresentação pessoal, como e de que modo essas informações são postas no discurso que visa somente a apresentar um pouco de si para reconhecimento de suas intenções diante de um grupo social.

1.1.2. Interação no contexto eletrônico

As listas de discussão são uma modalidade assíncrona de comunicação. Utilizam sistemas gerenciadores para formação comunitária. Por essa razão, o que temos a dizer sobre a influência do sistema informático no comportamento interativo de seus participantes é que as listas eletrônicas de discussão detêm características próprias e auxiliam na organização e ordem da discussão voltada ao tópico.

As listas estudadas visam objetivos práticos, isto é, seus usuários valem-se do espaço eletrônico comum para práticas de uma língua estrangeira (inglês) e, concomitantemente, para inter-relações pessoais. Entendemos que a estrutura comunicativa assemelha-se aos de uma assembléia, cuja função é promover a discussão de um tópico de interesse comum, resignando apenas a deliberação e a ordem como instâncias interacionais.

Embora estejamos falando de comunicação mediada por computador, outros aspectos além dos estudos lingüísticos podem auxiliar na obtenção de um entendimento dos mecanismos que motivam o funcionamento das listas, seus aspectos não só conversacionais, isto é, de trocas de mensagens, mas também de fluxo interativo.

Kollock & Smith (1996) argumentam sobre os espaços eletrônicos que acolhem muitas pessoas interagindo socialmente como um trabalho colaborativo. Esclarecem sua posição alegando que, nesses espaços, a cooperação e o sentimento de unidade facilita as ações práticas da vivência em comunidade. Por esta razão, situam o discurso eletrônico como sendo democrático: pessoas podem dentro de parâmetros estipulados para comunicação experimentar e praticar novas formas de sociabilidade. Conforme exposto por Marcelo (2001: 15):

É importante referir que não se pode estabelecer uma classificação rígida das manifestações de sociabilidade, na medida em que, em cada agrupamento social, surge, muitas vezes em combinações diversas.

De fato, a visão positivista que temos com respeito as relações virtuais serem puramente interativas faz com que a interpretação das manifestações sociais sejam tomadas equivocadamente. Por isto, nosso esforço em conferir que determinadas comunidades da rede “podem” facilitar no estreitamento de laços, fazendo com que as inter-relações tornem-se mais afáveis.

Uma das vertentes teóricas que descrevem as comunidades da CMC como espaço que apaga o corpo do sujeito, toma como postulação o fator presença na comunicação. As discussões acerca da presença física na comunicação são, ainda, um dos grandes pontos de questionamento por parte de pesquisadores da interação face-a-face que observam o “corpo físico” como parâmetro para estabelecimento de relações sociais mais afeitas e, por conseguinte, auxilia na interpretação social do interagente na interação face-a-face.

Tratando-se de comunicação humana, cuja mediação recai sobre os equipamentos tecnológicos, não mais se vê o corpo físico presente nas ações interativas. As limitações impostas pelas mídias eletrônicas foram vencidas por intermédio de mecanismos lingüísticos que auxiliam na inteligibilidade dos significados no decorrer de uma sessão comunicativa (marcadores discursivos, marcadores de prosseguimento, de troca de turnos, de encerramento, etc.). Em contrapartida, as mídias interativas, para alcançar uma melhor utilização do potencial humano na interação eletrônico, oferecem mecanismos técnicos que acrescem à interação a noção de presença. Os *emoticons* conduzem um interagente a interpretações de ordem subjetiva – afetivas e/ou comportamentais – dos significados que carrega, devendo desse modo, exprimir aspectos que somente no presencial era possível. Cardoso (1999) descreve *co-presença* na comunicação eletrônica como sendo:

*O desaparecimento do corpo, no sentido de uma anulação crescente das interações baseadas no contato não-mediado, no qual estariam privilegiados os espaços da expressão corporal, parece advir de uma **abstração idealista** do corpo. (op.cit.: 46; grifos no original).*

Diante das argumentações expostas, somos levados a entender que no espaço de interação mediada por computador a obliteração do corpo faz com que novos mecanismos sejam eleitos para contornar os limites impostos pelo meio, assim como ocorrido na comunicação mediada pelo telefone. A noção de co-presença está atrelada a comunicação nas listas através do sistema

informático que garante aos membros terem a noção de presença, de existência, não só virtuais (ex.: apelidos), mas também concebendo sua representatividade na realidade. A visualidade das ações geradas no intercurso das interações, registradas nos domínios das listas, auxiliam no reconhecimento da presença não física, mas cunhada sob interatividade pura (Santaella, 2000).

Korenman & Wyatt (1996) descrevem a comunicação nas listas como dinâmicas de grupo. As ações interativas revelariam laços sociais estreitados e auxiliariam na construção do que denominam *groupness*, em nosso entendimento como agrupamento. Os participantes de listas, gradativamente, no decorrer do intercurso das sessões de trocas vão aprimorando a sua própria noção de grupo pelos contatos fazem durante as discussões. Para autores, as ações são governadas pelo sistema informático e o volume crescente de informações colaborativas auxiliaria a formação de comunidade. Contudo, o volume de textos que circulam no decorrer das sessões pode também atrapalhar no processo de colaboração. Citações muito longas, utilização de excertos de outros textos como referência tópica, assinaturas e comentários longos comprometeriam a função das listas, onde os fatores inteligibilidade e discursividade ficariam comprometidos pelos excessos.

De acordo com os autores, a colaboração seria substancial para o bom funcionamento das listas, o comprometimento com os bens comuns e a preservação das regras de governo evitariam problemas no contínuo interacional. Amplamente, os limites impostos, que regem a vida em coletividade, direcionam os participantes de listas a utilizarem aparatos sociais (discurso) e técnicos (canal) para estabelecerem a ordem social do grupo.

Por este caminho, nosso estudo revelaria o fluxo interacional das listas de discussão, de maneira a pressupor a existência de cooperação e coordenação entre os participantes e sua produção interativa. Seria possível estabelecer a regularidade das ações de trocas através do fluxo de mensagens demonstrando, desse modo, a existência de uma comunidade de fato.

1.2. O sujeito e seu discurso

Uma vez que nosso trabalho encontra-se inserido no contexto da comunicação social, nossa preocupação é buscar uma linha de entendimento que subsidie as pressuposições aqui alcançadas e abrir uma discussão a respeito do uso do discurso social como contexto para

aceitação e reconhecimento por parte de uma comunidade online, de que maneira o sujeito online valida-se de estratégias enunciativas para compor um significado sobre si, suas expectativas frente à comunidade e suas intenções e contribuições à discussão online. Neste aspecto, o aparato teórico da análise do discurso poderia auxiliar-nos na composição de um entendimento desse tipo de discurso e contribuir com instrumentos para analisar a situação declarativa nos *e-mails* de apresentação pessoal. Buscaremos a partir dos subsídios teóricos compreender como é apresentado o interagente nas listas de discussão. Acreditamos que linguagem e discurso fazem parte da sociedade, refletindo a estrutura e o momento social do discurso, por esta razão, como agregamos valor às nossas declarações na interação e o que se objetiva com isso.

O discurso aqui é entendido como uma categoria que pertence ao campo social, enquanto que texto é relativo ao campo lingüístico. Os dois são coordenados mutuamente, o discurso emerge do texto e dele se deriva. Linguagem e sociedade encontram-se em posições iguais, a sociedade só se reconhece pelo discurso que carrega consigo e linguagem só se materializa nas práticas sociais. Os aspectos sociais e ideológicos que circundam o discurso agora são objetos de preocupação, de análise. O discurso social traz consigo as relações que se formam entre a sociedade e a sua história, sendo materializado na interação. Por esta razão, o discurso desempenha um papel funcional na sociedade e o sujeito é visto em pleno desempenho de seu papel social. Se pensarmos que o discurso de apresentação pessoal é um fato social, uma maneira de revelar vontades particulares com o objetivo de pertencimento. Podemos, então, dizer que as mensagens de apresentação são características de uma situação comunicativa, logo, intrínseco ao meio eletrônico. Por isto, nossas acepções sobre discurso, interação e comunidade acrescentam à nossa argumentação acerca do universo online, contribuindo, desse modo, com uma visão a respeito da comunicação mediada por computador.

1.2.1. Sujeito, ideologia e poder

Não podemos abrir uma discussão sem ao menos situarmos o sujeito do discurso, como e de que modo seus enunciados refletem sua condição social e identificam suas pressuposições com respeito à comunidade, observando a linguagem e o contexto de uso do discurso. O sujeito tem a habilidade de representar a língua em diversos aspectos, compondo significados através da

linguagem. Entretanto, este conceito de sujeito, na análise do discurso de linha francesa (AD), não é considerado simplesmente um depósito de intenções objetivas, uma vez que sendo ser múltiplo, seu discurso pode referir-se a condições sociais temporais e assim não sendo compreendido em sua totalidade discursiva, ou seja, sua formação ideológica e discursiva⁷.

No que tange às relações entre sujeito, discurso e sociedade, os analistas do discurso encontram-se submersos em formulações que conferem ao sujeito do discurso um espaço para as suas próprias declarações, observam os aspectos lingüísticos e sociais dentro de um mesmo prisma. Com isto, o sujeito situa-se na condição de enunciador, falante de um dado discurso. A posição do sujeito perante seu discurso é questão de análise, tendo como parâmetro a funcionalidade da linguagem em contextos sociais. Por esta razão, o sujeito é visto dentro de uma posição de representação.

O contexto das ações discursivo é afeitos de situações sociais que restringem o uso, incondicional, da linguagem. O sujeito recorre a diversas estratégias lingüísticas para compor significados e representar outros, objetivando estabelecer o uso desse discurso num contexto social de interação. Para melhor ilustramos nossa argumentação, vejamos o esquema abaixo:



⁷ Segundo Brandão (2000: 37), “o discurso é uma das instâncias em que a materialidade ideológica se concretiza, isto é, é um dos aspectos materiais da ‘existência material’ das ideologias. Enquanto que, formação discursiva estaria ligada a materialização das ideologias, interligada a produção discursiva”.

O sujeito do discurso encontra-se envolvido no seu próprio discurso, logo, o sujeito não é o centro do discurso, mas seu materializador. Por conseguinte, sua fala reflete as relações de poder que envolvem sua intenção, tendo passagem pelo uso estratégico da linguagem. Embora estejamos falando de discurso, as manifestações sociais através dele se propagam funcionalmente na sociedade como elemento mandatário e ao mesmo tempo subjetivo. Confluem nele aspectos ideológicos e históricos a fim de assegurar a intenção enunciativa, determinada somente pela estrutura social (Fiorin, 2001). Com isto, “o falante lança mão de estratégias argumentativas e de outros procedimentos da sintaxe discursiva para criar efeitos de sentido de verdade ou de realidade com vistas a convencer seu interlocutor” (Fiorin, 2001: 18). Sua posição no discurso é de articulador, recorre a mecanismos lingüísticos com finalidade de estabelecer a sua intenção enunciativa. Os papéis ficam definidos no discurso, conforme explanado por Brandão (2000: 46):

(...) as relações interlocutivas estão concentradas na idéia da interação, harmonia conversacional, troca entre o eu e o tu..

Brandão salienta que o sujeito do discurso, incompleto e fragmentado prima por uma unicidade, refletindo a “vontade de ser inteiro”. Portanto, o *eu* enunciativo só encontra respaldo no *tu*, só se completa na interação com o outro, reflete-se no *nós* que representa a união dos pólos que acercam a interação.

Diante desse panorama, o discurso de apresentação pessoal é, por nós, observado quanto a posição do *eu* frente ao *nós* que compõe a massa comunitária. Este *eu*, por sua vez, é visto como portador de elementos subjetivos que acrescem à massa comunitária força para ampliar a concretização do sentido de comunidade através de contribuições e reflexões sobre a posição ideológica da comunidade.

1.2.2. Discurso, linguagem e contexto

Com referência a situação do discurso nos diversos contextos sociais, as relações subjetivas que emergem dele pode configurar uma ferramenta social, positiva (inclusão) ou negativa (exclusão), o que Foucault (1996) classifica como sendo de ordem do discurso. Refere-se às relações de saber e poder, que se imbricam no discurso, revelando as condições de “verdade” e

“supostas verdades”. Foucault visualiza o discurso como mantenedor de elementos de *coerção social*, por abarcar em seu bojo traços distintos de poder. Não é o poder que permeia as lutas de classes, mas sim o poder que emana dessas lutas, condicionam o sujeito ao enaltecimento e, ao mesmo tempo, à subordinação discursiva dentro de um ritual social, que determinado tipo de discurso é encampado.

Com forma de funcionar parcialmente distinta há as “sociedades de discurso”, cuja função é conservar ou produzir discursos, mas para fazê-los circular em um espaço fechado, distribuí-los somente segundo regras estritas, sem que seus detentores sejam despossuídos por essa distribuição. (Foucault, 1996: 39)

De ordem conflitante à relação entre poder e ideologia, o discurso social compactua com as formas de representação do poder econômico, visto como encrostados de asserções que celebram o ideário humano como formulador e propagador de ideologias. Com vistas ao entendimento desse mecanismo subscrito no discurso, a ideologia, ainda assim, é um termo utilizado com diversas acepções, porém dignificada pela sociedade. Para Marx e Engels (apud Brandão, 2000 e Fiorin, 2001), o sentido do termo ideologia repousa sobre o conceito de produção de idéias e as condições sociais e históricas de sua produção.

Nossa posição enquanto ao termo ideologia centra-se na dominação, na referenciação e na introspeção de um dado discurso social. Isto posto, entendemos ideologia como uma função social de segregar ou seletivizar um determinado discurso. Assim entendemos a partir das postulações exaradas por Brandão (2000), Fiorin (2001) e Pinto (1999) que os traços ideológicos que permeiam o discurso refletem a noção de situação discursiva, i.e., a posição em que o sujeito do discurso encontra-se na ação comunicativa diante de seu interlocutor. O enunciado formaliza o processo de produção, circulação e consumo dos sentidos entabulados, cujo discurso carrega uma massiva carga de intenções subjetivas de outra ordem (relações de poder), de outra fonte de outros discursos (polifonia).

O discurso é uma realidade social e insere o sujeito em situações em que a interação social visa apresentar e relacionar a situação sócio-histórica do falante junto a situação de declaração. Estabelece as relações interpessoais de poder através da fusão de ideologia e reificação de um estado ou comportamento ou até mesmo de uma classe social. Com isto, o discurso e a acepção das relações humanas serem mediadas pela tecnologia, o poder é estabelecido e representado

pela utilização do canal de comunicação, pelo uso da linguagem. Então, o discurso de apresentação pessoal, por ser característico de uma situação social, compreende vários aspectos da sua formação ideológica, traz consigo nuances de querer e poder, sendo identificadas por meio de um estudo mais voltado às suas características enunciativas. Como o enunciador do discurso de apresentação pessoal formaliza suas intenções de interagir, tendo como base, as ferramentas técnicas que o emoldura e lança mão de estratégias lingüísticas para materializar essas intenções.

Diante do surgimento do discurso eletrônico, as anotações feitas sobre a CMC indicam a existência de gêneros e subgêneros textuais que emergem das comunicações interpessoais e que passam pelo canal de comunicação. O discurso não se centra mais nas formulações da sociedade presencial, e sim, nas reformulações do discurso social dentro de um outro universo, o virtual. Por outro lado, a comunicação interpessoal incorpora as novas maneiras de dizer e significar a informação veiculada através da mediação do computador.

O texto eletrônico comporta aspectos discursivos que o valoriza como um tipo de ferramenta sócio-comunicativa. Situa os agentes virtuais a recorrerem a determinados gêneros textuais à essa nova modalidade interativa para exercer funções sociais adversas (papéis). Por exemplo, numa sessão de trocas de mensagens pode-se observar que vários gêneros e subgêneros circulam no decorrer de uma discussão. Cada um tendo uma função na comunicação.

Em tratando-se de gênero, encontramos em Bakhtin (1986) um excelente ponto de referência para investigarmos os fenômenos textuais que ocorrem nas situações de trocas, por entendermos que gênero seria:

Forma de enunciados (orais ou escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana. (nossa tradução, Bakhtin, 1986: 279)

Ainda assim, a construção, a forma de propagação e o contexto de uso de um determinado enunciado fazem com que seja caracterizado como um gênero específico para aquela situação discursiva.

Estamos falando em “gênero de discurso” ao nos posicionarmos frente às diversas manifestações textuais que ocorrem nas sessões de trocas nas listas e que desempenham uma função social num contexto. Erickson (1997) considera todas essas manifestações como sendo inerentes à comunidade online, o que denominou com sendo uma “comunidade discursiva”. Haveria uma relação direta entre “gênero e comunidade” que prescinde aos modos de uso da linguagem em determinados ambientes mediáticos. Classifica esses usos pelo tipo e pela forma com que esses textos são materializados através de determinadas ações sociais verbais em situações particulares de contato. Erickson vê alguns critérios interessantes para a identificação de gêneros no discurso eletrônico, o que verificamos junto a nossas comunidades:

CRITÉRIOS	ENGLISHLEARNER	LEARNINGENGLISH
Objetivo comunicativo do discurso	Trocas simbólicas de muitos para muitos, visando a língua inglesa como tema central	Trocas simbólicas de muitos para muitos, visando a prática e a aprendizagem do inglês como tema central
Natureza da comunidade discursiva	Espaço público restrito à assinantes aprendizes de inglês	Espaço público comum para praticantes e aprendizes do inglês
Regularidades da forma e conteúdo da comunicação, fundamentadas nas expectativas e convenções	Mensagens de apresentação pessoal	Mensagens de apresentação pessoal
Propriedades de situações recorrentes no qual o gênero é empregado	<ul style="list-style-type: none"> - Como processo de aceitação e engajamento - Como resposta à um engajamento 	<ul style="list-style-type: none"> - Como processo de aceitação e engajamento - Como resposta a um engajamento

Quadro 1: critérios de gênero aplicados às listas EL e LE

Se observarmos as similaridades apresentadas entre as comunidades, o quadro acima faz com que reconheçamos que há pré-requisitos para a identificação de um gênero discursivo. No quadro, observamos que as mensagens de apresentação pessoal, socialmente, desempenham uma função na comunidade, o de subsidiar outros processos, tais como: aceitação e engajamento. Nas suas partes internas o enunciado é contextualizado a fim de promover o contato interpessoal com o grupo, fornecendo, primeiramente, informações a respeito do declarante.

O meio auxilia na elaboração/utilização de um gênero discursivo. Todavia, não pode ser caracterizado a partir do meio, mas sim a partir da função social que exerce no meio. Gênero, então, seria um posicionamento discursivo dentro de um contexto interativo. Portanto, gênero corresponderia:

... às situações típicas de comunicação, temas típicos e, conseqüentemente, para contatos particulares entre os significados das palavras e realidade concreta atual sob certas circunstâncias típicas. (nossa tradução, Bakhtin, 1986: 279)

Não averiguamos o universo das condições interpessoais nos meios eletrônico, o que poderia revelar uma gama de tipos de gêneros. A mediação contribui para a criação e a veiculação de gêneros dispares entre si. Se partirmos do pressuposto de Bakhtin (1986) que distingue os gêneros do discurso em primários e secundários, vimos no primeiro um condutor importante para a interpretação de gênero na comunicação presencial por comportar diversos tipos de enunciados os quais são produzidos no decorrer de um evento comunicativo.

Nos estudos de Batista (1998) sobre a troca de *e-mails* no ambiente de trabalho, a autora reforça a discussão a respeito da existência de relações assimétricas, ou seja, entre superiores e subordinados de uma empresa. Em suas conclusões, os enunciados no contexto profissionais contem traços de formalidade, de distanciamento e de linguagem elaborada. Porém, nas cartas interpessoais que visam o contato em relações simétricas, essa problemática fica subjacente, uma vez que os envolvidos neste tipo de comunicação assíncrona recorrem ao texto elaborado com marcas de oralidade. Batista (op.cit.) identificou dois tipos de função das mensagens de troca de informação de uma empresa:

- (a) solicitar ação ou informação;
- (b) dar ação ou informação.

Nosso foco de análise centra-se na possibilidade do *e-mail* veicular gêneros interdependentes⁸. Diante disso, nossa preocupação em reconhecer se a mensagem de apresentação pessoal fosse

⁸ Batista (1998) e Herring (1996) alegam que o meio eletrônico comporta gêneros discursivos e que só é possível sua identificação observando sua estrutura, sua forma, seu conteúdo e sua função social, vendo o interligamento dessas unidades do discurso para composição de sentido.

um gênero é que passamos a observar a estrutura, a forma e a função desse tipo de mensagem revelar-se como gênero.

Diante desse apanhado teórico apresentado, vimos que os enunciados exercem uma função na comunicação interpessoal; suas características textuais leva-nos a acreditar que as mensagens de apresentação pessoal serem um gênero podendo ser observado de duas formas:

- (a) pela sua função enunciativa: reconhecer, a partir de indicadores lingüísticos, a relação entre o enunciado e a sua função social dentro das listas;
- (b) pela estrutura organizacional do enunciado: como é a estrutura da mensagem de apresentação e seus componentes internos.

Ressaltamos que, nossa análise sobre gênero valer-se-á do critério função enunciativa para contemplarmos a funcionalidade do discurso de apresentação pessoal como intrínseco ao meio de veiculação e, por estrutura organizacional do enunciado, descrever a estrutura das mensagens de apresentação conterem características que demonstrem que este tipo de discurso seja um gênero. Desse modo, reforçaríamos as considerações que Erickson (1997) fez a respeito do gênero estar relacionado ao conceito de comunidade.

1.3. Comunidade no modelo clássico e na contemporaneidade

Para situarmos historicamente acerca da formação de comunidade presencial e comunidade eletrônica, resgatamos os conceitos clássicos sobre o tema a fim de traçar um paralelo entre as dimensões que envolvem o termo comunidade. A partir dos postulados clássicos, poderemos entender melhor como se daria e quais elementos socioculturais são necessários para interpretarmos se as listas eletrônicas de discussão são, de fato, comunidades.

O conceito de comunidade vem, ao logo do tempo, sendo reformulado pela sociologia para acolher os aspectos sócio-históricos do convívio social humano. O termo comunidade é interpretado e descrito por razões distintas; trata as *realidades existenciais* como acepções de *ordem e caos* dentro de um grupo social (Fernandes, 1973).

Há de se pesar que a distinção entre comunidades antigas e comunidades modernas encontra seus diferenciais nos marcos temporais. Ao longo da história do homem, a visão sobre a formação de laços entre pessoas que coabitam o mesmo espaço geográfico é compreendida pela queda de sistemas sociais antigos (feudalismo) em detrimento de novos (mercantilismo). Revelam-se então as necessidades que se tornam percebidas pela comunidade com a evolução do homem moderno (Fernandes, 1973). A diversidade de acepções terminológicas sobre comunidade deriva da evolução sociocultural do homem, num processo contínuo de averiguação e manutenção da estrutura social, de preservar os valores e bens culturais intrínsecos à comunidade regionalizada. O caráter interpretativo dado ao termo comunidade centrava-se apenas no interligamento de partidários de bens, espaço, etnia, política e cultura comuns; não contemplava as influências sofridas pela ciência e pela tecnológica que, com o passar dos anos, invadiram a vida cotidiana da comunidade na contemporaneidade, concentrando-se apenas nas mudanças sociais da convivalidade em comunidade.

Embora houvesse distinções e contrastes conceituais sobre o emprego da palavra *comunidade*, a sociologia dispendeu esforços para não mais excluir a ação científica e tecnológica e suas conseqüências no comportamento e descrição do homem na convivência social em comunidade, não o vendo como um ser regrado, mas sim subordinado a uma gama de intempéries sócio-históricas, na qual cada um dos fatores presentes na comunidade influencia e é influenciado, num jogo recíproco de mutações que alteram e delineiam a organização social.

Um dos pontos de partida que observamos junto aos modelos clássicos é de o conceito de comunidade centrar-se justamente na estabilidade social através da proximidade geográfica, onde o ambiente físico potencializa as *ações recíprocas* (Tönnies, 1973 e Fichter, 1973). Considerando o espaço comum como delimitante das relações comunitárias, Fichter (1973: 154) esclarece:

Comunidade é um grupo territorial de indivíduos com relações recíprocas, que se servem de meios comuns para lograr fins comuns. (...) Os membros da comunidade têm consciência das necessidades dos indivíduos dentro e fora de seu grupo imediato e tendem a cooperar estreitamente.

Para a formação de comunidade, o que vimos até aqui é que o grupo necessita de um espaço físico comum como cenário para suas relações interpessoais que formariam uma comunidade.

Outros aspectos a respeito do tema *comunidade* são vistos a partir da influência do computador na comunicação humana. De acordo com o exposto, vimos até este momento que, a compreensão e a definição de uma comunidade era através do interligamento de pessoas dentro de um mesmo espaço territorial. Contudo, com a invasão dos computadores em rede, este paradigma sofreu mudanças em virtude da comunicação interpessoal não mais depender do contato face a face para sua realização.

As relações que antes se estreitavam por meio da comunicação face a face, agora é vista pela mediação do computador na formação dessas relações. Os usuários, quando do uso dessa ferramenta para propósitos comunicativos, vêem-se suas ações social terem que ser enquadradas aos moldes impostos pela mediação do computador. Com o uso do computador para comunicação em grupo, vimos a necessidade de um canal que possibilite a difusão dos propósitos comunicativos em grupo. Por este motivo, as listas eletrônicas de discussão tendem a ser uma ambientação propícia para a realização desse tipo de comunicação. As ações sociais são mediadas por um sistema técnico que tem por objetivo agrupar pessoas e difundir a comunicação para o grupo. Assim, os envolvidos neste sistema poderão obter as informações que circulam dentro do grupo.

Morino (1994)⁹ define as ações sociais coletivas mediadas por computador como processo facilitado pelas ferramentas eletrônicas emergentes conterem elementos técnicos que corroborariam para comunicação e para a difusão da informação, de maneira global, assim intensificando o fluxo intercomunicacional na comunidade, levando-a a sua auto-sustentação. Este processo estabeleceria as relações sociais em grupo como “redes cívicas” (London, 1997), promovendo o que acreditaria ser necessário para uma rede de relações sociais:

- i) promover o debate público, pela deliberação e resolução de questões de modo partilhado;
- ii) organizar a comunicação e a informação relevante para as necessidades da própria comunidade;

⁹ Mario Morino, Assessment and evolution of community networking. In: LONDON, S. (1997) **Civic networks: building community on the net**. Disponível em: <http://www.west.net/~insight/london/networks.htm>.

- iii) incluir, engajar e envolver a participação de cidadãos numa base contínua;
- iv) fornecer a inclusão de membros de uma comunidade, em condições diferentes, especificamente, àquelas com desabilidades físicas ou sociais;
- v) permitir acesso a baixo custo ou gratuito;
- vi) representar cultura local, de importância local, orgulho ou sentido de comunidade por seus membros.

Diante disso, as relações sociais em comunidade estariam asseguradas pela promoção e pela defesa dos direitos às relações sociais em grupo, o que acreditamos estar relacionado ao alegado por London (1997) quando discute a formação de comunidade online. Para ele, seriam três qualidades vitais para as relações sociais humanas fortalecerem-se em ambientação virtual:

- esfera pública: espaço ou situação que propicie a formação de opinião pública;
- deliberação: formação de opinião pública, através do debate, voltada ao consenso;
- capital social: bens e valores sociais que, através do debate público, tornam-se convencionalizados.

Sem essas qualidades, segundo ele, não haveria a integração do fluxo comunicativo dentro do grupo, causando, sobretudo, a dispersão social pela ausência de parâmetros que se instituem como reguladores da interação humana. É interessante o posicionamento de London (1997) frente a problemática em discussão, uma vez que o termo “esfera pública” é resgatado de Habermas¹⁰, que denomina “esfera pública” como sendo “um domínio de nossa vida social na qual as coisas, como opinião pública podem ser formadas”, desse modo possibilitando a interação espontânea para discussão de interesses comuns.

Em se tratando de dimensões distintas para formação de comunidade, acreditamos que a dimensão virtual pode ser descrita por meio de metáforas. O espaço físico na virtualidade é conhecido como *lugar comum*, desprovido de características geográficas, por exemplo, região urbana ou rural, portanto, o lugar na virtualidade é visto como um espaço metafórico.

¹⁰ Ver, HABERMAS, J. (1984) The theory of communicative action. Vol 1., **Reason and the relationalization of society**. Boston: Beacon Press.

Oldenburg (1989)¹¹ que acredita que o homem moderno vive novas condições em sua vida cotidiana, por esta razão, a vida dar-se-ia em três esferas distintas e correlatas à vivência humana: a familiar, a de trabalho e as de laços diferentes das anteriores. Na primeira esfera, a vivência em família, laços formados pela herança genética, na segunda, as relações são estreitadas para a realização do trabalho corporativo e na terceira, diferiria das anteriores por possibilitar a experimentação de outros tipos de relações. Essas esferas são, respectivamente, denominadas como 1.º, 2.º e 3.º lugares, onde no “terceiro lugar” seria o mais propício para as deliberações coletivas sobre interesses/objetivos comuns. Contudo, o que temos a opor sobre esta visão é a mistura dessas esferas na virtualidade, ou seja, se observarmos a troca de mensagens dentro de um ambiente profissional¹², as relações estariam ligadas, de certa forma, ao trabalho corporativo, portanto, entendemos que a visão de Hamman (1999) não contemplou as possibilidades de mistura das esferas no contexto eletrônico.

Os usuários dos meios eletrônicos de comunicação à distância, perceptivelmente, vão valendo-se de modalidades comunicativas similares às presenciais, esboçam suas vontades por meio de uma linguagem que se assemelha a uma interação presencial. A linguagem utilizada, ao nosso ver, pode conter marcas de oralidade na escrita, desde que, a posição ou o contexto que envolve os interlocutores seja definido, ou seja, se tomarmos um contexto profissional, a linguagem pode variar de acordo com os papéis dos interlocutores. Nos estudos de Freire (1998), a linguagem das mensagens eletrônicas no ambiente profissional varia de acordo com o tipo de relação que acerca a interação. Se os envolvidos mantiverem uma relação simétrica (igual x igual), há uma tendência da linguagem ter mais marcas de oralidade, enquanto que, numa relação assimétrica, poderia conter mais marcas de formalidade do discurso escrito.

De acordo com London (1997), nas esferas públicas online o indivíduo repudia o isolamento social, desenvolve um sentimento de proximidade através das interações, vê na esfera pública um “espaço libertário”, isto é, destituído de marcas socialmente estabelecidas por sua condição (etnia, religião, posição social, etc.). Em suas palavras, “a CMC tende a cegar a hierarquia

¹¹ Ver, OLDENBURG, R. (1989) **The great good place**: caf's, coffe shops, community centers, beauty parlors, general stores, bars, hangouts, and how they get you through the day. New York: Paragon House.

¹² Freire (1998) e Batista (1998) estudaram as trocas de *e-mails* em contexto profissional. Apontaram em seus estudos a formação de gêneros através da identificação dos tipos de mensagens que se trocam em ambiente de trabalho.

social nas relações sociais”¹³ (London, 1997) e denomina as comunicações interpessoais na rede como sendo “conversas democráticas”. Alega que este tipo de interação constituir-se-ia através dos seguintes critérios:

- Articulação de interesses num processo de barganha e troca;
- Pela persuasão discursiva;
- Cenário agendado como contexto para a comunicação;
- Autonomia nas postulações;
- Defesa e preservação dos bens comuns;
- Membros participativos.

London (1997) não define muito bem o conceito de deliberação, apenas aponta a sua importância como direito socialmente constituído. Ou seja, os membros têm a oportunidade de explorar, questionar e relacionar-se em uma troca substancial sobre questões que emergem de outras, sendo capazes de resolvê-las sem interferência de outros. Aponta a necessidade do ato deliberativo como vital para a defesa dos bens comuns; vislumbram as “possíveis vantagens” da CMC como transcendente à zona temporal e agendas pessoais e que permite tempo para reflexão sobre questões mais profundas. Este posicionamento pode nos auxiliar se pensarmos as ações simbólicas que co-ocorrem na ambientação eletrônica são significativas para o desenvolvimento da vida do grupo. Pode ser observada claramente quando as situações de troca entre determinados membros são compartilhadas pelos demais. Dessa forma, nenhum membro ficaria, em princípio, excluído da discussão.

O capital social, segundo ele, se constituiria de confiança, normas e costumes possibilitando às pessoas resolverem problemas de ordem comum. Sem esses elementos, se tornariam frágeis as relações sociais coletivas, assim, obscurecendo o sentido de unicidade social. Compreende-se como capital social os “círculos virtuosos que resultam num equilíbrio social com alto nível de cooperação, confiança, reciprocidade, engajamento cívico de modo coletivo” (London, 1997).

¹³ A respeito dessa afirmativa, temos a dizer que nossas listas são de adesão espontânea, por este motivo, acreditamos que em nossas listas isso possa ocorrer. Todavia, se pensarmos em listas que agrupam pessoas de uma mesma comunidade, tal como, uma lista de estudante da mesma escola ou profissionais de uma empresa, esta questão de hierarquia fica visível, pois os papéis na interação eletrônica são identificados.

Em essência, esses elementos serviriam de base, com a finalidade de estabelecer e dar suporte às relações interpessoais que potencializariam a integração social da comunidade.

Portanto, comunidade transporia a instância de localidade, descrita pelo modelo clássico, e celebraria as relações mútuas como o direito de argüir, questionar e se manifestar dentro de determinados parâmetros para a interação online; o espaço público, não institucionalizado, reforçaria o engajamento de pessoas às comunidades online por facilitar o acesso aos conteúdos da discussão e por não ser necessário, primeiramente, pré-requisitos para o engajamento, tais como: estratificação social ou de outra ordem, ficando apenas o interesse particular agregado ao coletivo.

O que vimos foi que desde o modelo clássico de comunidade as relações sociais são descritas com vistas aos valores e bens comuns. Entretanto, neste modelo, o espaço geográfico seria o delimitador das relações coletivas. No modelo contemporâneo, o espaço físico torna-se metafórico no virtual, forma-se com isto apenas uma noção de lugar para práticas sociais em grupo, sendo mediado por um sistema eletrônico que auxilia no interligamento dos usuários das listas. A transposição de lugar é vista a partir da diferença entre as dimensões que diferenciam as relações reais das virtuais.

As modalidades da CMC tendem a abarcar uma grande quantidade de pessoas em interações fracionadas, ora síncronas ora assíncronas, mas no contexto da formação de laços sociais em grupo, o que pressupomos ser uma *rede comunitária*. Compreedemos também como *comunidade de comunicação* por comportar aspectos sociais e tecnológicos dentro de um espaço limitado que possibilita as pessoas engajarem-se em discussões online, por estabelecer um espaço da rede para a comunicação, ao passo que os aparatos tecnológicos desempenharem um papel fundamental no processo comunicativo, instigando as pessoas a reorganizarem suas maneiras de interagir através da escrita.

Não é o fato de concebermos “comunidade” a partir de nossas vivências de mundo, mas de reconhecermos que o virtual é uma nova dimensão, onde o físico é obliterado e o imaginário toma lugar. Somos impelidos, na virtualidade, a lidar com comandos técnicos que intercedem junto ao ambiente, traduzindo nossas ações dentro daquele ambiente específico que escolhemos para interagir. A própria terminologia usada na Internet nos permite verificar como as metáforas

do *ciberespaço* são baseadas na realidade: a título de exemplo tomamos as palavras correio (*e-mail*) e sítio (*site*) que dão uma noção de lugar. Essas denotações metafóricas representam um sentido particular ao usuário na sua interpretação de espaço eletrônico. Os aspectos sociais da interação encontram na tecnologia a sua correspondência quando da necessidade de uma interpretação comum das metáforas da ambientação eletrônica; o usuário poderá valer dessas metáforas concebendo que elas sejam já partilhadas pelos demais usuários do *ciberespaço*, assim facilitando o processo comunicativo entre pessoas geograficamente distantes. Para Mynatt et.al.(1997), a formação de uma comunidade online autêntica estaria relacionada a determinados requisitos básicos como facilitadores da interação coletiva, a saber:

- **Tecnologicamente mediado:** ter em mente o papel da tecnologia para suportar distância espacial para a coesão social;
- **Persistência:** fornecer um ambiente e contexto contínuo para a atividade social;
- **Estilos de interações múltiplas:** possibilitar aos participantes comunicarem-se em diferentes formas;
- **Capacidade para interação em tempo real:** senso de imediaticidade interacional;
- **Multi-usuários:** permitir múltiplos agentes desempenharem seus papéis – escritores/leitores ou emissores/receptores – dentro de um ambiente comum.

Em suas palavras, o estado dos fluxos interacionais depende, unicamente, da *coesão social*¹⁴ dentro de um ambiente eletrônico. Os membros aliam suas necessidades particulares às delineadas pelo grupo, uma maneira singular de estabelecimento de normas que administram as ações online. Mynatt et. al. (1997) descreve *coesão social* como contendo relações espaciais partilhadas, convenções sociais sentidas, noção de pertencimento e de limites e ritmo contínuo de interação social. Aliadas a esses elementos constituintes da *coesão social*, outras questões

¹⁴ Johnson (1995) define coesão social como sendo: “grau em que indivíduos que participam de um SISTEMA SOCIAL se identificam com ele e se sentem obrigados a apoiá-lo, especialmente no que diz respeito a NORMAS, VALORES, CRENÇAS e estrutura” (grifos no original, p.41).

encontram-se envolvidas no processo de formação de uma comunidade mediada por computador¹⁵:

- Articulação da persistência do sentido de local: dar o sentido de proximidade espacial. Exemplo: *virtual office, meeting rooms, etc.*; e
- Hibridização das dimensões para fornecer a migração de práticas sociais entre os mundos.

No primeiro ponto, subsídios tecnológicos são fornecidos para desenvolver junto aos participantes a noção de: espaço partilhado e variedade de agentes potenciais para o estreitamento social que resulta na consciência mútua do ambiente. Já para o segundo, a importância encontra-se na conscientização dos usuários sobre o ambiente o qual escolheram para compor suas “identidades e representações”, o que nos parece mais plausível, uma vez que a virtualidade potencializa pessoas a interpretarem e atuarem papéis sem que, preliminarmente, sejam questionados sobre a veracidade dos papéis, daí a origem do sentido dado ao *ciberespaço* ser considerado um local de experimentação.

Diante do exposto, a discussão sobre o espaço para interação ser entendido de maneira diferenciada, vem que a necessidade de espaço para formação de comunidade online requer metáforas que o identifique. Portanto, entendemos que em ambas dimensões a instância de lugar se faz necessária. No contexto presencial, as comunidades são entendidas a partir de sua região geográfica, enquanto que no virtual, fica apenas denotada a metáfora de lugar.

O modelo clássico aponta que comunidade é “associações de indivíduos” que partilham de um fim ou bem comum tendo o território geográfico como delimitador das ações sociais. Por esta razão, a vida comunitária requer reguladores que sejam identificados e valorizados socialmente pela comunidade. Como visto, o sistema social da comunidade é fortalecido pelos valores que, coletivamente, levam os membros da comunidade a defende-los. Esses valores sociais exercem uma função junto à comunidade, o de regular as ações individuais e coletivas. Para entendermos

¹⁵ A expressão comunidade mediada por computador foi por nós estabelecida como um correspondente ao termo utilizado pelo autor (*Network Communities*) para o processamento de uma comunidade na Internet.

melhor os valores sociais em comunidade, contrapomos os conceitos de comunidade online tomando com os conceitos de comunidade presencial de Weber (1973):

VALORES SOCIAIS	COMUNIDADE NO MODELO CLÁSSICO	COMUNIDADE ONLINE
Igualdade	Respeito mútuo	Exercício do discurso livre
Lealdade	Apoio e defesa dos seus ideais	Defesa dos objetivos da comunidade
Autonomia e autogoverno	Liberdade para criar e praticar as duas formas de vida	Normas que regulamentem as ações individuais
Espaço	Localizações físicas ou geográficas	Sistema gerenciador que auxilie nas trocas de mensagens
Deliberação	A comunicação deliberativa é a essência da comunidade	Discurso voltado ao tópico
Número	Proporcional à área geográfica	Quantidade de membros interagindo mutuamente

Quadro 2: contraponto entre comunidade clássica e contemporânea

Esses elementos macrosociais constituem a formação de uma comunidade por compor sentimento cívico; subsidiam a vida prática em comunidade e contribuem para a criação da ordem social. Quando se estabelecem vínculos, os membros de um grupo defendem o *capital social* que regula suas ações e faz com que essas ações sejam admitidas como contribuintes para a manutenção e regulação da ordem do grupo.

1.3.1. Comunidades no âmbito da CMC

Muito se têm falado sobre a terminologia da organização social online em grupo, intitulada *comunidade*, como noção de *ambientes emergentes para relações sociais* (Cardoso, 1997). O enveradamento em discussões online remete-nos ao universo da interação social mediada por um equipamento digital, por revelar características que, até então, encontravam-se restritas ao uso de meios analógicos de comunicação, tais como, telefone, telégrafo, radioamadores, etc. Com isso, a comunicação humana foi, aos poucos, sendo acrescida de aparatos sofisticados tecnologicamente para proporcionar uma melhor qualidade nas sessões comunicativas, possibilitando que as interações online assemelhem-se mais e mais ao face a face.

A capacidade de estreitar relações através do uso das modalidades comunicativas proporcionados pela CMC é um campo para averiguação de como os agentes da interação descrevem a vida comunitária. Vejamos, então, as minúcias dessa contribuição à comunidade e as diversas noções que se imbricam na construção de uma percepção de comunidade.

1.3.1.1. Comunidade interpretativa

Entende-mo-nos como seres socialmente constituídos através de nossas experiências (*backgrounds*) e de nossa visão de mundo. Então, somos aptos a reconhecer nossas fronteiras sociais e nossos limites culturais, nos quais as relações com nossos semelhantes devem-se ao compartilhamento de uma visão comum do mundo, seja ele concreto ou abstrato. O “conhecimento comum” (*common knowledge*), no decorrer de uma interação, pode transformar-se em “conhecimento mútuo” (*mutual knowledge*)¹⁶, por meio da partilha dos mesmos símbolos convencionalizados¹⁷. Através do pressuposto de que podemos deter o mesmo conhecimento de mundo, poderíamos ser aptos a partilhá-los com nossos pares. Daí originaria o conceito de *comunidade interpretativa*, discutido por Fish¹⁸ (citado em Borovoy et. al, 1999) como:

Uma comunidade que partilha conhecimento, crenças e práticas suficientes são hábeis para negociar o significado de um texto particular. (nossa tradução)

A partir de nosso entendimento acerca de conhecimento comum e mútuo, observamos que o conhecimento comum somente se materializaria através da partilha com o outro pelo sistema de troca através do consenso, conforme demonstramos na figura abaixo:

¹⁶ Conforme KRAUSS, R. & FUSSELL, S. (1990) Mutual knowledge and communicative effectiveness. In: GALEGHER, R.E., et. al. (Eds.) **Intellectual teamwork**: social and technological foundations for cooperative work. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates. p. 111-145.

¹⁷ Os conceitos de conhecimento comum e conhecimento partilhado, segundo Borovoy et.al. (1999) refere-se: o primeiro é considerado comum a um grupo, sem a necessidade de partilha, apenas de domínio do próprio grupo; no segundo, seria necessário um intercâmbio desse conhecimento num processo interacional, ou seja, de troca.

¹⁸ FISH, S. (1980) **Is there a text in this class?**: the authority of interpretative communities. Cambridge, MA: Harvard University Press.

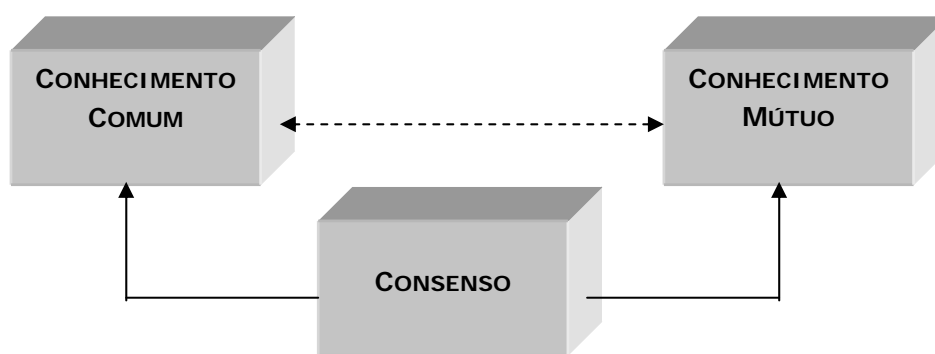


Figura 1: bases de comunidade interpretativa

Diante dessa linha de raciocínio, conhecimento mútuo seria então, “conhecimento que é partilhado e conhecido para ser partilhado” (nossa tradução de Krauss & Fussell, 1990, em Borovoy et. al., 1999). A partir desse conhecimento, os membros seriam capazes de compreender as cenas nas quais encontram-se, podendo presumir que seu interlocutor ou seu parceiro também detém o mesmo potencial de compreensão. Nesse aspecto, a linguagem coordenada desempenharia um papel crucial para o estabelecimento de relações intercomunicativas através dos conhecimentos lingüísticos de um mesmo padrão. Os atos de fala estariam em concatenação quando da sua distribuição na ação interativa. Os interagentes detém um potencial para interpretarem-se mutuamente por meio de trocas simbólicas reconhecidas, assim compondo sentido a comunicação. Ou melhor, a capacidade de interpretar os elementos que nos circundam e o cenário que envolve uma determinada ação social é que a noção de comunidade se constrói. Então, comunidade interpretativa seria, grosso modo, “a margem de uma comunidade interpretativa por transformar um modelo existente de conhecimento comum em mútuo” (nossa tradução de Borovoy, et.al, 1999).

Os estudos dos autores sobre a formação de comunidade através da partilha de códigos comuns, em situações interativas, propiciam o entendimento das circunstâncias que necessitamos para o reconhecimento de que dividimos o mesmo conhecimento com os demais do grupo, por esta razão, notamos a importância do tópico discursivo ser um elemento contribuidor para a formação de laços coletivos dentro das listas: os usuários utilizam os códigos sociais e lingüísticos comuns para facilitar o processo de trocas na interação. Se observarmos as listas investigadas, que utilizam a língua inglesa como tópico e instrumento para a materialização dos

propósitos, conseguimos entender que os códigos empregados na comunicação são caracterizados como um conhecimento comum, somente sendo reconhecido por meio das trocas de mensagens. Este conhecimento comum tornar-se-ia mútuo, pois todos teriam acesso a este conhecimento veiculado, não ficando somente no campo das idéias, mas também no campo da discussão.

Em síntese, as interpretações do mundo ocorrem através da partilha do conhecimento sobre ele, o consenso (*commom ground*) seria o elemento que sustentaria as práticas sociais. Através da transformação do conhecimento comum em conhecimento partilhado, não mais no campo ideacional, mas facilitado pela praxis, poderíamos estabelecer relações sociais dentro dos parâmetros de uma *comunidade interpretativa*, que se consolida no decorrer do fluxo das ações comunicativas.

Os conhecimentos comuns, no decorrer da discussão, se tornam conhecimento mútuo pois sendo de ordem pública, as discussões eletrônicas nas listas servem aos seus usuários a oportunidade de desenvolver um conhecimento por meio do debate, cujos códigos são compartilhados, a princípio, por aqueles que almejam fins comuns. Com isto, a evolução do tópico discursivo fica acrescida de outros pontos de vista. Sendo assim, o conhecimento construído no decorrer de uma discussão torna-se conhecimento comum e, portanto, poderá tornar-se conhecimento mútuo quando da retomada deste conhecimento construído pela prática discursiva.

1.3.1.2. Comunidade de interesse

Um dos conceitos de comunidade bastante difundido no âmbito da CMC é a de *comunidade de interesse* por entender que as manifestações de linguagem e as relações que se formam a partir delas podem descrever como se formaria uma comunidade tendo o interesse comum como elo que interligariam os participantes numa discussão em listas. Neste ponto, o trabalho colaborativo seria substancial para a formação comunitária, conforme resumido por Souza (2000: 41-2).

As comunidades organizacionais dinâmicas do futuro serão construídas utilizando-se uma tecnologia de comunicação assíncrona, global e colaborativa. Assíncrona porque a participação não acontece ao mesmo

tempo. Global porque os participantes estão distribuídos geograficamente. E colaborativa porque a participação de muitos indivíduos permite agregar valor ao conhecimento construído a partir da colaboração mútua. Uma comunidade pode ser definida como um agrupamento de indivíduos em torno de um interesse comum.

Uma das fortes tendências teóricas sobre a constituição de comunidade mediada por computador origina-se dos estudos sobre a criação de vínculos sociais através de interesses interligados dentro de um espaço eletrônico. Nesta linha teórica, muito difundida na área de comunicação de massa, as fronteiras geográficas caem por terra. Estipula-se que as comunidades da Internet contemplem a diversidade, a heterogeneidade, rendendo-se, exclusivamente, aos interesses comuns. A proximidade geográfica não é mais considerada um delimitador para a uniformidade social de um grupo. Em primeira instância, o que se verifica é a gama de pessoas, etnias e culturas diferentes que se encontram num mesmo espaço da rede, suprimindo suas necessidades de contato social sem que sejam obstruídos por questões de repressão social.

No conceito de “comunidade de interesse” é refutada a idéia de agrupamento de pessoas comunicando-se mutuamente sem objetivos pré-definidos. O simples fato de interagir na rede esporadicamente sem motivos aparentes não caracteriza uma formação de comunidade. Seria preciso afinidades sociais e ideológicas, um crescente sentido de pertencimento e defesa dos interesses comuns.

A criação de uma *comunidade de interesse* encontra alicerces nos trabalhos de Clodius (1997), Erickson (1997) e Cicognani (1998) que apresentam suas acepções de comunidade observando o discurso do grupo que se volta ao consenso da conversação. Privilegiaria a diversidade de interlocutores dentro de um espaço para tratar de um assunto comum. Nos estudos dos autores supra, observou-se que a partilha de interesses carece de mecanismos para a fluência conversacional e para o afunilamento das relações sociais.

Se pensarmos na diferença entre *comunidade interpretativa* e de *interesse*, notamos que a linha que as diferencia é muito tênue. Na primeira, o conhecimento construído só se difundiria na prática, tornando-se um conhecimento mútuo. Mas este conhecimento produzido, ao nosso ver,

também poderia ser descrito como interesse comum pois, se há espaços eletrônicos para agrupar pessoas que logram fins comuns, não seria a transposição do conhecimento comum em mútuo no decorrer das discussões uma maneira de formar uma comunidade de interesse? O que entendemos disso é que o conceito de comunidade interpretativa está ligado ao processo de materialização do conhecimento por meio do discurso, enquanto que na comunidade de interesse, além do conhecimento produzido e partilhado há outros aspectos que nos conceitos de comunidade interpretativa não foram contemplados, no caso, os aspectos sociais do processo de comunicação.

Para entendermos melhor os aspectos sociais que envolvem uma comunidade de interesse, fizemos um breve resumo dos conceitos apresentados por Erickson (1997) e Clodius (1997). Vejamos a seguir:

PARÂMETROS DE COMUNIDADE DE INTERESSE			
ERICKSON (1997)		CLODIUS (1997)	
Pertencimento	Ponto central para a noção de comunidade	Interesses comuns	Pessoas com problemas ou objetivos comuns
Interesses comuns	Aberto a qualquer um que partilhe idéias e interesses comuns	Valores	Regras de conduta / comportamento tratar os outros como eles querem ser tratados
Relacionamento	Membros formam relações pessoais uns com os outros. Potencializam a criação de laços de amizade e emocionais	Discurso	Conversa voltada ao tópico
Reciprocidade	Implica o sentido de comprometimento. Um membro pode ajudar o outro simplesmente por estar na mesma comunidade	Voz moral	Liberdade para expressar-se em circunstâncias que ferem ou agridem os interesses comuns
Partilha de valores e práticas	Membros da comunidade podem partilhar interesses, valores, práticas, objetivos, procedimentos e símbolos comuns	Tempo	Tempo para estreitamento das relações
Bens coletivos	Têm o direito de participar na criação, no controle e na distribuição dos bens comuns		

Quadro 3: conceitos de comunidade de interesse

Os valores sociais encontram-se limitados à própria comunidade por serem concebidos como objetos a serem preservados pelo grupo, criando, assim, um *senso de responsabilidade mútua*

(Murray, 1995), na qual, a voz moral pode ser utilizada em um dado momento para a preservação dos valores. Esses valores são estatutários e conhecidos pelo grupo que usufrui desses valores para o estabelecimento de uma identidade da comunidade. Ou seja, os valores são bens a serem preservados, com isto, qualquer influência negativa que perturbe a ordem das listas pode acarretar em sanções, repreensões ou até mesmo a exclusão do transgressor. No entanto, se um novo membro demonstrar seus interesses particulares pertinentes à ordem e ao objetivo do grupo poderá facilitar o processo de aceitação pelos demais membros.

Um membro mais antigo poderá obter legitimidade do grupo por agir de acordo com a discussão, ao passo que um novato tem que demonstrar, primeiramente, sua afinidade aos valores e objetivos da comunidade. Somente no decorrer da discussão é que se podem estreitar os laços sociais; as contribuições vão sendo, gradativamente, apresentadas ao grupo no decorrer das trocas, assim, as experiências empíricas trazidas à discussão podem estreitar os laços mais rapidamente entre aqueles que partilham de um mesmo interesse¹⁹. Com isto, vimos que o conceito de comunidade de interesse tende a contribuir para o entendimento das relações sociais que se formam nas práticas discursivas; a partir desse ponto de vista, nossa análise guia-se para averiguar como os *e-mails* de apresentação pessoal contenham traços discursivos que potencializam o processo de engajamento, o que será amplamente discutido no capítulo III.

1.3.1.3. Comunidade virtual

Os conceitos de comunidade interpretativa e comunidade de interesse foram discutidos à luz da mediação do computador. Com isto, vimos que os conceitos aqui discutidos vão além de uma interpretação de comunidade a partir do entendimento, do modelo clássico, que o espaço físico é essencial para a formação de comunidade. O que observamos foi o interligamento de pessoas pelo interesse comum, tendo o conhecimento produzido nas interações partilhado com o grupo, assim, transformando o que era de conhecimento comum em mútuo.

¹⁹ Thomsen et. al. (1998) observaram um grupo online que discutia questões sobre neuroma acústico. Seus dados apontaram que um novato que apresenta problemas “reais” (experiências empíricas), num discurso contextualizado pelo seu próprio problema, recebe de prontidão um *feedback* por um ou pelos demais membros. Os pesquisadores esclarecem que, se a situação de engajamento for demonstrada como uma experiência vivida e pertinente à questão central do grupo, contribui rapidamente para o estreitamento dos laços. Acrescenta, ainda, que esses laços que se formam online podem transcender o virtual, possibilitando encontros “presenciais”, desde que bastante afinados.

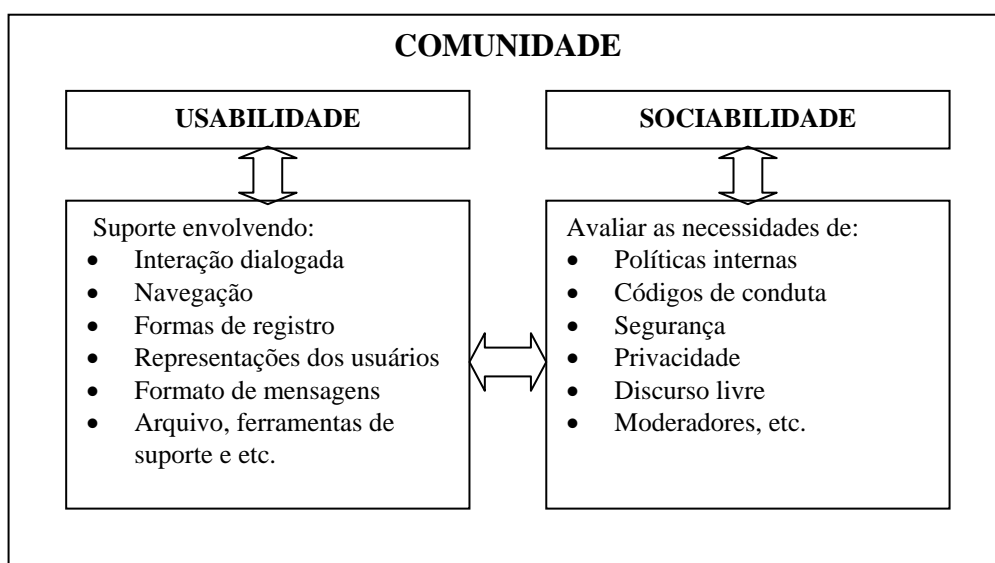
No sentido de aprofundar à discussão a respeito da problemática que envolve a formação de comunidade, temos que assegurar que as propriedades que constituem o uso do termo são ainda bastante diversas. A discussão sobre comunidade, à luz da evolução tecnológica, encontra-se justamente em observar quais são propriedades que regulam as ações interpessoais dentro de um grupo online; aferir se essas ações podem colaborar para a formação de uma comunidade, uma vez que o modelo clássico requer o fator territorialidade como o delimitador e fortalecedor de unicidade social e de preservação do bem estar comum.

Se pensarmos em computadores e comunidades veremos que as relações entre eles são baseadas unicamente nos conceitos de ferramenta tecnológica (máquina) e nos de corpo imaginário construído por intermédio do interligamento das vontades humanas (homem). Nos primórdios da influência tecnológica, a relação entre o homem e a máquina era esclarecida pelo baixo grau de interatividade de antigos computadores, antes do interligamento a uma rede mundial, não comportavam aspectos sociais da interação humana. Esses equipamentos eram apenas reconhecidos como ferramenta para trabalhos de grande porte. Na atualidade, os computadores foram sendo aperfeiçoados e, com isto, o aumento da interatividade entre o homem e a máquina ficou mais latente. Agora vemos o computador invadir o campo social, fazendo com que o homem utilize gradativamente das potencialidades que oferecem às *mídias interativas digitais* para a função social de interagir a distância.

Guimarães Jr. (1997) compreende o espaço virtual pela sua característica de fazer emergir relações sociais potenciais; e que o meio eletrônico apaga o fator território nas ações humanas, não mais ficando restrito ao face-a-face, desse modo, estabelecendo *novas formas de sociabilidade*. Em suas palavras, “vemos emergir, a partir do surgimento dos meios informáticos, uma nova maneira de ver o mundo” (op. cit.); noções de espaço e tempo são reformulados através do uso do virtual, um complexo de possibilidades que interrelaciona o *real* ao *possível*. Uma revisão de nossas noções de sociabilidade, comunidade, comunicação e relações sociais se estabelece em virtude da mudança espaço-temporal de um universo físico para um imaginário.

Concebendo a Internet como um espaço de fluxos que objetiva a disseminação da informação de maneira global e a valorização das novas modalidades da comunicação, alguns aspectos da

interação face-a-face são revistos para dar conta dessa nova noção de tempo e espaço na comunicação humana. A junção de *sociabilidade* e *usabilidade* (Preece, 2000) teve uma importância crucial no entendimento da intercomunicação em grupo que se serve de um determinado “espaço eletrônico” para acondicionar as práticas sociais.



Quadro 4: usabilidade e sociabilidade (Preece, 2000)

Os vínculos sociais que se formam nas listas são construídos gradativamente através de sessões comunicativas baseadas no texto escrito; o discurso social da interação interpessoal é reconfigurado para acolher as manifestações de trocas subjetivas. Uma conversação toma lugar através do tipo de recurso textual que se emprega (*espontâneo* ou *elaborado*²⁰), ao nosso ver, determina a situação temporal das relações, ou seja, numa modalidade síncrona os elementos socioculturais dos interagentes são intercambiados em curto prazo, enquanto que em modalidades assíncronas, conversações esporádicas ou freqüentes requerem tempo para o afunilamento desses vínculos. O que visualizaremos melhor no quadro a seguir.

²⁰ Com base em Batista (1998), utilizamos texto espontâneo e texto elaborado para denotar as características da comunicação no meio eletrônico. Entendemos os atos de fala em dois momentos, quando em conversações em tempo síncrono que exige uma rapidez nas trocas dentro do processo comunicativo determinado pelo canal (IRC e vídeo conferência), assim, denotando um discurso com mais marcas de oralidade; em conversações assíncronas, o tempo para elaboração discursiva faz com que o texto contenha menos marcas de oralidade (*e-mail, mailing list*).

MODALIDADE SÍNCRONA		MODALIDADE ASSÍNCRONA	
Raciocínio Imediato	Relações construídas a curto prazo, no decorrer da conversação	Tempo para raciocínio	Relações construídas a médio e longo prazo
Linguagem semelhante ao coloquial	Trocas de informações durante o diálogo	Linguagem mais densa e complexa (léxico)	Trocas de informações através de contatos esporádicos ou freqüentes
Alto índice de marcas da oralidade		Baixo índice de marcas de oralidade	

Quadro 5: texto elaborado x texto espontâneo

Com atenção às novas formas de socialização nas *comunidades virtuais*, por compreender características tecnológicas e sociais para a formação de relações sociais coletivas nos grupos online, Jones (1997) defende a necessidade de estabelecermos parâmetros para a utilização do termo comunidade, pois esclarece que, em se tratando de espaços de fluxos interacionais, há de se valer o bom senso sobre as circunstâncias que envolvem o universo virtual. Defende que as trocas de mensagens dentro de um grupo online não podem ser vistas somente como fluxos de intenções dissociadas do contexto, devendo ser levadas em consideração as características do meio para a construção de uma noção de comunidade. Para o enquadramento do termo *comunidade virtual*, segundo ele, deve-se ter um mínimo de condições para o emolduramento desse termo:

- (a) mínimo de nível interacional: é preciso uma quantidade suficiente de trocas de mensagens entre os participantes;
- (b) variedade de comunicadores: existência de uma quantidade significativa de participantes;
- (c) mínimo de sustentabilidade dos membros: sustentação por meio do autogoverno; e
- (d) espaço virtual público comum com alto grau de interatividade: sistema computacional que facilite a reunião do grupo para suas práticas interativas.

Um nível de sustentabilidade entre os membros se daria não só pelo fluxo interativo mas também por diversos interagentes compartilhando do mesmo sistema computacional, deste

modo, poderíamos caracterizar um grupo de discussão como sendo uma comunidade²¹. Mas somente a união de pessoas em interações constituiria uma comunidade? É o que será respondido em nosso estudo sobre os fluxos interativos das listas.

Como vimos até aqui, há uma forte tendência teórica nos estudos das relações sociais em grupo que abarcam o conceito de *comunidade virtual* tender à reunião de grupos em discussões por um período prolongado, seguindo os objetivos propostos, tendo as normas de interação como condutor da discussão. Vários agentes de um mesmo grupo reúnem-se não somente em modalidades assíncronas mas também síncronas, i.e., estabelecem um determinado canal como meio de comunicação, mas isso não impede que utilizem de outras modalidades ou canais para o mesmo intento. Por exemplo, uma comunidade estudantil utiliza o espaço eletrônico para compartilhar assuntos pertinentes à sua comunidade presencial; podem experimentar não só tipos de interações, mas também lugares na Rede (Davis & Brewer, 1997)²².

Considerando alguns grupos online serem comunidades, Rheingold (1993), através de suas experiências no mundo virtual, precisamente na comunidade online WELL (*Whole Earth Electronic Link*), entendeu que mesmo na virtualidade as relações sociais e afetivas podem perdurar ao longo de um período. A WELL foi reconhecida por ele como uma autêntica *comunidade virtual* por conceber que:

Comunidades virtuais são agregações sociais que emergem da Rede quando um número suficiente de pessoas prosseguem com discussões públicas por um período determinado, com sentimento suficiente para formar redes de relações pessoais no ciberespaço. (nossa tradução, p.5)

²¹ Jones, em seu estudo, não leva em conta os aspectos sociais das relações humanas, tais como: tipo de relações, papéis, valores e bens sociais como propriedades de uma comunidade, apenas apresenta a distinção entre comunidade virtual e de ciberespaço apontando quais os mecanismos e/ou caminhos para a distinção entre os termos.

²² O grupo pode variar de modalidade comunicativa, indo de uma assíncrona (*mailing list*) para uma síncrona (*IRC*), sem a perda do vínculo que os une. Uma comunidade virtual não se prende unicamente ao tipo de local na rede, pode também migrar para outros domínios da rede. Isto se justificaria pela necessidade de realinhamento do espaço de interação. Busca-se um domínio que satisfaça, da melhor forma, as necessidades/objetivos comuns.

Esclarece, ainda, que um grupo online que se vê em cooperação mútua demonstrando um alto grau de interatividade e reconhecendo o ambiente virtual como um espaço de troca potencializaria a formação de relações sociais coletivas mais duradouras, caracterizando assim um sentimento de pertencimento, acrescentando aos indivíduos contribuições não somente no campo do conhecimento pessoal mas também no de relações humanas através das trocas interpessoais que são revertidas para o campo afetivo.

Rheingold (1993) salienta o cuidado que devemos ter ao empregar o termo comunidade virtual; alerta-nos que nem todo tipo de interação que ocorre no meio eletrônico pode ser entendido como uma comunidade.

Em adição a este pensamento, Patterson (1996) acrescenta que outras condições são certamente relevantes para a caracterização do termo comunidade: a partilha de culturas e histórias, a identidade do grupo, os ideais comuns, as normas e outros objetos culturais do grupo contribuem para o estreitamento das relações e, conseqüentemente, alarga o nível interacional. A autora distingue e classifica as comunidades virtuais em efêmeras (*ephemeral*) e duradouras (*robust*). No primeiro tipo, não há interatividade que sustente a comunicação e a manutenção do processo de integração, uma vez que nas efêmeras os membros são esporádicos e transitórios, ao passo que na segunda, as relações são mais duradouras e o fluxo interacional se dá entre membros fixos, que mútua e freqüentemente interagem proporcionando a sustentabilidade do fluxo de ideais e experiências.

Uma comunidade duradoura consiste de um pertencimento estável, que não somente partilha ideais comuns, experiências e um sentido de inter-relacionamento, mas também por acreditar que pertencer àquelas comunidades os membros possam fazer mais progressos de seus objetivos do que pertencer a outra comunidade... o pertencimento de uma comunidade efêmera é transitório, muda rapidamente e forma relações parciais que satisfazem somente poucos membros. (nossa tradução de Patterson, 1996)

Em sua análise, Patterson (1996) adverte sobre a importância do computador na vida de uma comunidade virtual, primeiro por estabelecer um novo paradigma no sistema de comunicação, segundo por assegurar aos membros o direito ao acesso à informação, à formação de uma cultura, uma identidade do grupo, bem como, propiciar que os indivíduos vivenciem

experiências lingüísticas²³ ao revelar sua criatividade no uso do texto escrito. Apresenta, ainda, a singularidade das texturas de uma comunidade e de seus membros, cujos componentes discursivos são significativos para o crescimento do sentimento de união e para a prática social, deste modo, propiciando novas formas de convivialidade por meio do uso da linguagem.

Considerando a gama de definições de comunidade empregadas a CMC, há de se ressaltar o trabalho de Preece (2000) que discute os conceitos de *usabilidade* e *sociabilidade* na construção de comunidades online. Em suas palavras “comunidade online significa diferentes coisas para diferentes pessoas” (p. 08), por esse motivo, devemos estabelecer critérios para a constituição de uma comunidade mediada por computador. Para o desenvolvimento de uma comunidade online é preciso uma definição que conduza a prática, ou seja, à comunicação. A comunidade deve ser entendida como processo e não como entidade. Por esta razão, a construção de uma comunidade requer mecanismos que auxiliem na sua evolução social, compondo políticas básicas que ajudem seus membros no tocante ao comportamento.

A autora estabelece dois conceitos básicos para o reconhecimento de uma comunidade online através do uso, positivo, da sociabilidade e da usabilidade. Esses conceitos se interligam para a produção de uma comunidade. O suporte técnico à produtividade dos membros, segundo ela, auxilia no desenvolvimento da qualidade da interação entre os mesmos. Diante disso, nossa preocupação em investigar como é suportada a produção interativa dos membros leva-nos a pensar na relação entre produtividade e membros, como a produção interativa seria distribuída e organizada por meio da intervenção do sistema mediador e, o que isso acrescentaria ao entendimento acerca da formação de comunidade.

Para Preece (2000: 27), a sociabilidade enfoca a interação social com respeito às políticas internas, aos códigos partilhados, a segurança dos membros e sua produção e a liberdade de fala. Usabilidade engloba a relação homem-computador que seria transcrita a partir do suporte do sistema gerenciador, fornecendo subsídios para a organização das mensagens, as formas de registro e controle, a precisão no resgate de tópicos já discutidos ou encerrados; sua

²³ Holly Patterson em sua dissertação averiguou como os membros de uma comunidade da *Usenet* criam e recriam códigos e imagens através do texto escrito. O texto não é usado unicamente para a conversação mas para compor outros códigos e significados, o que denomina de mensagens pitorescas. Mensagens são enviadas ao grupo em vários formatos, ora como blocos (*bricks*) ora como escadas e até mesmo como carros, bolos, etc. de acordo com o contexto da discussão, o que denominou como gênero daquela comunidade.

argumentação compreende as necessidades da comunidade no desenvolvimento tanto do uso do instrumento mediador quanto dos aspectos sociais que a envolve. O interligamento desses conceitos contribui para a eficiência da interação social de uma comunidade online. Para tanto, na ótica de Preece (2000), comunidade requer:

- a) pessoas interagindo socialmente para satisfazer suas próprias necessidades;
- b) objetivo/interesse partilhado, intercâmbio de informação ou serviços que forneçam uma razão para a comunidade;
- c) políticas como forma tácita para a interação das pessoas, tais como: regras, rituais, protocolos e leis;
- d) sistema computacional servindo de mediador da interação social e que facilite o sentido de união (*togetherness*) (p. 10).

O compêndio teórico abordado sobre as propriedades técnicas e sociais que facilitariam na formação de comunidade online demonstram uma imprescindível necessidade de se formularem critérios para o uso do termo. Pesquisadores e estudiosos da ambientação virtual, quando tratam as comunidades como foco de análise, como é nosso caso, se posicionam e apresentam seus argumentos, contribuindo para a discussão sobre a problemática de constituição de uma noção de comunidade aos grupos online, o que vimos até aqui. O que nos parece plausível é a interligação do computador nas práticas interpessoais à distância. A técnica computacional está entrelaçada à comunicação humana, fazendo com que os fatores *usabilidade* e *sociabilidade* auxiliem no processo comunicativo dentro de uma lista de discussão, facilitando a formação de laços mais fortes, próximos, e com isto, fornecendo subsídios aos usuários das listas comporem um sentido de união, de comunidade.

Diversas acepções sobre a formação de comunidade no ambiente eletrônico vão sendo nomeadas, uma vez que um estatuto seguro ainda não fora bem delineado, para então, demonstrar que as acepções aqui apresentadas remetem aos grupos sociais mediados pelo computador. Comunidade virtual, como visto, teria sua orientação através da junção entre conectividade e reciprocidade; pessoas agindo de acordo com seus propósitos na busca tanto da informação quanto da comunicação. Essas pessoas buscam na vastidão da dimensão virtual novas formas de interagir socialmente (Guimarães Jr., 1997). Um processo contínuo de trocas é

percebido quando um grupo reúne-se para discutir, pelo computador, objetivos comuns; dessa forma, otimizando as potencialidades de formação de laços mais estreitos socialmente.

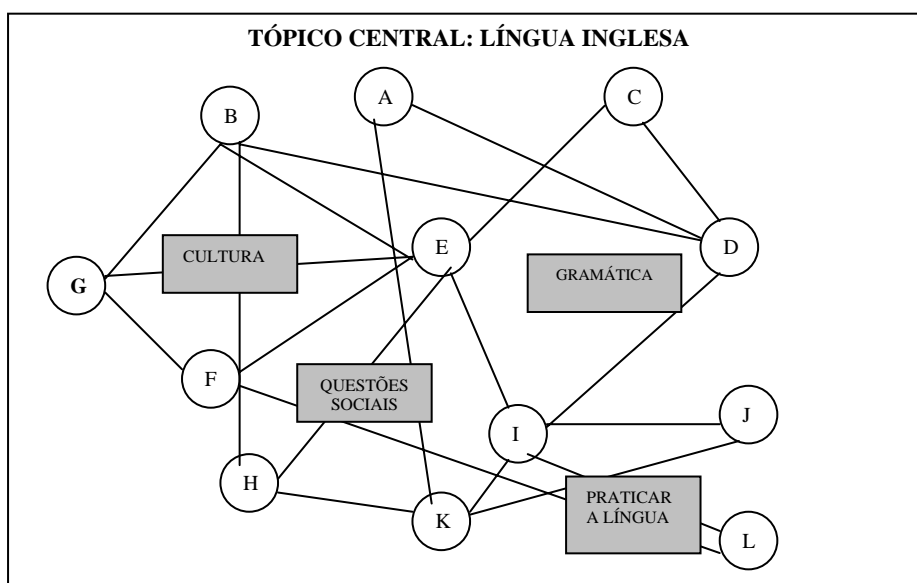
1.3.2. Diagramação da rede de interesses

Estamos discutindo formação de comunidade a partir de alguns posicionamentos conceituais sobre o tema. Entretanto, um dos pontos a serem mostrados é a existência dentro dos grupos online da conexão de interesses, o que nos remete ao conceito de comunidade de interesse. O conceito de rede de interesse está ligado ao conceito de relações sociais que se imbricam no decorrer de uma discussão. Os usuários das listas tendem a formar relações, mesmo que temporárias, durante uma discussão tópica. Os participantes de uma discussão podem também participar de outras discussões dentro do grupo, formando assim subredes que se conectam a outras subredes de discussão.

Numa lista eletrônica de discussão, os interesses comuns são, substancialmente, importantes para o fortalecimento do sentido de comunidade. O tópico discursivo é fundamentalmente o elemento desencadeador das relações pessoais daqueles que buscam um aprimoramento sobre um determinado assunto. Essas pessoas, ao engajarem-se em discussões online, primeiramente têm em mente a necessidade de “ouvir” e “rever” outros pontos de vista sobre determinado tema, buscando, dentre o grupo, aqueles que têm afinidade com os seus objetos. Ou ainda, adicionando conhecimentos de sua própria vivência à discussão, causando assim, uma proximidade com o próprio grupo (Thomsen et. al., 1998).

Formar-se-ia com isso, o que Clodius (1997) denomina de “rede de interesses”. Para o autor o termo significaria uma rede de conexões de afinidades mutuas que faz com que se criem várias micro-redes dentro de uma rede central pelo intermédio da partilha do interesse comum.

Para melhor compreendermos a questão de rede de interesses, tomemos a lista (*Englishlearner*), que tem por objetivo central discutir a língua inglesa em todo seus aspectos. Vejamos o diagrama a seguir para melhor compreendermos o conceito de rede.



Quadro 6: diagrama de rede

Se observarmos o quadro, nota-se que o agente A interliga-se com D, que por sua vez, interliga-se com I e este como L. O que interliga os agentes são os fios de contato. As micro-redes de relações são formadas pelo tópico discursivo tendo agentes discutindo um determinado assunto relacionado ao tópico central. O agente A discute gramática com D e este com I que discute com L a respeito da prática da língua inglesa. Outras micro-redes se formam dentro de uma rede central. Assuntos correlatos ao tópico central são discutidos por alguns agentes participando de uma ou outra discussão.

O conceito de rede é bastante simples, o termo refere-se ao conjunto de conexões que se estabelece dentro de uma cadeia tópica, por comportar uma série de fios conversacionais que se interrelacionam no decorrer de uma discussão. Para o conceito de fios conversacionais, McCleary (1996: 96) nos apresenta:

“Fio” (thread) é um termo endógeno às culturas de listas de discussão e é entendido sempre em relação ao desenvolvimento de um tópico (topic) em uma cadeia de respostas.

As conexões se formam pelo tópico que emerge durante uma discussão e, por vezes, tende a emergir de outros sub-tópicos dentro de um tópico central. No decorrer de uma discussão voltada ao tópico central, assuntos correlatos tendem a emergir, criando sub-tópicos que se remetem ao tema central, tais como: gramática, cultura, prática e questões sociais são alguns dos objetos discursivos que abarcam uma quantidade de membros, expondo-os em discussões nítidas por um determinado período²⁴. O que tentamos dizer com isto é a existência de redes e micro-redes de interesses que se formam a partir de novos temas propostos. Os agentes vêm nesses novos temas um potencial para a exteriorização e para o debate de seus pontos de vista.

Estamos falando de rede sem ao menos estabelecer um parâmetro quanto ao uso do termo. O conceito de rede ao qual nos referimos tem como base o vínculo social que se forma temporariamente em conversações online. O termo rede de interesse está intrinsecamente ligado ao de rede social, posto que, numa conversação, vários tipos de laços vão se criando no seu transcorrer, o que se denomina de *conexões sociais*²⁵.

Sack (2000) conceitualiza o sistema de rede como sendo formado por vários nós (*nodes*) que representam pessoas e, por sua vez, as conexões que se formam, representam a *reciprocidade* entre elas (p.4). Para entendermos melhor o termo *reciprocidade* vejamos a explicação de Johnson (1995: 190).

Reciprocidade é uma condição de troca em interação social, sem a qual pessoas tendem a perder interesse e se retrair. (...) Tão importante é essa troca que, em muitas situações, vigora uma norma de reciprocidade, pela qual espera-se em conversa, em oferecimento de um presente ou em declarações de compromisso ...”

Para Sack, *reciprocidade* é descrita pelas citações e respostas que ocorrem durante a discussão.

Sack exemplifica:

²⁴ McCLeary (1996) e Jones (1997) discorrem sobre a necessidade de observar as variáveis: número de assinantes, número de envios, a densidade de envio, número de tópicos gerados por um período de tempo e a média da extensão dos envios para averiguarmos as características dos dados quantitativos que dariam indícios da possibilidade de formação de uma comunidade.

²⁵ “A rede é simplesmente um conjunto de relações que ligam pessoas, posições sociais ou outras unidades de análise, como grupos e organizações” (Johnson, 1995: 190).

Se um participante A responde ou cita uma mensagem de um participante B e, depois da discussão, o participante B cita ou responde a uma mensagem do participante A, uma conexão foi feita entre os nós rotulados entre A e B. Se A e B têm reciprocidade freqüente, a conexão entre eles será mais curta do que se eles tivessem somente citado ou respondido a um outro participante uma vez ou duas vezes. (nossa tradução, 2000: 4).

Sendo a comunicação de muitos para muitos a modalidade aqui tratada, há de se salientar que os elementos sociais e lingüísticos que concretizam as discussões são, essencialmente, objetos do discurso. Os pontos de vistas são apresentados por esses participantes, os quais já demonstram desde o início um grau de afinidade com os temas, contribuindo para o transcorrer da discussão tópica. Se um participante não estiver em acordo com os objetivos da discussão, trazendo questões ou opiniões que não condizem com o momento ou com o tema em pauta, poderá causar estranheza ou indignação, sendo interpretado por sua ação como um membro que não está cumprindo com as regras estipuladas para a discussão, podendo, com isso, ser levado ao isolamento²⁶, ficando suas considerações descreditadas, ignoradas ou até mesmo rechaçadas.

Segundo Sack (2000), as palavras ou conceitos são empregados do mesmo modo pelo grupo, sendo usadas sistematicamente no discurso daqueles participantes. Refere-se às palavras ou conceitos de um mesmo campo semântico por considerar que dentro de uma rede social há também uma rede semântica: os participantes compartilham conceitos, palavras ou frases referentes ao mesmo campo de significado. Nos argumentos do autor, determinadas palavras, frases ou conceitos pertinentes ao assunto da discussão revelam a destreza com que os participantes lidam com o discurso, por utilizar elementos lingüísticos do mesmo campo de significado. O campo de significação na discussão eletrônica dar-se-ia por meio de determinados usos lexicais ou conceituais que remetem a discussão ao tópico central, com isto podemos entender melhor as ações sociais em conjunto com as discursivas por contribuírem para o desenvolvimento do tópico central.

²⁶ Numa determinada discussão de um tópico entre alguns participantes do grupo pode ocorrer um conflito que, posteriormente, pode ocasionar um isolamento social dentro do próprio grupo. Em nossos estudos das listas observamos que determinados pontos de vistas não são bem recebidas pelo grupo, então, certos membros, que discordam do ponto de vista do outro, direcionam a discussão para o campo pessoal tentando influenciar os demais em isolar o outro.

1.3.3. Propriedades de uma rede comunitária online

Erickson (1997) acredita que as características sociais de um grupo são tão importantes quanto as tecnológicas para o estudo de uma comunidade online. O que se cria dentro de um grupo, paulatinamente, fortalece o convívio em sociedade. Por esta razão, o pertencimento é agregado de outros valores e sistemas sociais (reciprocidade, valor, partilha, etc.).

O que buscamos, até o presente momento, é o estabelecimento de um estatuto que contemple as ações discursivas que ocorrem nas listas de discussão como maneira de estreitamento de laços e formador de comunidade. Para tanto, através dos estudos apresentados, estabelecemos as propriedades que acreditamos ser inerentes às comunidades que investigamos por conceber seus aspectos não só sociais mas também técnicos.

<i>CARACTERÍSTICAS TÉCNICAS</i>	<i>CARACTERÍSTICAS SOCIAIS</i>
✓ Sistema organizacional que auxilie na distribuição das mensagens	✓ Fluxo interacional
✓ Suporte para armazenamento e resgate de mensagens	✓ Reciprocidade
✓ Conectividade	✓ Consenso
✓ Ferramentas que possibilite registro (ex.: Bookmark, File, Website, etc.)	✓ Sentimento de igualdade
✓ Sistema de segurança contra invasão (vírus ou invasores)	✓ Partilha da informação e interesses comuns
	✓ Normas reguladoras
	✓ Autonomia e autogoverno
	✓ Defesa dos valores e bens comuns
	✓ Espaço público para deliberações

Quadro 7: resumo das características de comunidade

O quadro 6 é um resumo do que acreditamos ser as propriedades que constituiriam uma comunidade eletrônica, as quais identificamos em Clodius (1997), Erickson (1997), Jones (1997), Mynatt et. al. (1997) e Preece (2000). O que temos a observar sobre essas propriedades é a pertinência de que todas essas propriedades ajudam no reconhecimento de uma comunidade online. Acreditamos que as listas eletrônicas que são identificadas como comunidade são reconhecidas por conterem características técnicas e sociais que auxiliem seus usuários ao autogoverno e na manutenção de seus conteúdos.

A tarefa de conceber um estatuto que abarque as características sociais e tecnológicas de um grupo online faz com que seja preciso avaliar não só o ambiente eletrônico que envolve o grupo mas também seus aspectos sociais na interação interpessoal. É seguro afirmarmos que novas

formas de relacionamento se formam entre pessoas que compartilham de um mesmo interesse e/ou objetivo dentro de um espaço comunicativo.

Em síntese, o universo da presente pesquisa deve ser entendido como um espaço de comunicação de muitos para muitos, onde as trocas de mensagens são realizadas e avaliadas coletivamente. O fluxo interacional, neste sentido, descreveria as redes de relações online por submeterem os membros construir um sentido de lugar, propício para satisfação de suas vontades particulares e, ao mesmo tempo, agregadas a uma vontade coletiva.

O panorama teórico apresentado demonstrou que se pensarmos em comunidade não podemos ignorar os meios pelos quais os membros interagem entre si. As formas com que utilizam o discurso social na comunicação interpessoal, visando fins particulares desde que estes fins não venham agredir ou sobrepor os interesses comuns da comunidade. Pensando em interação nas comunidades online, o que temos a dizer é que os valores sociais, que regulam e servem de apoio para a formação comunitária, é reconfigurado pelo virtual. Desde o modelo clássico de comunidade até o contemporâneo, observamos que há uma tendência à uma reconceitualização dos valores de uma dimensão para outra, ou seja, do presencial para o virtual. Entretanto, as regras que conduzem a uniformidade nas listas é imprescindível para a regulação e para a ordem da comunidade.

O que buscamos nessa discussão é o entendimento de como o discurso da apresentação pessoal pode dar indícios de que as listas eletrônicas de discussão proporcionam aos seus usuários estreitarem vínculos. E como as relações sociais que se formam entre os interagentes promovem a uniformidade do grupo através do reconhecimento das regras de conduta que regem as manifestações discursivas. Se poderíamos identificar no discurso de apresentação pessoal marcas de identidade do enunciador e, revelar com isto, quais os papéis que estes interagentes desempenham na listas. É nesse aspecto que este estudo objetiva reconhecer que a mensagem de apresentação pessoal indica que este tipo de discurso contenha informações pessoais do enunciador. Projetando sua imagem à sua comunidade online, visando o pertencimento.

Capítulo II

ASPECTOS GERAIS E METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Todas as etapas de pesquisa, desde a descrição das características das listas até o detalhamento da seleção e da coleta de dados serão apresentados e justificados neste capítulo. Primeiramente, mostraremos o contexto da pesquisa, os motivadores e auxiliares que motivaram a pesquisa, desde a escolha das listas até a elaboração dos *corpora* de estudo. Apresentaremos, ainda, as circunstâncias que levaram-nos a dar um tratamento preliminar aos dados, bem como, apresentar os modelos de mensagens que foram o foco de nossa análise. Num segundo momento, de caráter descritivo, mostraremos os procedimentos de interpretação e análise, os instrumentos que auxiliaram na análise e os esclarecimentos sobre os critérios que escolhemos para a realização desta pesquisa.

2.1. O contexto da pesquisa

As comunidades observadas, **Englishlearner** e **Learningenglish**, compreendem grupos de pessoas que se interessam pela utilização do espaço eletrônico para comunicação e contatos interpessoais. Utilizam a língua inglesa como veículo das interações e abre novos rumos ao conhecimento. As características das listas demonstram grupo de pessoas que visam o intercâmbio de contatos freqüentes ou ocasionais através de envios de mensagens no formato *e-mail*.

O sistema que medeia o fluxo de envio de mensagens garante aos assinantes o acesso aos *e-mails* através de duas maneiras: receber e enviar mensagens através de um *e-mail* pessoal. Outra maneira de acesso é enviar mensagens através do próprio site da lista que dispõe de recurso para compor mensagem e ler as já veiculadas.

Todas as informações obtidas para a realização desta pesquisa foram recolhidas diretamente do site das respectivas listas pois há um número significativo de informações acerca das comunidades, desde seu início.

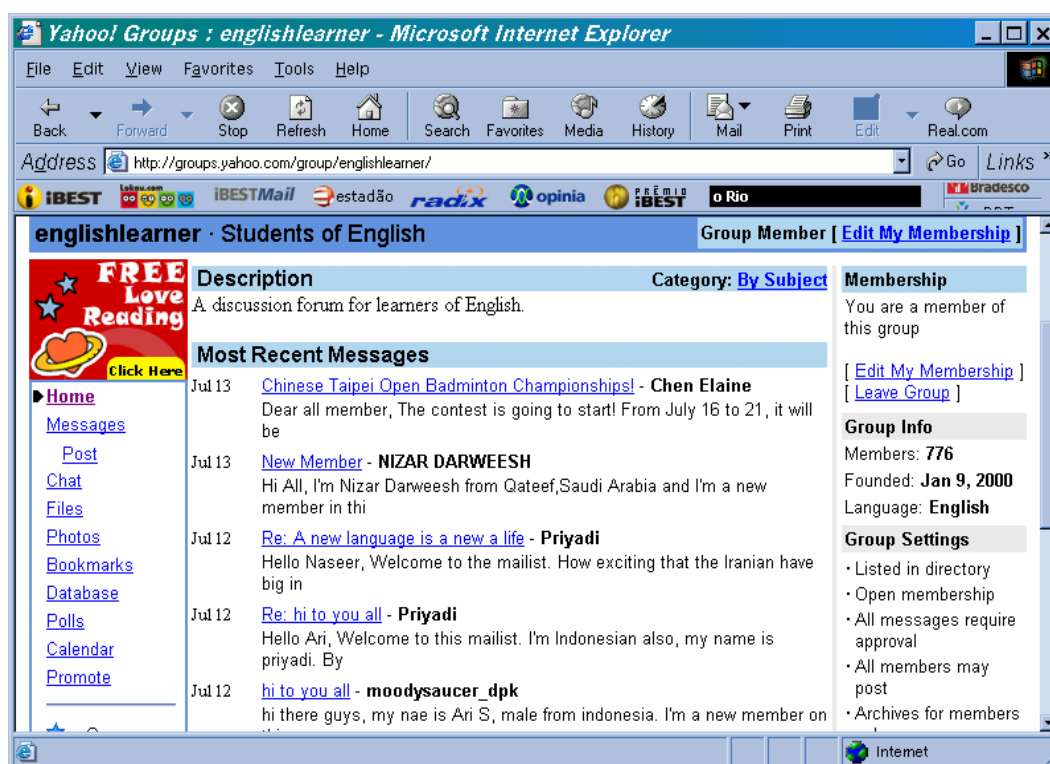


Figura 2: exemplo do site das listas

As listas de discussão, também conhecidas por fóruns de discussão, possibilitam aos seus usuários o acesso ao conteúdo das interações de maneira democrática. Todas as mensagens são enviadas a todos os membros das listas e estes têm acesso aos temas e assuntos veiculados. O tema central (tópico conversacional) das listas é motivador e captador de pessoas que vêm na temática envolvida um potencial para imersão em discussões sobre o tópico, servindo, assim, de orientação sobre a finalidade da lista, o que entendemos por **orientação formadora** uma vez que as listas estudadas são exclusivamente temáticas, compreendem um determinado assunto ou

problema a ser discutido e, por isso, tendem a reunir pessoas que queiram compartilhar do tópico central.

Os servidores da Internet que acolhem as listas oferecem locais específicos, sendo classificados por categorias e subcategorias. Encontramos as comunidades investigadas classificadas numa categoria de **educação** e em uma subcategoria denominada *english as second language*. Com isto, algumas informações a respeito da objetividade das listas são colocadas com vista a fornecer dados concretos sobre seu funcionamento e pré-requisitos para seleção e engajamento.

<i>Características</i>	<i>Englishlearner(EL)</i>	<i>Learningenglish (LE)</i>
Orientação formadora	A discussion forum for learner of English.	Hello, Are you learning english? Do you want to improve your English? Well here is your lucky day! Join learning english now.
Tipo de lista	Aberta	Aberta
Início	09/01/2000	23/04/1998
Membros ²⁷	919	373

Quadro 8: características das listas²⁸

As listas investigadas são maduras por terem mais de um ano de trabalho existente, comportam um número considerável de participantes ativos e registros valiosos para o presente estudo. Todo arsenal de informações acolhido nesta pesquisa está disponível nos sites das listas, podendo ser observados diretamente no site das mesmas; encontram sitiadas no domínio do *Yahoogroups*²⁹.

²⁷ Ressaltamos que, embora as informações sobre a quantidade de membros por listas estarem disponíveis nos sites das listas. Não podemos garantir que as mensagens veiculadas correspondam à totalidade de assinantes. Embora haja este número informativo, não conseguimos apurar se todos os membros são de fato participativos. Salientamos que o número de membros é um dado variável e o sistema somente identifica os membros assinantes identificados naquele período da consulta. Nas listas o fluxo de assinaturas varia muito, pessoas entram e saem frequentemente, por esse motivo, poderia haver discrepâncias do número de participantes apresentados nesta pesquisa.

²⁸ Informações coletadas em 04/05/2002.

²⁹ Podendo ser acessado no endereço <http://www.yahoogroups.com>.

Para o acesso imediato aos conteúdos textuais das listas, o pesquisador teve que se inscrever como participante, uma vez que o acesso aos conteúdos só se daria por meio de assinatura. Isto deveu em razão da privacidade e por ser as listas locais que fornecem privacidade de que seus conteúdos tenham somente acesso aos participantes previamente inscritos.

2.1.1. A coleta de dados

Os dados foram coletados diretamente dos diretórios dos sites, os quais disponibilizam todas informações de sua formação que compuseram a base de nosso *corpus* de análise. As mensagens estão colocadas no site para fornecer apenas um resumo de seu conteúdo, sendo classificadas: por número seqüencial, por data de envio e por síntese do assunto (ver quadro 8).

Diante do volume de mensagens apresentadas nos sites, tivemos que selecionar todas as mensagens veiculadas para então fazermos a classificação das mensagens por tipo. De posse das mensagens, o próximo passo foi transformar as mensagens que estavam em HTML em mensagens de texto comum. Algumas mensagens foram escritas em formato diferente daquele que poderíamos utilizar na análise, por isto, a transformação foi necessária para podermos aproveitar todas as mensagens colhidas de maneira uniforme. Optamos, então, por utilizar dois aplicativos do Windows 98 (*Word* e *Excel*) para separar e organizar as mensagens de acordo com seus conteúdos. Notamos que algumas mensagens foram apagadas, daí o número seqüencial das mensagens não corresponder ao total de mensagens veiculadas. Tal fato deveu-se por vontade do Administrador ou Moderador das listas, que entendeu, por alguma razão, que os conteúdos dessas mensagens não tinham valor para a comunidade³⁰. Por esta razão, coletamos apenas as mensagens que se encontravam disponíveis para coleta.

Salientamos que, para compormos nosso *corpus* e por razões ética, obtivemos a anuência dos administradores das listas. Assim, as informações pessoais a respeito dos usuários são utilizadas nesta pesquisa visando à preservação dos participantes.

³⁰ No caso a lista *Englishlearner*.

ENGLISHLEARNER			
Nº	SÍNTESE DO ASSUNTO	ASSINANTE	DATA
1	Just an idea ...	Elek Mathe	1/9/00
2	help	Kornel	1/10/00
3	The Students list is back!	Elek Mathe	1/11/00
4	Re: The Students list is back!	shao JunDe	1/11/00
9	Re: The Students list is back!	Elek Mathe	1/11/00
10	Please read - unsubscribe information	Elek Mathe	1/12/00
12	POLL: List of members	Elek Mathe	1/12/00
13	new features and a poll	Elek Mathe	1/12/00
15	Re: POLL: don't send your replies to the list!	Elek Mathe	1/12/00
17	Re: The Students list is back!	Magda Abrusan	1/12/00
18	Agatha Christie	Louise	1/12/00
22	moderation	Elek Mathe	1/12/00
25	No Subject	Paulo Ricardo Silva	1/13/00
27	Re: No Subject	Rubi maj	1/14/00
28	Re: No Subject	dageg	1/14/00
29	Re: The Students list is back!	dageg	1/14/00
30	Re: Agatha Christie	Magda Abrusan	1/14/00
31	a suggestion and a few notes from the list owner	Elek Mathe	1/14/00
32	Books	jose.luis@s...	1/14/00
34	Re: Agatha Christie	j_nakajima@i...	1/16/00
36	Re: Books	Magda Abrusan	1/18/00
37	Hello everybody in the house!	Melina Ahmad	1/20/00
38	hello from switzerland !!	Caroline Kuhn	1/20/00
40	Hot embraces from Brazil!	Paulo Ricardo Silva	1/20/00
41	Hi from Rubi in Lebanon	Rubi maj	1/20/00
43	thanks!	Khiammanivong, Vilaphanh	1/21/00
44	Re: thanks!	Marie Rivet	1/21/00
45	question	Freeman	1/22/00
46	Re: question	Jose A. Tedeschi O.	1/22/00
47	Re: question	Freeman	1/23/00
50	Re: question	j_nakajima@i...	1/24/00

Quadro 9: base de dados parcial

Ressaltamos que, para a realização do presente estudo obtivemos a anuência dos Administradores das Listas para utilizarmos os conteúdos dos respectivos sites. E por questões éticas resguardamos a real identidade dos participantes, apenas evidenciando as informações relevantes desses participantes como ilustrativas à nossa argumentação.

Após a coleta de todas as mensagens por lista, optamos por colocá-las numa base textual sendo identificadas por **EL-total** e **LE-total**, o que possibilitaria-nos trabalhar rapidamente. Tivemos que dar este tipo de tratamento em virtude dos instrumentos que utilizamos na análise somente entender somente bases textuais. Após, geramos então, dois arquivos-texto para que pudéssemos utilizar como referência para o processamento da análise: **EL-referência** e **LE-referência**. Em seguida utilizamos o aplicativo *EXCEL* para organizar as informações coletadas e acondicionadas nas bases de referência, conforme demonstrado no Quadro 9.

Mediante as bases de referência, classificamos as mensagens da base **EL-total** e **LE-total** por tipo, o que nos possibilitou gerar outras base de dados, relacionadas e identificadas somente pela sua função:

- a) (P) para primeira mensagem;
- b) (A) para mensagem de apresentação pessoal;
- c) (R) para mensagem resposta.

2.1.2. Tratamento preliminar e classificação dos dados

Para melhor classificação das mensagens coletadas, tivemos que separá-las em outras bases de dados para conseguirmos dar um tratamento diferenciado as mesmas. Obteríamos, com isto, *corpora* que fossem identificados pelo tipo de mensagem, o que nos permitiria trabalhar com um ou outro isoladamente. Para que isso ocorresse, utilizamos as bases de referência para conseguirmos selecionar e classificar as diversas mensagens armazenadas nas bases **EL-total** e **LE-total**, ficando assim distribuídas:

CORPUS	QUANTIDADE DE MENSAGENS COLETADAS
LE-TOTAL	3578
EL-TOTAL	1984

A opção por compor outras bases de dados deu-se em razão da necessidade de podermos analisar os conteúdos, que por razões metodológicas, garantiria uma análise quali-quantitativa quando da observação da produção e do fluxo de mensagens veiculadas nas listas. Poderíamos com isto, observar como se dão o fluxo interativo e as nuances que permeiam este fluxo. Por este motivo, seguimos o aconselhado por Jones (1997) que afirma que somente poderemos reconhecer uma comunidade virtual através da investigação do fluxo de mensagens que veicula nas listas.

Para conseguirmos cumprir com o objetivo deste trabalho, relacionamos as mensagens de apresentação pessoal de acordo com as listas investigadas, gerando então duas bases de dados:

EL-apresentação e **LE-apresentação**, ficando assim distribuídas:

CORPUS	QUANTIDADE DE MENSAGENS COLETADAS
LE-APRESENTAÇÃO	224
EL-APRESENTAÇÃO	327

Todas as mensagens coletadas sofreram um tratamento especial, uma vez que foram obtidas diretamente do site, seu formato inicial era em HTML, impossibilitando o acondicionamento das mensagens em nossa base de dados de texto. Por esta razão, optamos por convertê-las em “somente texto”. Conseguiríamos, com isto, utilizar as informações textuais das bases de dados com instrumentos informáticos que somente liam o formato “.txt”. Todas as mensagens, após o tratamento descrito, sofreram algumas alterações com base nas seguintes restrições:

- excluir do corpo das mensagens as citações, por compreendermos que nossa pesquisa estaria centrada unicamente nas declarações dos informantes; por isso, as citações poderiam comprometer a investigação;
- foram desconsideradas marcas gráficas (símbolos gráficos: marcadores de citação, endereços eletrônicos, arquivos anexos e outros recursos computacionais), por entendermos que tais marcas não serviriam, em essência, para a análise.

Para averiguarmos nossa hipótese de que toda mensagem de apresentação fosse uma ação primeira, compomos outra base de dados que acolhesse somente os primeiros *e-mails* enviados ao grupo, os quais denominamos de “primeira mensagem”, gerando: **EL-primeira mensagem** e **EL-primeria mensagem**, ficando assim distribuídas:

CORPUS	QUANTIDADE DE MENSAGENS COLETADAS
LE-PRIMEIRA MENSAGEM	455
EL-PRIMEIRA MENSAGEM	523

A seguir, passamos a identificar as mensagens respostas às apresentações pessoais para que pudéssemos revelar se marcas sociais e discursivas encontram-se em alinhamento com as mensagens de apresentação. Se haveria uma correspondência direta entre ação de auto-apresentar e a de responder, com isto, confirmaríamos a nossa pressuposição de que *reciprocidade* seria um fator motivador para o estreitamento de relações e, portanto, bastante empregado nas sessões comunicativas. Para isso, compusemos as bases de dados **LE-mensagem resposta** e **EL-mensagem resposta**, ficando assim distribuídas:

CORPUS	QUANTIDADE DE MENSAGENS COLETADAS
LE-MENSAGEM RESPOSTA	215
EL-MENSAGEM RESPOSTA	87

Conforme os esclarecimentos expostos, todas as mensagens que comporiam as bases de dados foram armazenadas em diferentes arquivos para que nos possibilitasse manuseá-las separadamente com o auxílio das ferramentas auxiliares de análise. As bases de dados ficaram assim distribuídas e nomeadas: **LE e EL-total**, **LE e EL-apresentação**, **LE e EL-primeira mensagem** e **LE e EL-mensagem resposta**.

2.1.3. Modelo de mensagens

Para identificarmos as características das mensagens eletrônicas e seu formato, buscamos entendimento em McCleary (1996), que demonstrou que as partes internas do *e-mail* são compostas por: cabeçalho, citação anterior, nome de endereçamento, mensagem, enxerto, assinatura e carimbo. Ao averiguarmos o formato das mensagens das listas investigadas, observamos que os usuários tendem a usar com mais frequência a estrutura: cabeçalho, mensagem e citação, conforme demonstrado na figura abaixo.

Cabeçalho	281 From: Ari Nurman < arinur96@p... > Date: Sun Apr 9, 2000 9:58pm Subject: Re: Re: No Subject
Mensagem	<p>hi...</p> <p>hmmm... I don't know why so many peruvian in this mailing list... but it's nice to know all of you... some peruvian has wrote me an email...but I'm sorry that I can't reply all that email...</p> <p>On Mon, 20 Mar 2000 LILIAN283@a... wrote:</p>
Citação posterior	<p>> Hi Friends: > My name is Lilian .I am from Perú and i live in New York .I would like to > write each other and we can increase our english. > I am one year in US.A. and i work in Chase Bank, I'd like to know more about > you. > I read Valentina's mail and i hope write to her as soon as posible. > I am goint to wait your reply. > Thanks > Lilian</p>

Nota-se que nesta variação os campos citação anterior tornou-se citação posterior e as demais partes não aparecem no corpo das mensagens. Houve uma variação da estrutura do *e-mail*, ficando aparente que há uma tendência a simplificação das partes internas das mensagens.

Optamos, então, por classificar as partes internas das mensagens do seguinte modo: cabeçalho, abertura, corpo da mensagem, fechamento e assinatura; uma vez que ao averiguarmos as mensagens de nossas bases de dados conseguimos classificá-las melhor desse modo.

O campo cabeçalho é restrito ao sistema gerente, que intervém junto às mensagens identificando-as pelo número seqüencial, quem escreveu, data de envio e assunto. O meio eletrônico, nesse aspecto, funciona como gerenciador e organizador das mensagens³¹.

Cabeçalho	253 From: Eward Tan < kun0523@y... > Date: Tue Mar 21, 2000 3:56am Subject: Re:
Abertura	hi, friends,
Corpo da mensagem	i'm kun and living in malaysia but currently studying in singapore. i hope to improve my english skills as well. for Lilian & Valentina, we are now at the same boat so that it is pleasure to share anything about english with yours. all the best to us.
Fechamento	Regards
Assinatura	Kun

O modelo de mensagem resposta à apresentação pessoal também contém nuances bastante interessantes para sua classificação. Em seu corpo, as mensagens resposta comportam aspectos bastante similares as de apresentação social, assim como suas propriedades informativas (melhor discutido no Capítulo III).

³¹ Embora o campo *subject* da mensagem tenha a função de auxiliar na depreensão do assunto da mensagem, serviria de guia para o leitor, fornecendo a este informação, de maneira resumida, sobre o conteúdo da mensagem. Este campo, em nosso *corpus*, não é muito utilizado para situar o leitor nos conteúdos textuais; o escritor, na maioria das vezes, opta por não alterá-la por razões particulares, ficando a cargo da ferramenta que auxilia na composição do *e-mail* remeter a mensagem como sendo a correspondência a uma mensagem anteriormente postada. Murray (2000: 404) alega que este campo tem “a propensão de carregar uma previsão tópica da mensagem, assim acreditamos que esse campo forneceria o interligamento dos assuntos veiculados, correspondente aos fios conversacionais na modalidade assíncrona”. Todavia, esse aspecto da composição da mensagem não foi por nós averiguada com mais atenção.

Cabeçalho	141 From: Louise <quetzale@g...> Date: Sat Feb 12, 2000 2:26am Subject: Re: No Subject
Abertura	Hi Eulis, Hi everyone,
Corpo da mensagem	Welcome to this list. We're never too old to be a friend to someone. The friendship has no age. Tell us more about your country and you. Is the peace back in your country ? I'm a French Canadian from Quebec so my mother tongue is French. I work as a lab technician in a laboratory of virology. Some of my hobbies are traveling and birdwatching around the world. I like everything that is connected with the computer (Internet, making homepage, etc.). I like pop and classical musics and thriller novels. At the moment, I'm learning Spanish for my next travel to Peru. I'll take a package tour and I'll leave April 1st for 3 weeks. I had the chance to visit your country about 6 years ago. It's a very beautiful country. That's all for now.
Fechamento	Your friend
Assinatura	Louise

Observamos que o tamanho do texto varia de mensagem para mensagem, tendo em seu corpo uma variação entre 01 e 49 linha(s)-texto. Verificamos que em textos menores (entre 01 e 02 linhas-texto) não são tão difundidos nas comunidades investigadas. O que pressupomos é que há uma necessidade de incorporar as intenções enunciativas em espaços restritos, linhas menores de texto tendem a conter informações mais específicas, enquanto que textos com número de linhas maiores tendem à argumentação. Se observarmos o exemplo a seguir, veremos que a função do enunciado de uma linha objetivou saudar e dar boas vindas ao interlocutor.

5 From: Hung Tran <hungtran@xxxx.xxxx> Date: Thu Apr 30, 1998 5:26pm Subject: Re: greetings Hello !!!! Welcome !!!!!!!! Ilaria

No exemplo abaixo, observamos que textos com mais de 03 linhas-texto, o enunciador utiliza a argumentação para referir-se à mensagem de apresentação, retomando o tópico e acrescentando seu ponto de vista, justificando e esclarecendo seu posicionamento.

7 From: anesidora@xxxx.xxxxxxxxxxxxxxxxxx)
Date: Fri May 1, 1998 1:02am
Subject: Re: greetings

Hi Ilaria Petti!

I would rely like to discuss the common rules of english with you. Usuly when a person learns a foreign language (I'm learning french right now) they learn the "proper" way, yet native speakers are more apt to use the "common" every day way of speaking. Are you learning english right now, or do you know english but want to expand your english abilities? Oh! I need to correct you on something, you spelled "greetings" wrong. Greet means like hello, but instead you used great.

Don't worry it happens, we'll make mistakes.

2.2.Procedimentos de análise

Todo o aparato metodológico empregado nesta pesquisa guiou-se nos trabalhos de McCleary (1996), Herring (1996) e Batista (1998), que investigaram as situações de interação mediadas por computador. Os procedimentos de análise contemplaram os aspectos da interação social através de um levantamento dos enunciados das mensagens de apresentação e de resposta a esta, verificando as partes internas do discurso para evidenciarmos a função dos enunciados. Com isto, poderíamos esclarecer como as mensagens de apresentação poderiam remeter o interlocutor a responde-las e de que maneira. Verificaríamos com isto, se as manifestações discursivas da apresentação conseguissem captar interlocutores por algum tipo de informação que as compõem, despertando interesse por parte do interlocutor e fazendo com que enviasse uma mensagem resposta.

Para entendermos se as listas de discussão fossem uma comunidade, partimos para um levantamento do fluxo de mensagens veiculadas para observarmos melhor a produtividade, a fluência e a periodicidade interativa das listas.

Outro aspecto interessante da presente pesquisa foi à utilização de mecanismos computacionais que auxiliaram na organização e na orientação quando da interpretação dos dados. Todas as etapas da pesquisa tiveram como princípio norteador à análise sócio-discursiva. Baseamo-nos no uso da linguagem e seu contexto como procedimento para interpretação. Assim, poderíamos entender como os enunciados das mensagens de apresentação e de resposta têm a função social de estreitar vínculos entre os interlocutores.

Portanto, o que fica caracterizado neste momento é que este estudo tem várias abordagens, por concebermos que os métodos empregados revelassem as nuances que acercam as listas e seus usuários. Diante disso, nossa análise guia-se de acordo com as seguintes bases teóricas:

- a) na análise dos fluxos de mensagens (Jones, 1997) que compreenderia a constância das ações interativas, verificando a distribuição de mensagens por participante, a regularidade com que este envia mensagens e proporcionando subsídios para o entendimento de que o fluxo é um caminho para esclarecer sobre a formação de comunidade;
- b) na análise da interação social através da contribuição de Goffman (1967, 1963 e 1959), que nos auxiliou na identificação das relações interpessoais na comunicação, nas manifestações de identificação/identidade na interação e garantindo, com isto, o reconhecimento das marcas sócio-pessoais que contribuem para a formação de uma identidade individual e, ao mesmo tempo, conferindo que informações relatadas pelo discurso de apresentação dissessem sobre a intencionalidade da declaração;
- c) nos postulados estratégicos da CMC (Herring, 1996; Jacobson, 1999; Batista, 1998, McCleary, 1996, Murray, 1995, entre outros) que, através de diferentes pontos de vista, observaram a utilização do meio eletrônico como ferramenta para interação social, colocam o discurso eletrônico em níveis de relações que se estreitam entre o sujeito e sua comunidade online;

d) na análise do discurso (Bakhtin, 1986; Brandão, 2000; Foucault, 1999; Fiorin, 2001; Koch, 2000; Pinto, 1999) por oferecer embasamento teórico e instrumentos de análise de gênero, na compreensão da interação pela linguagem e na identificação de traços lingüísticos conterem mais informações do próprio enunciador e sua relação com seu interlocutor, no caso, os membros da comunidade.

Todos os percursos da pesquisa foram realizados seguindo as questões de pesquisa, indo desde a etapa de coleta de dados até a organização das bases de dados, o que nos possibilitou pormenorizar as informações colhidas no intuito de revelar as propriedades do discurso de apresentação pessoal como manifestação subjetiva do enunciador; objetivando o entendimento da função social do discurso de apresentação pessoal e confirmando que este tipo de discurso é uma maneira socialmente estabelecida na cultura das listas como construção de pertencimento e validando ações sociais futuras.

2.2.1. Critérios de análise

Através das classificações feitas na etapa inicial da pesquisa, cujo objetivo era identificar se haveria traços similares de movimento interativo nas listas, foram necessários um mapeamento da produção de mensagens por participante a fim de correlacionar as informações das bases de dados **EL** e **LE-apresentação** e **EL** e **LE-mensagem resposta**, elucidando sobre a regularidade dessas informações.

Recorremos então as bases de dados para agrupar as informações das listas. Neste momento, esse mapeamento foi feito manualmente, um processo exaustivo de correlacionar informações sintetizadas às mais completas, uma vez que os recursos informáticos não nos possibilitavam tal correlação. Foram observados os *corpora* **EL** e **LE-total** para evidenciar e classificar as mensagens através dos critérios aludidos na seção 2.1.1. deste capítulo. Trabalhamos nesta etapa com dois *corpora*, um com todas as mensagens coletadas e outro de referência. O resultado evidenciou três subtipos de mensagens:

- Primeira mensagem como resposta à apresentação pessoal;
- Mensagem de apresentação como resposta à outra mensagem de apresentação;
- Primeira mensagem como apresentação pessoal.

De posse de todas as informações obtidas desse mapeamento, direcionamos nossos esforços unicamente nas mensagens de apresentação pessoal. Com isto, uma nova etapa de pesquisa dar-se-ia início, o de verificar a estrutura da mensagem como gênero discursivo emergente e as evidências de marcas de identidade.

Para averiguarmos nossas hipóteses a respeito das mensagens de apresentação condicionarem informações pessoais e sociais do participante, recorremos a um levantamento pormenorizado das mensagens. Optamos por identificar, isoladamente, a função de enunciados internos dentro das mensagens, tomando como guia os seguintes critérios:

- a) **informação pessoal:** nome, idade e sexo;
- b) **informação social:** profissão, estado civil, procedência e outras informações sociais adicionais.

Para garantir a objetividade da investigação, recorremos aos recursos de um aplicativo que pudesse ler os discursos de apresentação em formato texto. Tomamos como base, os estudos de Koch, 2000, Brandão (2000) e Pinto (1999) por valorizarem os pronomes pessoais como evidências lingüísticas do sujeito do enunciado, revelando seu comprometimento com o discurso, bem como o envolvimento com o outro (leitor).

(...) o significante 'eu' de um texto verbal (...) define a sua imagem ou lugar enunciativo, que é o sentido que o próprio emissor reivindica para si mesmo com o texto (...). (Pinto, 1999: 31)

Por ser de ordem textual, uma análise lingüística fez-se necessária para evidenciar o contexto que envolve a declaração do sujeito discursivo, mas para isso, tivemos que estipular alguns critérios de análise com base nos seguintes conceitos:

- a) indícios de envolvimento do declarante com seu enunciado ora posicionando-se no discurso frente ao interlocutor ora trazendo o interlocutor para o seu próprio discurso, por esse motivo, optamos pelas formas pronominais: I, ME e WE;

b) por revelar marcas latentes de comprometimento enunciativo, o sujeito traz para si a responsabilidade de suas ações, por este motivo, optamos pelo MY.

A justificativa da escolha está relacionada ao resultado de uma averiguação preliminar junto aos corpora EL e LE-apresentação, que revelou que esses itens eleitos aparecem com bastante frequência nas mensagens, conforme apresentado no gráfico a seguir.

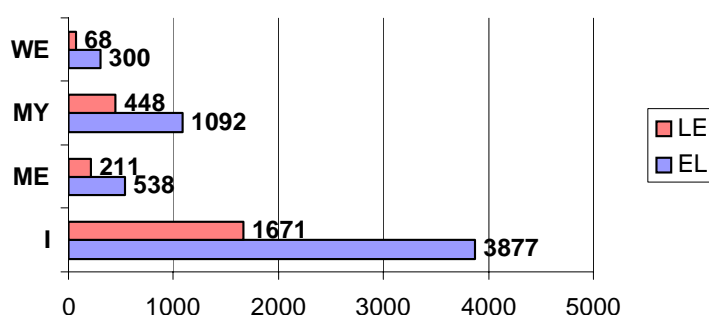


Gráfico 1: I, ME, WE e MY nas mensagens de apresentação

Diante do exposto, pudemos observar o contexto de uso desses itens no discurso de apresentação pessoal, sendo visto à luz de uma ferramenta informática denominada *Tatoe*, que nos auxiliou na identificação desses itens e seu contexto de uso através do recurso *concordance* desse mesmo aplicativo. Ainda possibilitou-nos averiguar as ocorrências e seus contextos nas mensagens de apresentação.

Para garantir uma boa visualização dos resultados do aplicativo *Tatoe* um outro aplicativo (*TextAnalyst 2.01*) foi empregado para evidenciarmos as ocorrências apontadas pelo aplicativo *Tatoe* no que diz respeito ao posicionamento dos itens lexicais na cadeia discursiva.

No que concerne à análise da rede semântica, o aplicativo *TextAnalyst* forneceu excelentes informações a partir da correlação dos itens lexicais e seus contextos de uso. Forneceu informações acerca das palavras-chave que tendem a aparecer com mais frequência nos discursos de apresentação. Por meio deste aplicativo pudemos entender melhor o discurso que se “submete” ao tópico central das listas, que nos levou a entender o funcionamento semântico

de determinadas expressões e suas conexões com as palavras-chave e validar a hipótese de formação de uma rede semântica a partir da orientação formadora das listas.

Para verificarmos se haveriam indícios de pertencimento no discurso de apresentação pessoais, voltamos nossos olhos para reconhecimento de que a partir dos enunciados dos iniciantes conteriam informações que dissessem respeito a pertencimento e comunidade. Para evidenciarmos esses indícios, optamos por estabelecer palavras-chaves que remetessem ao sentido de pertencimento e comunidade, tomando como base nos esclarecimentos de Johnson (1995: 118).

Grupo é um sistema social que envolve interação regular entre seus membros e uma identidade coletiva comum. Isso significa que o grupo tem um senso de ‘nós’ que permite que seus membros se considerem como pertencendo a uma entidade separada.

Para cumprirmos como nosso objetivo de pesquisa nesta etapa, selecionamos as palavras-chave identificadas em nossos *corpora* de apresentação pessoal mediante a utilização do recurso *concordance* do aplicativo *Tatoe* que possibilitou a identificação e as ocorrências das palavras-chaves: *group* e *member*. Tal escolha deveu-se em razão de que há uma tendência em ocorrer no discurso de apresentação, uma vez que o interagente na construção de seu discurso opta por determinadas unidades lingüísticas para compor sentido aos enunciados e, a partir deles, referenciar-se à comunidade como um *new member* ou *I am new in this group*. No mapeamento dessas unidades léxicas o *Tatoe* retornou o seguinte:

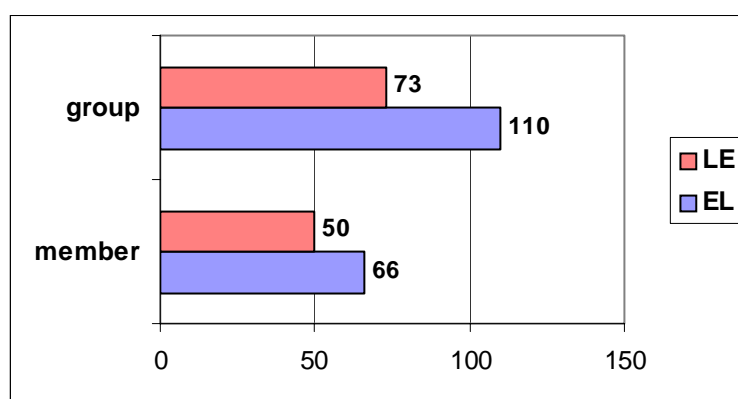


Gráfico 2: itens lexicais: grupo e membro

Os dados apontam que o uso do item lexical *group* aparece mais no discurso de apresentação pessoal na lista EL (110 ocorrências) e 73 ocorrências em LE. Enquanto que, para o item *member*, os dados demonstram que há uma preferência de uso na lista EL (66 ocorrências) e 50 ocorrências na lista LE. No tocante ao uso dessas palavras-chave e seu contexto, nossa análise privilegiará os aspectos semânticos que envolvem a utilização desses itens no contexto das mensagens de apresentação pessoal, o que será melhor apresentado e discutido no capítulo IV, seção 4.3.2.

2.2.2. Instrumentos informáticos de análise

Como já mencionado anteriormente, nesta pesquisa foram utilizados alguns softwares com base analítica para organizar e manipular os *corpora*. Tal necessidade deveu-se pelo volume de informações contidas nos *corpora*, coisa que numa manipulação manual, seria impossível chegarmos aos resultados obtidos rapidamente.

Os softwares utilizados trabalham com bases textuais e sua função varia de acordo com o objetivo da investigação, podendo ser: léxico-discursivo ou semântico-discursivo. Em ambos, os recursos são bastante variados, consegue-se coletar um volume significativo de texto para análise e, ainda, trabalhar com várias bases de textos ao mesmo tempo, conferindo e correlacionando-os mutuamente.

A facilidade com que estas ferramentas auxiliam a análise lingüística é fundamental para àqueles que trabalham com textos orais ou escritos. Os aplicativos submetem os textos a diversos tipos de análise: identificar palavras-chave, utilizar categorias na análise, verificar a concordância de palavras, bem como armazená-las em outras bases para uma análise pormenorizada. Todos esses recursos encontram-se na ferramenta *Tatoe (Text Analysis Tool with Object Encoding)*, desenvolvido por Melina Alexa e Lothar Rostek.

O aplicativo dispõe de recursos que possibilitam o pesquisador dar tratamentos diferenciados ao texto, podendo usar indexadores e criar categorias para análise. Também dispõe de um recurso para revelar a quantidade de tipos de palavras e sua ocorrência no texto, bem como apresentar os resultados da análise em forma gráfica, assim, facilitando na interpretação das ocorrências.

Outro recurso do aplicativo é fornecer os resultados dos diversos tipos de análise de maneira ordenada, ou seja, pode-se escolher a forma com que o aplicativo apresente os resultados: por ordem crescente/decrescente de palavras ou ocorrências por meio do recurso *Sort Word/Code Index*. Os resultados podem ser armazenados em arquivos a parte, podendo ser impressos para uma análise mais detalhada.

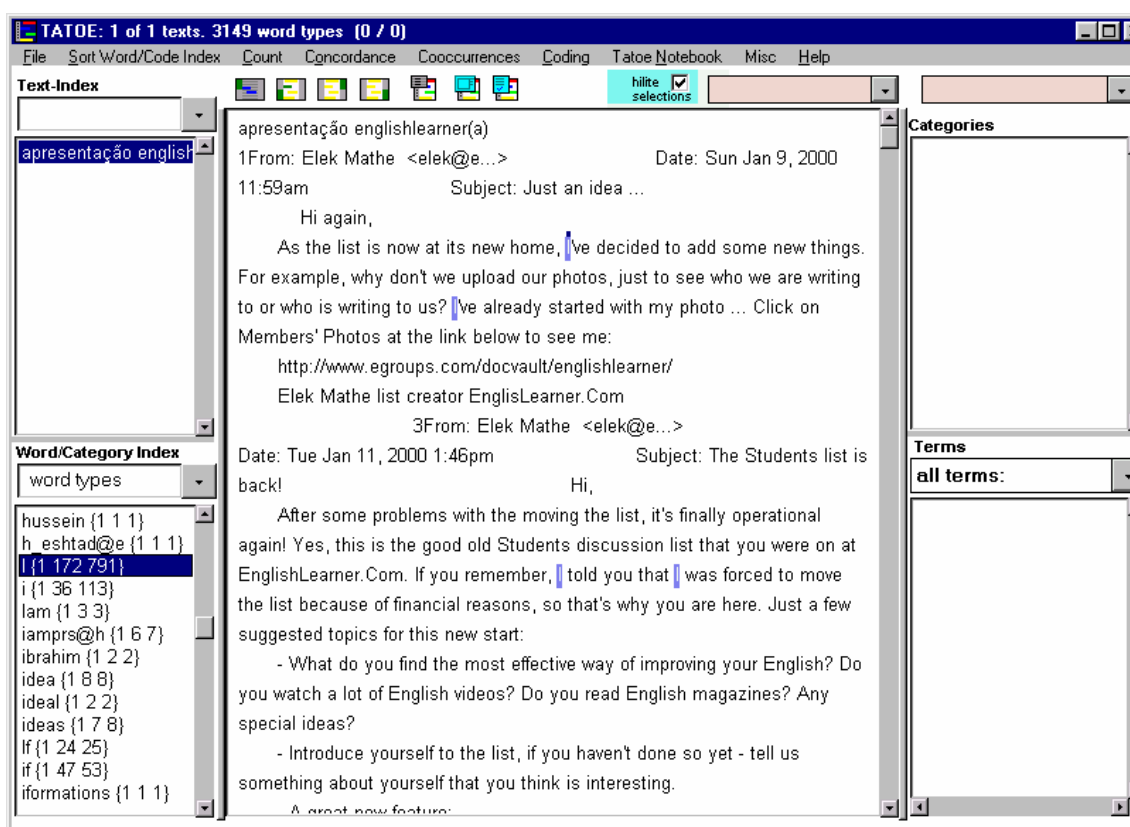


Figura 3: Aplicativo Tatoe

O outro aplicativo de análise tem em sua concepção analisar a semântica de um texto, verifica as ocorrências de palavras-chave que encontra remetendo-as a outras do mesmo campo de significado, possibilitando ainda, observar o contexto de sua ocorrência, em que posição tende aparecer com mais frequência, estratificando em níveis semântico (categorias). Identifica a quantidade de registros encontrados e correlaciona-os a outras palavras ou expressões, podendo também ser armazenados em arquivos específicos. Seleciona e ordenam trechos textuais onde

as palavras-chave e outras aparecem, assim, facilitando a análise mais pormenorizada. Este software, denominado *TextAnalyst* versão 2.01 foi desenvolvido pela *Microsystem Co.Ltd.* (1997-2000).

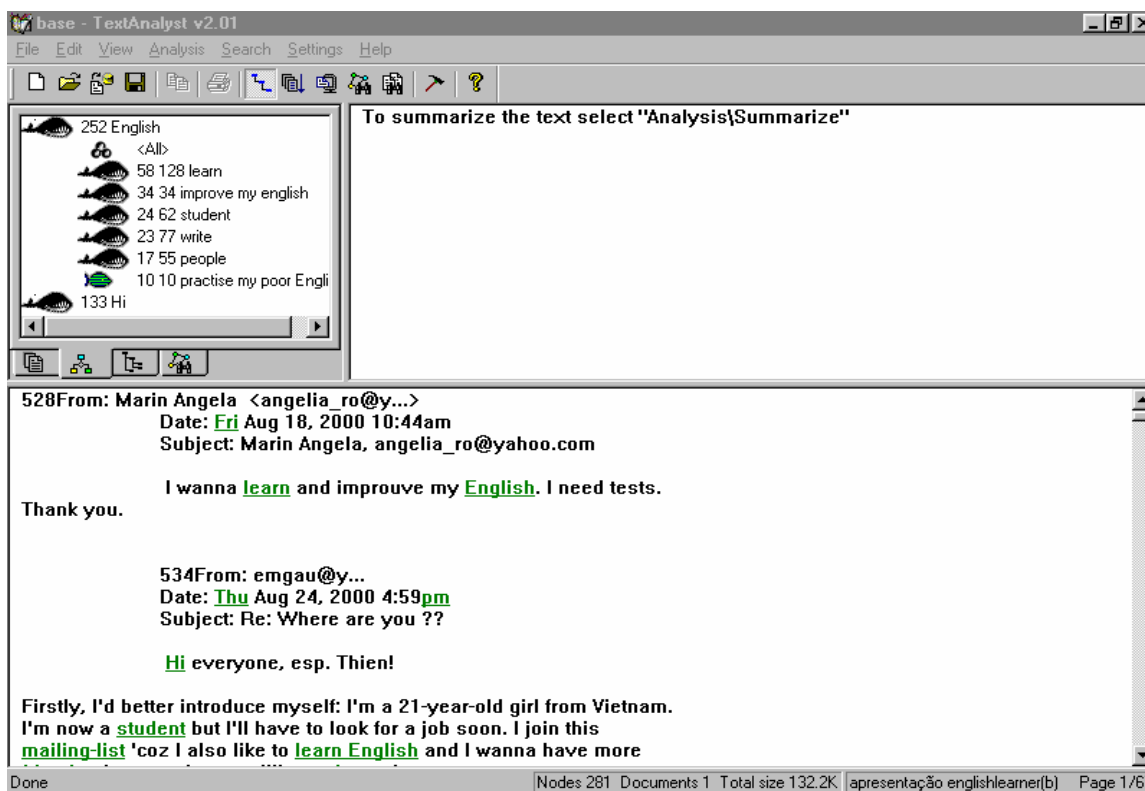


Figura 4: Aplicativo TextAnalyst

Todo esse aparato tecnológico contribuiu a esta pesquisa fornecendo subsídios técnicos quanto da ordenação e manipulação dos dados, conferindo nossas hipóteses e auxiliando na resolução de nossas questões de pesquisa. Ressaltamos que, para trabalhos de cunho lingüístico e discursivo, estas ferramentas podem auxiliar virtuosamente na organização e manuseio dos dados.

Capítulo III

PANORAMA GERAL DAS LISTAS

Neste capítulo apresentaremos os resultados obtidos de diversas análises bem como discutiremos à luz do posicionamento de Jones (1997) que descreve a formação de comunidade a partir das informações gerais e constitutivas das listas, conferindo sua regularidade e seu funcionamento. Essas informações correspondem a estrutura e modo como a interação flui no espaço eletrônico.

Primeiramente, será descrito o funcionamento das listas-objeto para situarmos quanto o contexto de sua formação (recursos, produção interativa e fluência interativa) promovendo observações acerca de sua função enquanto meio de comunicação no âmbito da CMC. Seguidamente, serão apresentados e discutidos os resultados da análise que contemplou a produção e a fluência interativa. Ao final teceremos comentários ao uso do termo comunidade no âmbito da CMC.

3.1. Funcionamento das listas

Considerando que as listas em estudo compreendem um espaço aberto àqueles que buscam agregar seus interesses particulares aos do grupo, de maneira a solidificar as discussões online, o que se segue é um levantamento das características intrínsecas às listas; dessa forma, fornecendo um panorama desta modalidade de comunicação mediada por computador.

Os dados, expressos quantitativamente, correspondem à análise das características internas como indícios do fluxo contínuo de trocas de mensagens, revelando assim os aspectos interacionais que contribuem para o entendimento da formação de comunidade a partir da frequência de envios e o grau de comprometimento com a uniformidade das listas. Com base nos conselhos de Jones (1997) que entende que um estudo do fluxo de mensagens pode

descrever perfeitamente a formação de comunidade, podemos através de um levantamento quantitativo esclarecer sobre o grau de comprometimento dos membros com o funcionamento das listas, e ainda, estabelecer como a ação interativa e os recursos eletrônicos se fundem para a organização e a ordem dessas listas. Dado a isto, primeiramente definir-se-á o que vem a ser recursos eletrônicos para organização e ordem para então, seguirmos com nossa análise e a apresentação dos resultados.

3.1.1. Recursos eletrônicos para organização e ordem

Entendemos por recursos eletrônicos para organização e ordem os recursos informáticos que servem de reguladores e de facilitadores para o desenvolvimento das discussões. Esses recursos servem de estabilizadores, auxiliam na organização e na manutenção da fluência interativa, estipulando as regras de funcionamento da lista. O sistema gerente proporciona aos usuários que:

- a) o envio e a distribuição de mensagens sejam restrito aos participantes;
- b) os conteúdos discutidos fiquem armazenados para consulta;
- c) arquivos anexos às mensagens dos participantes possam ou não ser enviados;
- d) o moderador/administrador possa gerenciar as informações e a lista; etc.

Diante disso, verificamos junto às listas as características funcionais que as compõem, conseguindo desse modo estabelecer suas propriedades de funcionamento, vejamos:

Características funcionais	EL	LE
Mensagens listadas no diretório	✓	✓
Aberto aos membros	✓	✓
Mensagens requerem de aprovação	✓	
Todos os membros podem enviar mensagens	✓	✓
Arquivos compartilhados somente pelos membros	✓	
Anexos aos e-mails são permitidos		✓

Quadro 10: características funcionais

Conforme observado no quadro 10, tanto na LE quanto na EL, é permitido a todos os participantes postarem mensagens. Porém somente na LE as mensagens não podem conter anexos de qualquer tipo. Outro aspecto diferencial entre as listas é que as mensagens enviadas em EL requerem aprovação, portanto, classifica-se como uma lista monitorada: todas as mensagens são filtradas antes de serem distribuídas. Na LE mensagens são postadas sem avaliação prévia. Qualquer assinante terá acesso aos arquivos das listas. O sistema gerente dá a garantia de que estes arquivos sejam restritos aos membros assinantes.

Todo o conteúdo das discussões está disponível, por ordem cronológica, no diretório das listas, podendo esse conteúdo ser restrito somente aos participantes do grupo, no caso da lista EL. Na LE o conteúdo das discussões pode ser visto por um visitante ao site.

Kollock & Smith (1996: 120) acrescenta que o nome do grupo é significativamente importante por definir as fronteiras da comunidade por anunciar os conteúdos que a constitui, atraindo somente aqueles interessados nesses conteúdos, repelindo, de certo modo, os desinteressados. Logo, as listas aqui discutidas contêm informações acerca da sua **orientação formadora** (aprender e praticar inglês). Nesse aspecto, os esclarecimentos dos autores reforçam nossa argumentação no que tange os participantes dos grupos online interligarem-se somente pelo interesse comum, portanto, utilizando o meio eletrônico para as trocas de mensagens de maneira igualitária.

3.1.2. A produção interacional

Após uma averiguação preliminar das mensagens enviadas por lista, um levantamento mais apurado fez-se necessário para aferir a regularidade interacional dentro das listas: como seria o fluxo de postagens e seu volume. Para isto, observamos um período que tivesse correspondência em ambas as listas (2000 e 2001). Vejamos os gráficos a seguir:

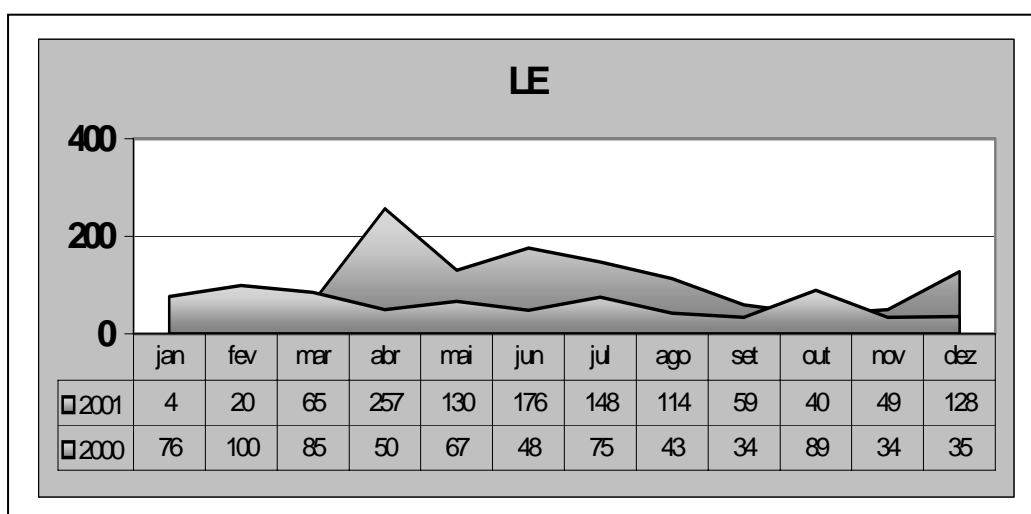


Gráfico 3: produção da LE

Nota-se no gráfico acima que a produção da LE é consideravelmente maior no período de 2001 (1190 mensagens) em relação a 2000 (736 mensagens). Os dados demonstram que o período de maior produção de mensagens foi 2001, tendo no mês de abril seu maior índice (257 mensagens). Para o ano de 2000, os dados apontam que o fluxo de mensagens manteve um equilíbrio, tendo seu pico no mês de fevereiro (100 mensagens).

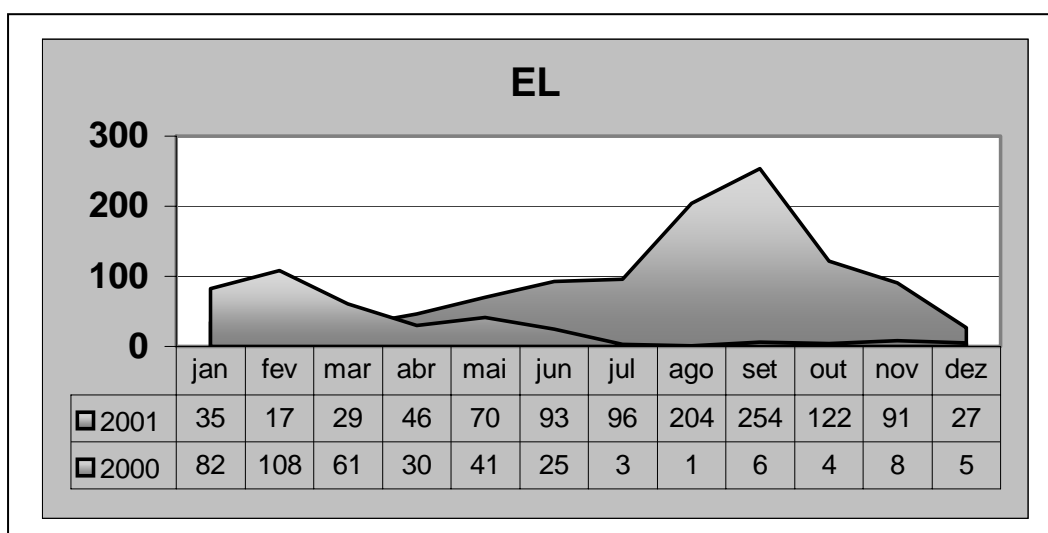


Gráfico 4: produção da EL

No levantamento da produção da EL, os dados apontaram que também em 2001 a produção foi mais significativa (1084 mensagens) em relação a 2000 (374 mensagens), tendo no mês de setembro o pico produtivo (254 mensagens), enquanto que, para 2000 o pico ficou no mês de fevereiro (108 mensagens).

Notamos com o levantamento que listas com maior índice de participantes não necessariamente produzem mais em relação às menores. Conforme já constatado em outro estudo (McCleary, 1996) o fluxo de mensagens em qualquer lista é sujeito a grandes variações imprevisíveis e não pode ser caracterizado por fluxo médio por período e nem por produção média por autor; como se verá mais adiante. Se notarmos o pico produtivo das listas nos períodos observados, entendemos que o ápice produtivo da EL encontra-se no mês de setembro de 2001 (254 mensagens), o que nos parece um fato bastante interessante, uma vez que exatamente no dia 11 de setembro houve um atentado nos Estados Unidos que culminou na morte de milhares de pessoas que se encontravam nas torres do complexo *World Trade Center* (WTC). Isto gerou incertezas medos e desconfianças no mundo inteiro. Este acontecimento de certa forma contribuiu para o aumento da produção interativa na lista EL e não teve a mesma repercussão na lista LE.

Este atentado gerou muitas discussões e mesmo assim a lista LE contou apenas com 59 mensagens. Isto vem demonstrar que as listas estão sujeitas ao fator *imprevisibilidade*. Isto é, um fato pode iniciar uma discussão mais ampla numa lista (EL), sem ter, necessariamente, a mesma repercussão na outra em razão do mesmo fato (LE). Por esta razão, não podemos classificar as listas que têm, basicamente, a orientação formadora e características funcionais parecidas como tendo comportamento homogêneo: o que afetaria uma afetaria a outra na mesma proporção. Elas estão sujeitas ao que chamamos de *intempéries* e estas acabam por fazer com que o fluxo produtivo sofra um aumento ou não. A complexidade das listas torna difícil fazermos generalizações. O fator *imprevisibilidade* na interação eletrônica é algo a considerar numa análise da produção interativa de uma lista.

Retomando os gráficos acima veremos que na LE os dados apresentam uma disparidade na produção da lista para o ano de 2001. Em janeiro do mesmo a lista contava com 4 mensagens/mês (menos de 1%) e no final do ano a lista contou com 128 mensagens. Para o

mesmo período (2001) a lista EL oscilou entre 3% em janeiro e 2% em dezembro, tendo seu pico no mês de setembro (23%). Em proporção inversa a lista EL apresentou para o ano de 2000 um decréscimo na produção do período. Se em janeiro a lista começou com 82 mensagens (aproximadamente 22% do total produtivo do ano) chegou ao final do período com apenas 05 mensagens (um pouco mais que 1%).

Portanto, o levantamento da produtividade e do volume de mensagens nas listas LE e EL vem de encontro ao que McCleary (1996) diz a respeito de as listas de discussão serem “sistemas complexos”. Há variação de uma lista para outra, e de uma época para outra, podendo ser decorrente de vários fatores, conforme os esclarecimentos de McCleary (1996: 172):

... os participantes entram e saem conforme um complexo cálculo individual que pesa variáveis, como tempo disponível, atração pelo discurso, estilo individual de leitura e resposta, recursos de software disponíveis e competências técnicas. Sem fluxo de mensagens, a lista morre; não é capaz de atrair novos membros, e os velhos esquecem de mandar informações novas e não respondem porque não têm o que responder. Com fluxo demais, a lista muda de figura. O que era uma rua residencial torna-se uma via expressa.

3.1.3. A fluência interativa

A fluência interativa está relacionada ao papel desempenhado pelos participantes. O fluxo das mensagens representa um valioso material de análise por poder revelar o universo da emissão de mensagens pelos participantes. Através desse tipo de análise conseguiríamos distinguir membros mais atuantes dos menos atuantes. Poderíamos com isso verificar a frequência de envio de mensagens por participante a fim de observar que tipo de papel os participantes optam por desempenhar nas listas. Identificaríamos quais membros contribuem mais dos que contribuem menos.

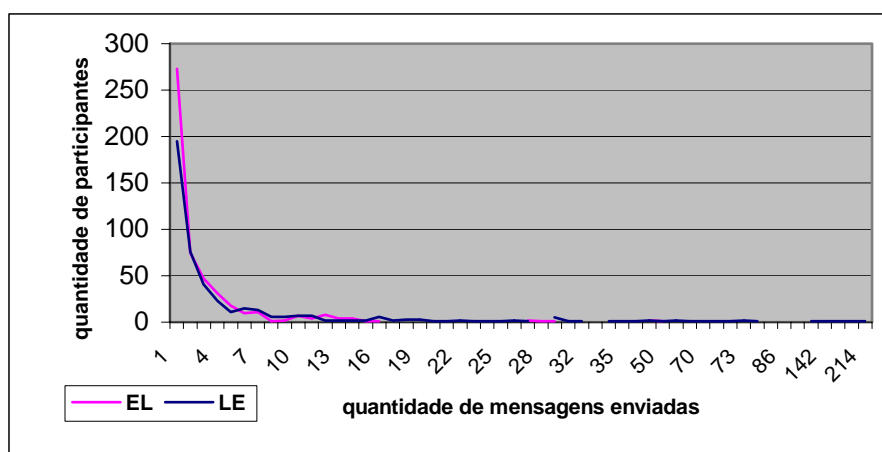


Gráfico 5: distribuição de mensagens por participante

Com respeito a distribuição de mensagens por participante, pudemos observar que tanto em LE quanto em EL, a representação gráfica revela que as listas estão em paralelo. Se compararmos a estrutura do fluxo das mensagens entre as listas, nota-se que membros mais participativos encontram-se relacionados no eixo y (base): 214 mensagens enviadas por apenas um membro, isso gerando um percentual aproximado de 6,0% do total geral de mensagens da lista. Em EL, uma participante enviou cerca de 94 mensagens (4,7% do total geral de mensagens coletadas). Isso vem demonstrar que estes dois participantes tendem a produzir mais. Estes membros seriam classificados como participantes freqüentes, pois suas produções individuais acrescem um certo volume a lista.

Esse resultado demonstra que há uma gradação de participantes nas listas. Os dados demonstram que há muitos participantes que enviam apenas uma mensagem e há poucos que enviam muitas mensagens. Isto vem reforçar que o meio eletrônico também é espaço para experimentação e observação. Se pensarmos em mensagens isoladas, o intercâmbio de mensagens não se tornaria tão relevante para o estreitamento dos laços sociais e, conseqüentemente, para as práticas discursivas.

Cabe ressaltar que nossa análise foi obtida através de informações coletadas diretamente do diretório das listas. Não nos preocupamos com os assinantes que não participam das discussões (*lurkers*), uma vez que o foco de nossa análise não seria revelar qual papel este tipo de membro

desempenha nas listas. Não é objetivo desta investigação observar se participantes esporádicos permanecem muito tempo nas listas e somente desempenham seu papel de leitor não participante.

O sistema que gerencia as listas registra somente os participantes assinantes no momento e não informa aqueles que deixaram a lista. Por isso, o número de participantes apresentado nesta pesquisa esteja diferente do apresentado no site. Tomamos como critério para identificar o número de participantes ativos das listas àqueles que postaram pelo menos 01 (uma) mensagem.

LISTA	NÚMERO DE MEMBROS REGISTRADOS COLETADOS EM 04/05/2002	NÚMERO DE MEMBROS APURADOS NOS CORPORA TOTAIS
LE	373	455
EL	919	523

Seguindo o raciocínio de Goffman (1967) sobre os membros desempenharem papéis na interação, sentimos a necessidade de relacionar esses papéis ao contexto das listas. Vimos acima que os participantes das listas podem ser classificados pela sua atuação nas mesmas. Porém, a questão de representação de papéis nesta investigação tivera como critério de análise apenas um pólo: o papel do participante na discussão. Este tipo de papel refere-se a maneira como o interagente desempenha um função comunicativa dentro de uma sessão de discussão. Mas para nossa interpretação da função desses papéis exercidos pelos participantes nas discussões, tomamos como critério de análise somente os participantes freqüentes por acreditarmos que estes exercem uma função bastante significativa à discussão.

O que temos notado em nosso *corpus* é que, esses participantes mais atuantes convocam para si um papel importante ora contribuindo e fomentando ainda mais a discussão, ora acrescentando à discussão com novos tópicos e subtópicos. Todavia, não podemos afirmar que esses participantes freqüentes tendem sempre a contribuir com o desenrolar da discussão. Este tipo de interagente também pode ser um participante que envia muitas mensagens mas isto não significa que todas as mensagens que ele envia sejam de contribuição. Este participante pode

desempenhar um outro tipo de papel dentro da lista, o que não pudemos averiguar com mais cautela nesta pesquisa.

Para ilustrarmos nossa posição, como recorte metodológico, optamos por classificar os papéis na interação da seguinte forma:

(a) **debatedor**: aquele que participa de uma discussão acrescentando contribuições a uma discussão em andamento;

(b) **fomentador**: aquele que lança novos tópicos a serem discutidos.

Para ilustrarmos melhor nossas suposições, escolhemos dois participantes ativos de cada lista para complementar nossa argumentação a respeito da representação de papéis na interação.

LISTA	MEMBRO	DEBATENDO UMA DISCUSSÃO EM CURSO	FOMENTANDO NOVAS DISCUSSÕES	TOTAL DE MENSAGENS
EL	Waldemar	19	08	27
	Watine	61	32	93
LE	Charan Kumar	70	03	73
	Syed Mehbood	25	44	69

Se observarmos o quadro acima, podemos entender que na lista EL, Watine e Waldemar desempenham mais seu papel de **debatedor** do que de **fomentador** de discussão. Já para a lista LE, Charan Kumar também opta por exercer seu papel de **debatedor**, enquanto que, Syed Mehbood prefere exercer seu papel de **fomentador** de discussão. Este resultado vem mostrar que os membros tendem a exercer algum tipo de papel na comunidade, ora auxiliando na evolução de uma discussão ora preferindo acrescentar novos tópicos à discussão.

Vejam os *e-mails* dos membros citados:

a) Watine debatendo uma discussão em curso.

EL. 1358 Subject: RE: Phrases and idioms

Hello,

In French, the idiomatic translations of "pigs might fly" or "when donkeys fly" might be "when hens have teeth" or, to a lesser extent, "the week of the four thursdays" (quite an impossible week indeed).

Saludos, Watine

b) Waldemar debatendo uma discussão em curso

EL. 1542 Subject: RES: Re : humor

Hi, Friends

Thank you James.....corrections were great. By mistake I have deleted your e-mail with the corrections right after I've read it. Could you send me again ??

(...)

I think Edie is right....would be much better if all of us (thank you James) could write the country along with the name

One more idiom/expression

When pigs fly – about something impossible to happen
:))

W. Junior

c) Charan Kumar debatendo uma discussão em curso

LE. 2405 Subject: Re: to Charan

HI Mar,

You are right. That river is called GANGA. Hindu religion will do the procedure what you have told in this mail. Why dont you download yahoo Messenger, so that we can all chat.

Love

Char

d) Syed Mehbood sugerindo um tópic para discussão

LE. 2913 Subject: TOPIC

Let us start a new topic for discussion

HUMANITIES and it's status in different CULTURED CONTRIES

Syed Mehboob

Com relação ao papel desempenhado na interação, o que vimos é a função dos papéis **debatedor** e **fomentador** na discussão. Os exemplos expostos acima apenas ilustram como os participantes tendem a desempenhar mais um ou outro tipo de papel. Porém, estes exemplos apenas ilustram o tipo de papel escolhido. Por este motivo e para reforçar à nossa argumentação, apresentaremos a seguir uma seqüência de mensagens que demonstra o início de uma conversa voltada ao tópic. Mostraremos quem iniciou o tópic e os papéis que se encontram presentes na discussão. Desse modo, conseguiremos mostrar que os papéis na interação não são fixos, se movimentam e se deslocam de interagente para interagente no decurso de uma interação (Goffman, 1967).

Tomy (LE) iniciou uma ação comunicativa lançando um tema a ser discutido, neste momento ele está desempenhando seu papel de fomentador. Erika, sua primeira interlocutora, desempenha seu papel de debatedora.

LE.3206 From: Tomy

Hey all,
I've got two stories of mine, please feel free to correct them.
I'll post them in sequence. any comments are also welcome.
Here we go...
Tomy

LE.3212 From: Erika
To: Tomy

Medicine and communication have much in common, eg there are pathologies of communications, medicine basically involves communication between the patient and his doctors, nurses, etc.

By the way, what does "It's NOT the CAPACITY. It's all about the PRICE" mean?

Best regards,
Erika

LE.3216 From: Tomy
To: Erika

hi,
thanks for your comments. regarding my text footer, well, if you follow telecom business recently many telcos (telecom companies) are in race of building backbone networks around the world. they are connecting one city to another, one continent to another, across the ocean providing higher and higher capacity for internet and data stream or just conventional service such as telephony/fax.

therefore, since there are many providers acting as competitor to each other, what they compete is to set the price of the service lower than others. so the price matters.

Regards

Tomy

Percebe-se que em LE.3206, uma solicitação de ação foi colocada a público para debate, juntamente com uma solicitação de *ação-resposta* (Batista,1998). O participante atribui ao conteúdo textual enunciados que denotam a importância pessoal para o interagente do assunto proposto: *please feel free to correct them e any comments are also welcome*, deposita no outro o poder para tomada de opinião, mas também roga para si o papel de depositário dessas opiniões. Em contrapartida, houve o retorno da solicitação, assim, fechando a correspondência do fio conversacional e retornando ao emissor para reflexão e posterior exteriorização dessa reflexão (LE.3216). Se notarmos, os fios estão imbricados na teia discursiva. O emissor objetiva que a solicitação de ação seja inteligível para o outro e, em consequência, o outro retornará uma ação resposta a qual remete ao conteúdo do enunciado colaborando com pontos de vista sobre o tema proposto, assim, motivando a ampliação da teia discursiva.

De acordo com o exposto, verificamos que a relação entre produção e tipos de membros não seria um caminho para o reconhecimento da existência de uma comunidade online. Notamos em nossas listas a existência de dois tipos de papéis desempenhados na interação nas listas. Esses papéis podem contribuir para o entendimento de que um conjunto de pessoas interagindo socialmente num espaço eletrônico pode formar uma comunidade. Entretanto, esses papéis estariam relacionados a produção. Tönies (1973) fala sobre as comunidades antigas estarem interligadas não só pela área geográfica mas também pelo trabalho. Este, por sua vez, voltado para produção e consumo coletivo; uma valorização do bem local. Entretanto, em se tratando de contexto eletrônico o que temos a dizer é que a produção interativa dentro das listas é que as fazem ter um caráter diferenciado. Ou seja, para se reconhecermos que uma lista está em evolução ou declínio somente conseguiríamos esta distinção por meio da sua produção observando o comportamento do grupo. Quais participantes e quais papéis eles representam para fortalecer o sentido de união, assim distinguindo uma lista *efêmera* de uma *duradoura* (Patterson, 1996).

3.1.4. Comunidade online: uma questão delicada

Discutimos neste capítulo alguns pontos que poderiam indicar a formação de comunidade nas listas eletrônicas de discussão. O que observamos foi que o termo comunidade é bastante complexo. Não poderá ser interpretada a partir de uma visão da funcionalidade das listas tampouco pela descrição de sua produção. Podemos apenas dizer que a produção interativa é o elemento que dá corpo à comunidade online; uma maneira de diferenciar uma lista de outra.

Observamos que as listas são sistemas complexos auto-organizadas (McCleary, 1996). Embora as listas investigadas neste estudo tenham características funcionais, orientação formadora e perfil dos participantes semelhantes não podemos dizer que elas sejam homogêneas em constituição e funcionamento. Como vimos, vários fatores podem influenciar no funcionamento das listas (conforme vimos no item 3.1.2) afetando a sua produção interativa. Às vezes um fato pode demandar um aumento de fluxo interativo numa lista, sem que necessariamente afete a outra na mesma proporção. Estamos diante do fator *imprevisibilidade* e por isso fenômenos podem acontecer nas listas: como o caso da lista LE cujo pico produtivo esteve no mês de setembro de 2001 em virtude de um fato alheio aos propósitos da listas ter culminado no

aumento abrupto da interação naquele período. Este tipo de acontecimento pode gerar discussões por um longo período de tempo tendo bastante interagentes discutindo o tema; assim aumentando o índice produtivo daquele período. É fato que estamos diante de um sistema complexo, as listas eletrônicas de discussão só poderão ser interpretadas como comunidade a partir do momento que tivermos uma noção sólida sobre o contexto virtual.

McCleary (1996) demonstra que os fenômenos que ocorrem nas listas podem ser descritos pela sua distribuição bipolar, ou seja, com diferenças exageradas nos dois extremos. Por exemplo, no nosso caso, vimos que poucos membros produzem muito e muitos produzem pouco. Em razão disto, somos levados a acreditar que estes tipos de papéis têm a função de distinguir dentro do grupo aqueles que são produtores daqueles que são espectadores. Ou seja, poucos trabalham muito para que muitos consumam os produtos (caso dos *lurkers*).

Estamos lidando com dimensões diferentes, a forma de comunicação é diferenciada; também é diferenciada a maneira de relacionarmos socialmente. No contexto presencial, as comunidades são permeadas por aspectos sociais e geográficos; não é em razão da produção para o trabalho coletivo, descrito na comunidade antiga, nem pelo universo das relações que tendem a se estreitar pela partilha do espaço físico. Não podemos caracterizar o universo das interações virtuais de muitos para muitos formarem comunidade. O fator presença física nas relações presenciais nos leva a agir de uma determinada forma junto ao nosso grupo de convívio. Somos impelidos a lidar com diversos tipos fatores e estes poderiam auxiliar no reforço da noção de comunidade. Por exemplo, dentro de um bairro há pessoas que compartilham o mesmo território; elas são obrigadas a manter um nível de relação entre elas porque o bem estar comum é o capital social a ser preservado. Desse modo, as ações são governadas a ordem e a manutenção desse capital. Mas para as listas, o capital social é o direito de poder discursar e relacionar-se com os outros que compartilham de um interesse comum. Todavia, os laços que se formam são frágeis, somente se fortificam pelo compromisso firmado entre as partes. Os interagentes vão estreitando laços no decorrer das sessões de trocas, um vai reconhecendo no outro atributos pessoais e sociais que os identificam como portadores de características para se manter um tipo de relação (seja amizade, afetivo ou de outra ordem). O compromisso que uma pessoa tem com seu grupo de pertencimento não estaria ligado diretamente às relações mais estreitadas afetivamente. Estaria ligada ao compromisso mútuo de que todos os esforços do

grupo serão voltados para a ordem. As relações pessoais mais estreitadas estão no campo do subgrupo, o que chamamos de sub-comunidade. Por exemplo, numa sala de aula encontramos dois tipos de papéis dentro deste contexto: o professor e o aluno. O aluno se identifica socialmente com outros, por razões particulares. Com isto, sua linha de contato fica mais estreitada e seu comportamento torna-se mais espontâneo para àqueles de seu círculo de amizade. Enquanto isso, sua relação com os demais de sua sala fica condicionada à situação de contato. Para exemplificar melhor nossa argumentação tomamos as palavras usadas pelos alunos para designar seus companheiros de sala de aula: “colegas” e “amigos”. A primeira palavra demonstra um distanciamento do falante com o outro referindo a este outro como “ele”. A segunda demonstra um grau de aproximação por referir-se ao outro como “você”. Portanto, os laços tendem a se fortalecer em grupos menores (amigos de escola) que também fazem parte de um grupo maior (alunos de uma sala de aula), que por sua vez também faz parte de um grupo ainda maior (escola). Por isso que vimos que comunidade não somente se aplicaria a grupos grandes mas também em grupos pequenos, desde que estes tenham um envolvimento mútuo e reciprocidade como condutor das ações coletivas.

Seria a partir da crítica sobre os conceitos de comunidade contemporânea e de estudos mais voltados aos aspectos sociais e comunicativos é que possibilitaria ampliar a visão a respeito de comunidade online. Em nossas leituras vimos que as investigações acerca dos conjuntos de pessoas interagindo eletronicamente reconhecem como sendo uma comunidade. Por este motivo, vimos à necessidade de fazermos uma crítica sobre os conceitos que vão sendo empregados conforme o tipo de investigação (ver capítulo I). Por exemplo, Rheingold (1993) descreveu seu grupo online de pertencimento dizendo que comunidade virtual só se formaria através de agregações de pessoas interagindo socialmente durante um período suficiente para que se formassem laços mais estreitos. Diante disso, este conceito está sendo utilizado por pesquisadores da CMC para nomear qualquer tipo de agrupamento social na virtualidade, sem ao menos verificar se este conceito aplicar-se-ia ao seu próprio contexto de pesquisa. Fernandes (1973: 54) faz uma crítica aos sociólogos por seguirem critérios lógicos extremamente variáveis e com diversos significados. Através do reconhecimento da estrutura social de um grupo poderia classificá-lo como sendo uma comunidade.

Portanto, há várias concepções de comunidade e o termo é comumente utilizado para designar grupos sociais convivendo em espaço comum e compartilhando interesses comuns. Mas quando estivermos tratando de virtualidade deve-se observar outros fatores que poderiam esclarecer se um ou outro grupo eletrônico seja uma comunidade. Para tanto, deve-se observar a identidade do grupo, a sua maneira de comunicação, os laços que se formam, os papéis representados e o volume de participantes e de mensagens. Mediante estes quesitos poderíamos verificar a existência de uma comunidade online.

Capítulo IV

O DISCURSO DA APRESENTAÇÃO PESSOAL

Discorremos, neste capítulo, acerca dos resultados alcançados na análise das propriedades que permeiam o texto eletrônico como um gênero emergente, assim como, discutir as mensagens de apresentação pessoal como princípios de ações e de reações por parte da comunidade. A seguir, passamos aos resultados das observações e análise das estratégias discursivas que acercam as apresentações online, observado a posição do falante e seu interlocutor, que constitui o sujeito como partidário do discurso.

Com base nos estudos de Goffman, veremos como o sujeito iniciante se posiciona discursivamente perante o grupo, como se revela através da linguagem. Como subsidia suas intenções através de discurso que visa instanciar-se socialmente. Em complemento a nossa interpretação, observamos o uso de determinadas unidades lingüísticas que nos auxiliaram no entendimento de que as listas eletrônicas revelam traços que indicam a existência de comunidades virtuais (conforme principiado por Rheingold, 1993).

Ao final, serão revelados os contornos que estabelecem as listas eletrônicas como espaços para manifestações sociais através da intersecção entre *tema e rede semântica*.

4.1. O movimento sócio-interativo

A mensagem de apresentação pessoal, ao nosso ver, seria a primeira ação de engajamento nas comunidades online. Assim, esta ação social teria por finalidade abrir uma linha para comunicação com o interlocutor. Se tomarmos os exemplos da interação face a face em contextos onde os interagentes não se conhecem mutuamente, veremos que a prática de fornecer informações sócio-pessoais é um recurso para abertura de uma linha de comunicação. A título de exemplo vejamos uma situação donde os participantes de uma interação utilizam o recurso de auto-apresentar-se socialmente aos seus interlocutores que não o conhece. Um gerente de

uma empresa vai fazer uma explanação numa reunião de um produto novo. Primeiramente, as informações pessoais são trazidas à interação para situar os interagentes a respeito da credibilidade e seriedade do falante no evento “reunião de negócios”. Para isso, o falante utiliza um discurso que objetiva informar os interlocutores a seu respeito; por exemplo: “meu nome é Carlos, sou gerente de Marketing da empresa tal”. Em outro momento, um candidato a uma vaga de emprego se vê diante de um formulário de solicitação de emprego da empresa. Este formulário contém perguntas a respeito do candidato as quais o candidato deverá identificar seus dados pessoais (idade, sexo, estado civil, etc.), bem como suas intenções profissionais para com a empresa.

Nas mensagens de apresentação o participante estipula o tipo de informação pessoal que serviria para contextualizar sua intenção de interação. Visa com isto, servir de contexto social para formação de laços e aceitação, uma vez que as informações fornecidas através da prática de envio de mensagens de apresentação são relevantes para conduzir a interação em grupo. Dessa forma, determinadas informações podem ser de máxima importância para os interlocutores na interação interpessoal.

4.1.1. A estrutura textual

Neste momento, nosso objetivo é averiguar a estrutura textual das mensagens de apresentação e verificar a forma como elas são apresentadas à comunidade. Conduzimos nossa análise acerca do reconhecimento deste tipo de mensagem ser um gênero que circula nas interações nas listas. Podemos revelar as características estruturais do texto de apresentação pessoal e relacioná-las ao contexto da interação em grupo. Com isto, podemos descrever a estrutura interna das mensagens para esclarecermos que este tipo de mensagem exerce uma função dentro das comunidades investigadas.

Seguindo o esquema proposta por Herring (1996: 86) que identifica as estruturas internas do *e-mail* denominando-as de macrosegmentos e microsegmentos³². Nesta pesquisa as partes

³² A autora tomou como base para sua investigação as considerações de Swales. SWALES, J. (1990) **Genre analysis**. Cambridge: Cambridge University Press.

internas do *e-mail* são denominadas de estágios. Herring (1996) agrupou as seqüências funcionais das mensagens eletrônicas em estágios³³.

Embora a mensagem eletrônica tenha semelhança às cartas de modo geral, sua estrutura e seqüência são entendidas como um novo tipo de texto por comportar características das linguagens escrita e falada (McCleary, 1996; Herring, 1996; Batista, 1998). Essas características demonstram a influência da oralidade na escrita. Contudo, o que buscamos a seguir é o reconhecimento das estruturas típicas da mensagem de apresentação, visando o reconhecimento dos estágios que coexistem no texto escrito para, então, relacioná-las à sua função social no ambiente online. A apresentação aqui proposta requer critérios para identificação de como essas mensagens são construídas a partir da informação pessoal contextualizada e utilizada no evento *discussão eletrônica*. Os critérios que estabelecemos para averiguação da estrutura e função social do discurso escrito poderiam assinalar um novo gênero emergente, cuja função comunicativa é dada em um determinado contexto social.

Embora Herring tenha trabalhado com uma estrutura maior (5 estágios: convenção epistolar de abertura, introdução, corpo, fechamento e convenção epistolar de encerramento), o que propomos a seguir é um esquema de apenas 3 estágios, uma vez que nosso objetivo não é reforçar a existência dos estágios descritos pela autora, mas averiguar se dentro das mensagens de apresentação pessoal há traços que as identifiquem como sendo um gênero do discurso e, assim responder a seguinte pergunta de pesquisa:

- A mensagem de apresentação é um gênero inerente às listas?

Na busca de resposta à esta questão, o primeiro passo foi descobrir se as estruturas internas poderiam descrever se a mensagem de apresentação exerce uma determinada função social e quais sub-partes podem revelar outras características desse tipo de mensagem. Assim, procedemos à identificação das partes internas da mensagem de apresentação, conforme apresentado no quadro a seguir.

³³ Para maiores esclarecimentos sobre o estudo de composição e estágios (denominado de macrosegmentos), ver HERRING, S.C. (1996) Two Variants of the Electronic Message Schema. In: HERRING, S.C. (ed.) *Computer-Mediated Communication: Linguistic, Social and Cross-Cultural Perspectives*. John Benjamins Publishing Company. Amsterdam/Philadelphia. p. 81-106. Neste artigo a autora desenvolve uma investigação sobre as estruturas das mensagens eletrônicas que veiculam em duas listas de discussão.

MACROSEGMENTOS	MICROSEGMENTOS
Abertura	Saudação inicial
Corpo do texto	Fornecer informação sócio-pessoal Intenção Solicitar ação Fornecer ação
Encerramento	Saudação final Assinatura

Embora tenhamos observado três estágios do texto de apresentação pessoal, alguns microsegmentos são relativamente independentes. Os microsegmentos encontram-se situados no texto escrito de maneira a fornecer ao leitor as informações pessoais do escritor, a sua intenção e solicitar ou fornecer ação ao leitor. Ao nosso ver, o segmento “intenção” é contextualizado pelo segmento “fornecer informação sócio-pessoal”. Entendemos que o uso desse tipo de texto o escritor objetiva contextualizar um propósito particular através do reconhecimento de seus atributos particulares: quem está falando e o que o enunciador pretende com isso.

Koch (2000: 19-24) descreveu a interação social como um sistema verbal cuja função é fornecer aos envolvidos a possibilidade de intercâmbio de suposições dentro de um contexto de fala. Os envolvidos em situações comunicativas requerem habilidades discursivas que visem a inteligibilidade entre as partes. Faz com que o enunciado encontre-se em moldes para fornecer um sentido ao interlocutor. A autora estudou o discurso social na interação interpessoal. Suas descobertas evidenciaram que através da intencionalidade dos agentes da interação as trocas de enunciados são coordenadas dentro do sistema de comunicação. Desse modo, evitando o prejuízo de entendimento das intenções entre as partes.

(...), para atingir seu objetivo fundamental, cabe ao locutor assegurar ao seu interlocutor as condições necessárias para que este: a) seja capaz de reconhecer a intenção, isto é, compreender qual é o objetivo visado, (...). (op. cit.: 24)

Assim sendo, pudemos conferir em nosso *corpus* o comprometimento com que o iniciante utiliza-se do gênero “mensagem de apresentação pessoal” com fim de promover o direito à realização de uma intenção/vontade em particular, utilizando, estrategicamente, de recursos lingüísticos a fim de realizar seus desejos particulares, apresentando ao outro sua condição

social e pessoal como pressuposto para o reconhecimento das intenções particulares. A estrutura do texto inaugural tem elementos lingüísticos (*you can/want*) que convocam o interlocutor a uma ação-resposta, a situação da declaração é, ainda, referente ao tópico central das listas: prática ou aprendizagem do Inglês.

Vejamos os exemplos abaixo:

LISTA	CORPO MENSAGEM	MICROSEGMENTO
EL.210	Hi evebody	Saudação inicial
	My name is Joe come from Taiwan, I am 23 years old, I am a student in the night school.	Informação sócio-pessoal
	I want to improve my English. I want to know about culture with different countries.	Intenção
	Please send you mail, if you want to be a friend with me.	Solicitação de ação
	Joe	Assinatura

LISTA	CORPO MENSAGEM	MICROSEGMENTO
LE.149	Hi	Saudação inicial
	My name is Augusto, from Argentina (South America).	Informação sócio-pessoal
	I want to improve my English with friends from all over the world.	Intenção
	You can write when you want I check my mail every day.	Solicitação de ação
	Kindest regards	Saudação final
	Augusto	Assinatura

Esquemáticamente, o aqui proposto é subsidiar o entendimento desse tipo de discurso escrito que celebra as ações primeiras no contexto das listas. Os textos de apresentação pessoal podem caracterizar-se como um gênero emergente mesmo porque o meio pelo qual o discurso é veiculado é diferente do face a face. Desse modo, os microsegmentos identificados do discurso eletrônico podem dizer sobre sua função social nos eventos comunicativos; o uso da linguagem em atividades sociais individuais denota compartilhamento por parte dos envolvidos no ato comunicativo, quando do direcionamento de suas declarações. O que entendemos é que o uso desse tipo de discurso nas listas serviria para propósitos de engajamento quando do ato da assinatura, portanto, seria a primeira ação. Entretanto, o que notamos em nosso estudo é que não

é, necessariamente, utilizado para este fim, mas também como retribuição à uma apresentação anterior, o que discutiremos melhor no item 4.1.3 deste capítulo.

Vimos neste gênero uma maneira de situar o interagente no seio da comunidade por intermédio do conhecimento das práticas sociais convencionalizadas³⁴ como recurso para engajamento numa lista de discussão. Visto por este prisma, entendemos que as apresentações pessoais desempenham uma função quando veiculadas. O interagente envia uma mensagem de apresentação à lista, mas no momento de envio há uma discussão em andamento, então, esta mensagem acaba por infiltrar-se na discussão, fazendo com que desvie a discussão para a mensagem enviada. Se a mensagem contiver informações que sejam pertinentes à comunidade, não há motivos para repreensão ou sanções, uma vez que em seu corpo, a mensagem traga informações que denotem respeito e revelem o interesse do interagente à comunidade.

A mensagem de apresentação tem por finalidade fornecer um resumo biográfico e situar o interlocutor acerca de suas intenções, na premissa de que o iniciante seja reconhecido como um membro recente e que quer fazer parte da comunidade. Tal assertiva encontra repouso na *teoria da atividade verbal* (Koch, 2000: 24) por entendermos que a atividade lingüística se comporia por “um *enunciado*, produzido com dada *intenção* (propósito), sob certas *condições* necessárias para o atingimento do objetivo visado e as *conseqüências* decorrentes da realização do objetivo”³⁵, sendo assim, o gênero “mensagem de apresentação pessoal” é utilizado como uma manobra social por aqueles que primam por um lugar como participante efetivo dentro da comunidade.

4.1.2. Apresentação como ação inicial

Após o mapeamento do *corpus* na busca por uma correspondência entre ação inicial e apresentação pessoal: se toda a ação primeira se daria pela apresentação pessoal e esta ação se caracterizaria como recurso necessário para aceitação e engajamento. O que observamos é que

³⁴ Chamamos de práticas sociais convencionalizadas as situações de interação, cujos participantes de um determinado evento, uma assembleia, por exemplo, utilizam-se das formalidades impostas pelo evento para designar-se perante os demais, uma vez que em muitos casos nesse tipo de situação, a maioria não se conhece mutuamente. Dado a isto, a informação pessoal contextualizada pelo discurso de apresentação contempla as ações futuras por parte dos envolvidos, situando-os mutuamente.

³⁵ Grifos no original.

nem todas as primeiras mensagens são de apresentações pessoais. Contudo, os dados esclarecem que um número significativo de mensagens de apresentação é primeiras mensagens. Com isto, nossa hipótese acerca da correspondência entre os dois tipos estarem diretamente ligados não se confirma na sua totalidade.

Tomando ainda os esclarecimentos de Goffman (1963) de que informações pessoais são necessárias para o estabelecimento e manutenção da interação, assim sendo, contribuindo para o estreitamento de relações no evento interativo. As mensagens de apresentação, por conterem uma estrutura condizente com meio de veiculação, servem para situar o novato perante os demais da comunidade apresentando seus atributos pessoais e sociais à comunidade a qual quer pertencer.

Todos os estágios aqui descritos identificam o discurso de apresentação pessoal como um gênero que emerge da prática social em comunidade e do conhecimento dos modos do discurso eletrônico. A circunstância de uso desse tipo de gênero é condicionada por diversos fatores da interação social, visa alongar a linha de contatos, assim como, estreitá-los através de formação de laços, que se estreitarão no decorrer das sessões de trocas.

Nossos dados demonstram que nem todas as mensagens de apresentação são primeiras mensagens. Isto posto, acreditamos que embora as informações pessoais sejam importantes para situar o novato elas não são um pré-requisito para a aceitação pela comunidade. Isto leva-nos a acreditar no que Jacobson (1999) diz a respeito da “formação de impressão” na comunicação online. O processo de construção do indivíduo se dá a partir da informação inicial; o tipo de informação dada circunstancia o indivíduo no processo das trocas. Partindo disso, a imagem do interlocutor é construída pelo interagente no decorrer das sessões comunicativas através das informações que vão sendo trazidas pelo discurso do outro.

Para averiguarmos se todos os participantes enviam, primeiramente, uma mensagem de apresentação pessoal como primeira mensagem fizemos um levantamento nas listas. Os dados demonstram o seguinte:

	Mensagens de apresentação	Outras	TOTAL
Primeiras mensagens	155 (34%) (69%)	300	455 (13%)
Outras	69	3054	3123
Total	224 (6%)	3354	3578

Quadro 11: LE: Distribuição de primeiras mensagens e mensagens de apresentação

	Mensagens de apresentação	Outras	Total
Primeiras mensagens	241 (46%) (74%)	282	523 (26%)
Outras	86	1375	1461
Total	327 (16%)	1657	1984

Quadro 12: EL: Distribuição de primeiras mensagens e mensagens de apresentação

Observamos nos quadros acima a distribuição de primeiras mensagens e de mensagens de apresentação nas duas listas, **LE** e **EL**. Como cada primeira mensagem foi enviada por um participante diferente, o número de primeiras mensagens em cada lista corresponde ao número de participantes ativos durante o período de coleta (455 na LE e 523 na EL).

A primeira coisa que merece destaque nos quadros é a relação participantes/total de mensagens em cada lista. Com 87% do número de participantes, a lista LE produziu 180% do volume de mensagens da lista EL. Ou seja, a lista LE foi, no período mais produtora, não só em volume total de mensagens, como também em mensagens por participante. Essa diferença terá reflexo na proporção de primeiras mensagens e de mensagens de apresentação em cada lista. Por exemplo, considerando só primeiras mensagens, nota-se que a lista LE apresenta

uma taxa 50% menor (13% comparado com 26%) de primeiras mensagens em relação ao total de mensagens do que é apresentada pela lista EL. Isso decorre diretamente do fato de a lista EL ter mais membros participando menos. Da mesma forma, uma parte do número maior de mensagens de apresentação na EL (327 comparado com 224 na LE) pode ser atribuída ao maior número de membros.

Por outro lado, se considerar a relação primeira mensagem/mensagem de apresentação, as listas revelam uma semelhança notável. Nota-se que a porcentagem de primeiras mensagens que são mensagens de apresentação é quase igual (34% na LE e 46% na EL), como também é a porcentagem de mensagens de apresentação que são primeiras mensagens (69% na LE e 74% na EL). Essas pequenas diferenças mostram uma ligeira tendência na EL de os membros enviarem mensagens de apresentação, e de essas mensagens serem as primeiras mensagens enviadas pelos membros. Essa tendência é confirmada comparando o número de mensagens de apresentação com o número de participantes: na LE, exatamente 50% (224 em 445) dos participantes enviaram mensagens de apresentação (como primeira mensagem ou não), enquanto que essa porcentagem sobe para 63% no caso da EL (327 em 523).

Diante desses resultados entendemos que a prática de apresentar-se pessoalmente na primeira mensagem não é um pré-requisito para engajamento. Vimos como uma atividade sócio-discursiva inerente às listas. Uma maneira de praticar sociabilidade e o discurso. Vimos esta atividade discursiva como uma maneira de treinar e praticar o idioma.

4.1.3. Respostas às mensagens de apresentação

Seguindo os parâmetros de levantamento e análise os quais possibilitou-nos averiguar os possíveis movimentos sociais por parte da comunidade junto às ações iniciais. Nossa preocupação foi observar se todas as mensagens resposta tivessem uma correspondência direta a estas ações descritivas dos iniciantes. Em nossa análise conseguimos apurar:

LISTA	TOTAL DE MENSAGENS DE APRESENTAÇÃO	TOTAL DE MENSAGENS RESPOSTA
LE	224	215
EL	327	87

Quadro 13: mensagens de apresentação e resposta

Esses números indicam que:

- (a) na lista LE esta prática de responder mensagens de apresentação é muito utilizada (215 ocorrências), enquanto que na EL esta prática não é muito usual (87 ocorrências);

Para entendermos melhor o uso das mensagens-resposta às apresentações pessoais no contexto das listas, optamos por um levantamento nos *corpora* **LE** e **EL-mensagem resposta** para compreendermos a relação deste tipo de mensagem com às de apresentação. Fizemos uma distribuição de mensagens respondidas às mensagens de apresentação como primeiras mensagens e mensagens de apresentação, o que resultou no seguinte:

	Respostas como mensagens de apresentação	Outras respostas que não são de apresentação	Total
Respostas como primeiras mensagens	07 (33%) (33%)	14	21 (9%)
Outras respostas que não são primeiras mensagens	14	180	194
Total	21 (9%)	194	215

Quadro 14: LE: Distribuição de respostas a mensagens de apresentação como primeiras mensagens e mensagens de apresentação

	Respostas como mensagens de apresentação	Outras respostas que não são de apresentação	Total
Respostas como primeiras mensagens	32 (86%) (50%)	05	37 (42%)
Outras respostas que não são primeiras mensagens	32	18	50
Total	64 (73%)	23	87

Quadro 15: EL: Distribuição de respostas a mensagens de apresentação como primeiras mensagens e mensagens de apresentação

Se observarmos os quadros acima a distribuição de respostas a mensagens de apresentação como primeiras mensagens e mensagens de apresentação notamos que há uma incidência de responder mensagens de apresentação como primeira mensagem na lista LE (215 participantes). Os dados indicam que do total de 215 mensagens-resposta na LE 9% são de respostas como mensagem de apresentação e na EL das 87 mensagens resposta 73% são de respostas como apresentação pessoal. Das 21 respostas como mensagens de apresentação na LE apenas 33% delas são como primeiras mensagens. Já na lista EL os dados apontam que 50% do total de respostas como mensagens de apresentação são de respostas como primeiras mensagens (32 mensagens). Isto vem demonstrar que resposta como apresentação pessoal tende a ocorrer com maior frequência na EL (64 mensagens), uma vez que nesta lista há uma tendência de os membros se auto-apresentar (62% dos membros ativos) em virtude da solicitação formal da moderadora da lista e também pela solicitação de um membro. Conforme demonstramos abaixo:

- a) A moderadora ao iniciar os trabalhos da lista solicita aos membros já inscritos que se apresentem:

EL.3 Hi all,
Introduce yourself to the list, if you haven't done so yet – tell us something about yourself that you think is interesting.

Elek Mathe

b) um membro solicita que os outros se apresentem:

EL.1910 (...)

I have one suggestion for all of you

Lets introduce ourselves. Maybe you have already done it, but i would be very

interested in getting to know better.

As ocorrências apontadas na LE demonstram que esta prática social deriva da espontaneidade dos participantes em apresentar-se, não cabendo aos administradores ou aos moderadores alertar os iniciantes sobre esta exigência.

Notamos que nas primeiras mensagens como a apresentação pessoal há uma tendência a solicitar ação por parte da comunidade ao invés de fornecer ação. Vimos nisto uma maneira de evidenciar a necessidade do interagente em ser aceito pelo grupo, buscando no microsegmento solicitação de ação uma forma de buscar uma ação-resposta visando o estreitamento de laços.

- EL.25** ... Who has interesting in meeting, please send me an e-mail. We can be friends!
- EL.28** ... Can we become friends?
- EL.38** ... please write back very soon ...
- EL.39** ... if you want to be my pen pal please write.
- EL.42** ... I would like to know about you ...
- EL.44** ... I'm looking forward to "hearing" from you.
- EL.51** ... We would like to make friends ...
- EL.136** ... I am looking forward to her from you.
- EL.137** ... I'd like to know about your culture, your country and a lots of you ...
- EL.140** ... Can any one tell me?
- EL.143** ... I hope many members will contact me!
- EL.152** ... if anyone has any experience please share with others...
- EL.158** ... I would like to join to your club.

Através do mapeamento das mensagens respostas e das mensagens de apresentação inicial, percebemos que este tipo de mensagem não é ainda tão comum às listas estudadas. A ação-

resposta, neste aspecto, nos parece ser mais uma atividade que valida a apresentação pessoal, conforme demonstrado nos dados acima.

Na averiguação da função das mensagens-resposta às apresentações, apontamos a existência de três funções das mensagens-resposta:

1) situar o iniciante no grupo e se apresentar socialmente:

LE.28 Hello Radovan,
I want rely to be your friend . I will be happy to recieve your emails and writting to you so as we can help each other in improving our english.I would like to present my self:I was born in MOROCCO, I'm 21 years and I 'm in a school of engenering in FRANCE. Here I've found that English is very important to get a job, therefor I'm trying to do some efforts which would low me to have at least an intermidiata level. I'am looking forward hear of you.

EL.213 Hey Joe
I am Hui. From Beijing China. Nice to sse you.
Hope you can enjoy this group with us. And wihs every one on here a nice day

2) somente situar o iniciante na comunidade:

EL.1590 Welcome aboard, Sayaka san.
I hope you will enjoy talking with many good members from all over the world, just as I do. You are lucky enough to have found a very very warmful group.
Kasuo

LE.3245 Hi people!
Hi Serena and welcome to the list :)
I'm here to improve my English and make friends too, if you'd like to contact me, feel free to do it.

Take care!
[]'s
Erika

3) Responder um questionamento ou posicionamento inicial

LE.69 Hello Michaela,
 Yea, come on, if you do it they may rush back home to answer them and help you. If I could help I'll do my best.
 Best regards
 Jenia

EL.202 Hello Alejandro!
 (...)
 Well, that is why we all are members of this list. To improve our english, don't keep silent, just speak! We all do make mistakes but those who study just can't speak without mistakes. (...)
 Ana

Embora tenhamos constatado em nosso *corpus* apenas três funções de mensagens resposta à apresentação pessoal, notamos que o tipo de informação contida nos discursos inaugurais influencia os interlocutores a um tipo de mensagem resposta. Ou melhor, o iniciante intenciona um propósito particular através da mensagem de apresentação pessoal e a mensagem-resposta pode vir satisfazer a expectativa do iniciante de alguma forma. Os tipos de mensagens-resposta verificadas estão relacionados ao exposto no discurso inicial: ora situando o iniciante no grupo através de uma informação pessoal, ora respondendo a uma expectativa do iniciante.

4.2. Estratégias discursivas da apresentação pessoal

Ao analisarmos as peculiaridades sociais do indivíduo que ingressa numa lista de discussão, suas formas de representação do eu, a informação pessoal inscrita no seu discurso de apresentação denota um elemento satisfatório para análise, por conceber que numa interação essa informação tem uma função social para o seqüenciamento da interação em grupo.

Concebendo que o indivíduo é construído e constituído pelo discurso e que as suas *marcas pessoais* e *sociais* fazem parte de sua identidade pessoal (Goffman, 1963), essas marcas são veiculadas na ação interativa. É no espaço público online que pressupomos que algumas dessas marcas sejam acobertadas de alguma forma mas podendo ser identificadas, em algum momento, no decorrer das sessões comunicativas. O indivíduo eletrônico é instanciado pelas suas

declarações. Reflete no grupo uma imagem de si, que por vezes, será reconhecido e identificado por algum tipo de marca originária da suas declarações, conforme postula Jacobson (1999). Partimo-nos dessa assertiva para identificar como o indivíduo eletrônico valida-se de estratégias discursivas para obtenção do pertencimento e da construção de uma identidade online. Como o eu social é representado nas manifestações discursivas. Por esta razão, buscamos na análise de itens lexicais *I*, *ME*, *WE* e *MY* por condicionarem vários aspectos deste eu enunciador e do nós co-enunciador (na acepção de Pinto, 1999).

4.2.1. A informação sócio-pessoal

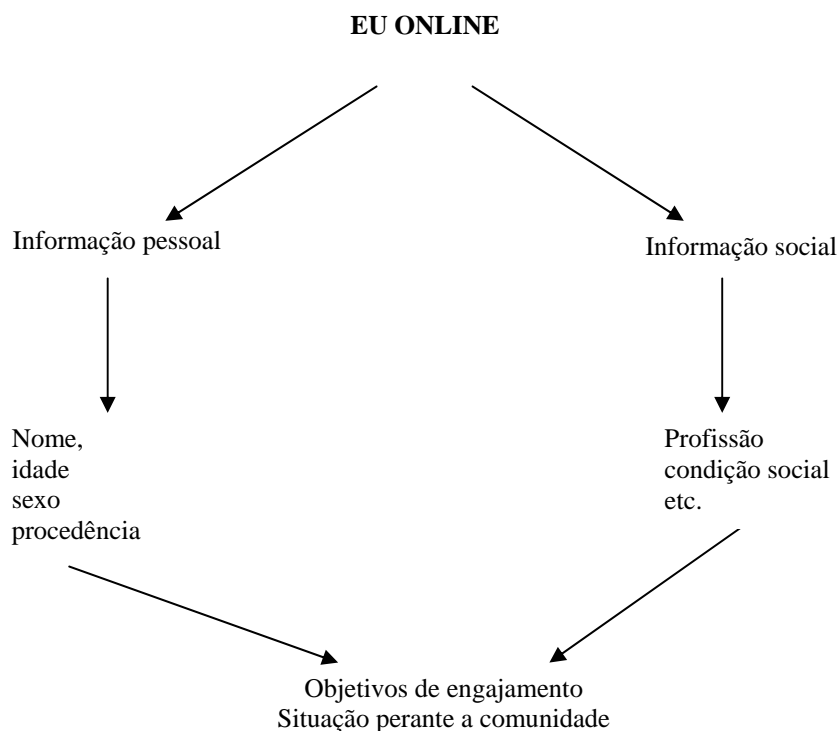
Uma das estratégias lingüísticas comumente utilizadas pelos iniciantes no engajamento das listas é a descrição da informação sócio-pessoal, suas características particular e social que apresentam um pouco de si como circunstância para o discurso de apresentação pessoal. Esta informação sócio-pessoal é revelada inicialmente e, visando observar como o iniciante vai encadeando essa informação pessoal como estratégia discursiva, um reconhecimento de suas propriedades foi necessário para obtermos respostas a dois questionamentos de pesquisa.

- Como os participantes das listas constroem seu eu virtual pela linguagem?
- Que informações pessoais são reveladas pelo discurso de apresentação?

Ao reconhecermos em nosso *corpus* algumas estruturas que compreendem a função enunciativa do iniciante correspondente a sua necessidade de situar-se espaço temporalmente no ato de engajamento, as informações correlatas ao seu discurso de apresentação tomam um tom tênue quando da utilização dessas informações como contexto para engajamento, i.e., o indivíduo subscreve-se às listas e, através de um discurso socialmente contextualizado, recorre às estratégias lingüísticas para dar sentido ao seu eu social online.

O eu online é situado na comunidade online no decorrer das suas ações discursivas. O eu online se completaria fazendo parte integrante de um nós. Partes desse eu são reveladas na ação de auto-apresentar-se, suas propriedades tanto particulares quanto sociais, suscetível a uma só forma de interpretação: como membro de um grupo.

Vejam os o esquema abaixo:



De acordo com o esquema proposto, o encadeamento dos fatores que contribuem para a formação do eu online reside nas condições de como as informações são apresentadas no discurso de auto-apresentação. Exploram-se os dois pólos da identidade do indivíduo – o social e o pessoal – como prerrogativas básicas para estabelecer a comunicação.

4.2.2. Quem fala e como fala

Para alcançarmos nossos objetivos no que tange as estratégias discursivas, optamos por averiguar junto ao *corpus* de mensagens de apresentação como esse eu social é revelado pelo seu próprio discurso, para isso, tomamos as unidades lexicais *I*, *ME* e *MY*, aconselhados por Koch (2000) e Davis & Brewer (1997), por denotarem a intencionalidade e o comprometimento do falante com sua própria declaração. Conforme estudos de Davis & Brewer (1997) e Batista (1998) sobre o posicionamento do sujeito online com seu discurso eletrônico; os pronomes de primeira pessoa podem dizer muito sobre o próprio indivíduo, suas expectativas, ansiedades,

cultura, visão de mundo, etc., desse modo, poderíamos identificar as características que circundam a informação sócio-pessoal que compõem o *e-mail* de apresentação pessoal.

a) I seguido de informações pessoais

Item	Verbo	Tipo de Informação	EL	LE
I	TO BE	Nome	57	31
		Idade	62	79
		Sexo	06	14
		Informação Social Adicional ³⁶	30	60
		Profissão	47	25
		Estado Civil	03	09
		Procedência	153	134

Em nosso mapeamento da forma pronominal I, os dados apontaram que o uso deste tipo de pronome é mais utilizado para designar a informação “procedência” por parte dos iniciantes. Este resultado demonstra a pertinência desse tipo de informação situar o interlocutor acerca da localização do interagente. Através da informação *procedência* o leitor/receptor pode:

- (i) situar espacialmente o emissor através da informação obtida;
- (ii) reconhecer, ou pressupor, alguns aspectos cultural, histórico e social inerentes ao declarante através da sua localização no espaço real.

Se observarmos os resultados, podemos concluir que informações sociais são mais utilizadas como constitutiva do iniciante do que as pessoais, uma vez que, esta última, segundo Goffman, somente poderá ser atenuada, assim, restringindo a interpretação desse tipo de informação por parte dos membros. O pronome de 1ª pessoa mais a informação pessoal servem apenas para identificar o nome, a idade e o sexo do iniciante; constituí-lo física e moralmente. Sua identidade pessoal é vista como detentora de características particulares, servindo somente para reconhecimento da constituição do interagente na interação. Já as informações sociais trazem consigo não só o teor social do iniciante, mas também revelam outras, que, através do conhecimento do *senso comum*, podem identificar outras marcas sociais (cf. Goffman, 1967),

³⁶ Estabelecemos como “informação social adicional” quaisquer informações que complementem as outras informações sociais, do tipo: cargo ocupado em uma empresa, escola onde estuda, etc.

tais como: situação e status social, interesses, ansiedades, família, etc., assim, possibilitando uma *formação de impressão* do sujeito iniciante (conforme descrito por Jacobson, 1999).

Diante do exposto, podemos entender que informações pessoais (nome, idade e sexo) são restritas única e exclusivamente ao enunciador; não é uma estratégia discursiva muito empregada por ser de ordem pessoal. Enquanto que, informações sociais (informação adicional, profissão, estado civil e procedência) possibilitam uma abertura maior na interpretação do sujeito iniciante. Por esta razão, há uma preocupação por parte do iniciante em situar-se sócio-pessoalmente ao seu interlocutor. Por vezes, tanto as informações pessoais quanto as sociais se fundem dentro de uma mesma cadeia discursiva, instrumentaliza e direciona o interlocutor na sua interpretação do declarante.

As informações pessoais, geralmente, vêm subsidiadas por outras informações que a complementem. Precisa de outro tipo de informação para contextualizar o enunciado e situar o interlocutor, para isso, a informação *procedência* é uma estratégia muito utilizada em conjunto quando da utilização da forma pronominal *I*.

- EL** I am ruby from lebanon I am 29 years old ...
 I am cong from Vietnan, now I live in Tokio ...
 I am Yvan Limo from Peru.
 I am a 23 year old student from Vietnan.
 I am Esma Sarac, from Turkey and 18 years old.
- LE** I am Brazilian, 33 years old...
 I am 26 years old, I live in the suburb of Paris.
 I am Legowo, from Indonesia.
 I'm Karma, from Barcelona, Catalonia, Spain ...
 I'm 18, male, from Pszcyna.

O pronome *I* é bastante empregado com o verbo *to be* para assinalar as informações sócio-pessoais do enunciador. Por exemplo: nome, idade e procedência. Isto posto, entendemos que a utilização do *I* com o verbo *to be* é uma maneira particular do enunciador de comprometer-se com o tipo de informação que está veiculando. Este recurso lingüístico demonstra a destreza com que esses iniciantes anseiam pela aceitação e mudança de sua posição na comunidade, passando de postulante a membro.

- EL** I am newly a simple beginner ...
 I am new here, hope to improve ...
 I am a new member.
 I am new to this list.
 I am a new comer in the group.
- LE** I am a new one here.
 I am a new user ...
 I am here new ...
 I am new at this group.
 I am a new person at this group.

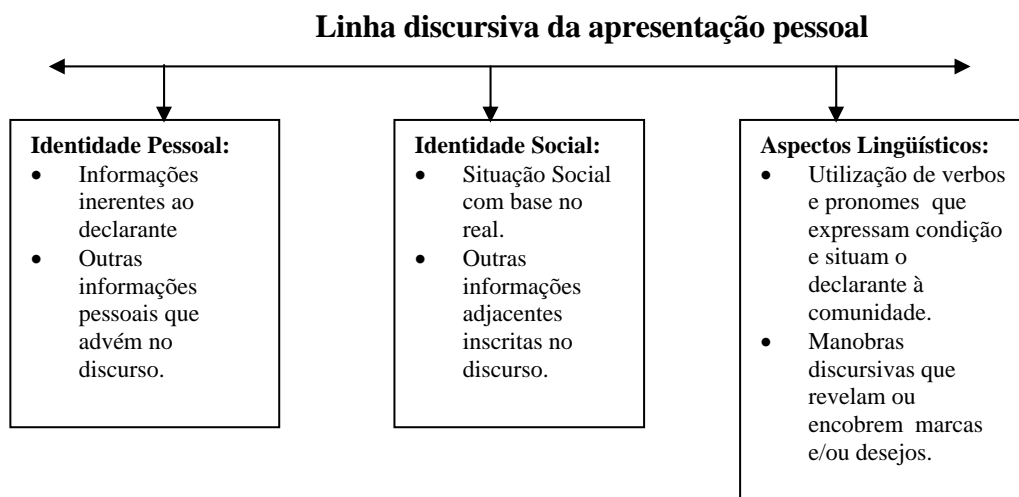
Jacobson (1999), Miller (1995), Rutter & Smith (1999) e Clodius (1997) sugerem que o processo de socialização no ambiente eletrônico é um fenômeno evolutivo por agregar informações que dizem muito sobre o sujeito online. Nossa preocupação voltou-se para as informações não sistematizadas, que não se enquadram nos padrões identificados. Por esta razão, voltamos a averiguar estas informações em nossa análise na categoria *Informação Social Adicional*. A fim de verificarmos que aspectos sociais inscritos nestas informações não são padronizados.

Embora tenhamos dificuldades em equacionar tais informações através do aplicativo *Tatoe*, por não nos ser possível estabelecermos categorias de análise, um mapeamento manual foi necessário para conferirmos como as informações sócio-pessoais não padronizadas contribuem para a construção do sujeito online. Vimos estabelecer uma ordem para acolher estas informações a fim de contemplar nossa análise, pressupondo alguns critérios após a identificação prévia dessas informações.

O que se segue é o resultado de uma análise que implicou numa observação dos dados para, então, evidenciarmos as ocorrências desse tipo de informação. Para esse intento, selecionamos alguns verbos que expressassem em seu contexto o uso deste tipo de informação complementar e sua função enunciativa. Os verbos selecionados encontram-se relacionados diretamente às vontades, desejos e anseios do sujeito virtual.

A identidade pessoal do iniciante só pode ser revelada, em nosso caso, através de sua fala/declaração. Com isto, resgatamos o que Goffman (1959) acredita na possibilidade de manipulação da identidade pessoal em razão das manobras sociais que são necessárias para o apagamento de nossas marcas particulares, sejam sociais ou individuais, fugindo do estigma do

desacreditável. Diante dessa assertiva, pudemos reconhecer as informações sócio-pessoais que perpassam pelo discurso do iniciante.



O imbricamento das etapas elencadas acima, faz com que se pense em situar o sujeito online, que recorre a uma estratégia discursiva para situar-se na comunidade, num emaranhado de informações que se misturam e que se subscrevem ao desejo de pertencimento. As identidades dos iniciantes são construídas a partir da linguagem, sua situação dentro da comunidade pode, de acordo com o tipo de informação veiculada, orientar seus interlocutores sobre a possibilidade de engajamento.

Retomemos então à nossa análise sobre as expressões discursivas complementares. Para obtermos um resultado consistente, recorreremos a determinados verbos para equacionarmos a função dessas expressões no ato enunciativo.

PRONOME PESSOAL	VERBO	COMPLEMENTO	FUNÇÃO DO ENUNCIADO	EL	LE
I	LIKE	to play, to speak, to tell, to listen, novels, internet, etc.	Expressar preferencias	51	41
	LOVE	Song, computer, travelling, etc.	Expressar apreciação	24	23
	FEEL	Sad, good, etc.	Expressar sentimento	07	01
	BE	Exciting, looking for, working, etc.	Expressar júbilo, interesse, justificativa, apreciação, etc.	574	510
	WANT	To learn, to change, to visit, to go, to improve, etc.	Expressar vontades	55	40

Neste momento salientamos que, embora houvesse mais verbos e estruturas sentenciais a serem observados, nos detemos nesse recorte por concebermos que tais verbos selecionados apresentam incidências de comprometimento numa relação mais direta com o sujeito da declaração, ora expressando sentimentos e apreciação ora vontades e informação, assim como denotando a forma com que determinadas ideologias perpassam o discurso. O que notamos em nosso mapeamento é a premissa da utilização de verbos que inscrevem o enunciador dentro de seu próprio universo³⁷, externando vontades, medos e desejos através de enunciados estruturados reafirmando esses quesitos.

Em resumo, o que nos resta a salientar é que o processo constitutivo do sujeito se dá no decorrer de uma interação (cf. Jakobson, 1999). As informações preliminares (informação pessoal e social), ainda assim, são pontos de referência para a construção de uma identidade do declarante. As informações localizadas na ação interativa são elementos importantes para a formação de uma imagem do indivíduo.

³⁷ Vimos neste tipo de discurso cujo pronome I seguido de verbos que complementam o campo de significado como sendo de ordem “egocêntrica”, uma vez que se encontram posto sozinho em relação ao interlocutor, a atenção é centrada unicamente no enunciador.

b) Pronome *ME* e seu contexto de uso

Uma das manobras lingüísticas utilizadas pelos iniciantes nas suas apresentações pessoais é valer-se do pronome pessoal *ME* como recurso para solicitar ação ou servir de mediador cognitivo para tomada de decisões. Esta forma pronominal configurou-se como um dos mecanismos lingüísticos para a tomada de decisões.

Através da ferramenta *concordance* do aplicativo software *Tatoe* utilizado em nossa análise, pudemos identificar o uso do pronome *ME* e suas formas de expressão no discurso.

Verbo	Pronome	EL	LE
Let	ME	11	15
Tell		21	27
Help		37	46
Give		11	03
Contact		07	05
Answer		0	05

A forma pronominal *ME* antecedida pelo verbo *Help* é mais utilizada quando da solicitação de ação por parte do interlocutor (37 ocorrências em EL e 46 em LE). O uso da forma imperativa do verbo para designar a solicitação de ação, faz com que tome um tom mais acentuado à declaração. O verbo *Help*, por sua vez, denomina “auxílio”, com isto, há uma atenção especial às declarações dos iniciantes.

EL ... help me to improve my English ...
 ... help me to be more fluent.
 ... help me and I will be very happy.
 I know u guys can help me.
 I hope you can help me.

LE ... help me to improve my practice.
 ... help me in this journey.
 ... help me to learn more ...
 I hope you can help me ...
 ... maybe you can help me ...

Outro verbo que antecede o pronome também muito empregado é o *Tell* que designa atender a uma solicitação e, como resposta, uma ação também verbal.

EL ... tell me more about your country and your life.
 ... tell me about yourself.
 ... tell me what you would like to know.
 ... tell me something about you.

LE ... tell me about yourself so...
 ... tell me the meaning.
 ... tell me if my English is strange.
 ... tell me whether there are mistakes.

A característica desse verbo é envolver o leitor/receptor na ação inicial do declarante, cujo objetivo é perpassado pelo discurso que visa rogar por uma ação-resposta. Os fragmentos, exemplificados acima, demonstram o uso do “poder” na comunicação, i.e., o falante pressupõe que o seu interlocutor detenha uma habilidade para cumprir com a ação solicitada. Isto, ao nosso ver, serve de estratégia para o estabelecimento de laços na comunicação, cuja função da solicitação de ação verbal é, basicamente, a aceitação da declaração inicial e satisfazê-la prontamente.

Outra manobra lingüística empregada é o uso do verbo *Let* com a forma pronominal *ME*, uma vez que o primeiro tem a função de estabelecer algo que deve acontecer. Por esta razão, a junção do *Let* com *ME* caracteriza a ação somente ao falante (Eu). Veremos a seguir o levantamento do uso desta junção e o que reflete no discurso de apresentação. Entretanto, pode ser também usado como solicitação de ação, mas tomando como prerrogativa que o poder, ainda assim, centra-se no falante: *Let me see, have, etc.*

EL ... let me introduce myself.
 ... let you know about myself ...

LE ... let me introduce myself.
 ... let me go ahead ...

c) *MY* e seu contexto de uso

Seguindo ainda a linha de raciocínio de que itens lexicais podem dizer sobre o iniciante, partimos para uma análise do uso do item *MY* nas mensagens de apresentação pessoal, para então, aferirmos em que condições e a finalidade de seu uso nas declarações pessoais. É sabido

que, o adjetivo possessivo interliga-se com o sentimento de “posse”, logo, segundo Baptista (1998), é intrínseco às relações de poder entre os interlocutores. Por isto, passamos a mapear nosso *corpus* na intenção de conferir a(s) função(ões) deste item lexical como contexto para estabelecimento de relações. Então, como se comporia o “eu online” através do uso de um adjetivo que designa “posse”?

Item	Complemento	EL	LE
MY	Name	132	112
	English	85	66
	Country	15	08
	Opinion	07	02

O quadro acima apresenta alguns resultados pertinentes para compreendermos a função do item lexical e seu contexto de uso no discurso de apresentação pessoal. Quando da utilização do *MY*, os dados apontam para um critério eleito pelos iniciantes ao valer-se dele no discurso de apresentação pessoal, são eles:

- (i) auxiliar na identificação do informante, correspondente a sentença *I am Kris*, portanto, outro recurso lingüístico para nomear-se. Percebe-se que os iniciantes preferem usar o item *MY* como nomeador em detrimento do uso da estrutura sentencial *I am ...*, isso reforça ainda mais a condição pessoal do indivíduo, sendo imbuído de sentimento de posse: *este sou eu e este é meu nome*. O fator nome é uma informação importante para as relações sociais iniciais numa interação eletrônica por utilizar o nome do interlocutor como forma de chamamento ou de referência, fugindo do anonimato, do inominado.
- (ii) Do uso do pronome *MY* mais o substantivo *English*, reflete o grau de conhecimento do iniciante relacionado ao objetivo das listas, i.e., discutir, praticar, aprender o Inglês como língua estrangeira. Reforça, então, a condição do declarante na obtenção do pertencimento por estar em comunhão a proposta da comunidade. Ex.: *improve my English, my English is poor, my English is terrible, etc.*

Os demais itens elencados no quadro acima não tiveram uma representação significativa para análise. A maneira preferencial dos iniciantes para identificar país, ainda é a sintaxe: sujeito,

verbo e complemento, visto nesta última posição, o repouso da procedência do declarante, conforme exposto no item (a) desta seção.

4.2.3. A intersecção eu e o outro no discurso

Com referência ao discurso da apresentação pessoal e as estratégias com que o sujeito online posiciona-se diante de seu enunciado (cf. sessão 3.3.2.), o envolvimento na ação interativa é compartilhado entre *quem fala e sobre o que se fala*. O interlocutor é convidado a partilhar de pressuposições e pontos de vistas com o enunciador, a relação torna-se unilateral uma vez que o sujeito enunciador vale-se de manobras para envolver seu interlocutor no seu próprio discurso.

Esse locutor enuncia sua posição no discurso através de determinados índices formais dos quais os pronomes pessoais constituem o primeiro ponto de apoio na revelação da subjetividade na linguagem. (Brandão, 2000: 47)

Com esta visão, a autora esclarece a posição do sujeito enunciador do discurso através da sua subjetividade enunciativa, envolvendo seu interlocutor na sua fala. Para tanto, “a fala é um recorte das representações de um sujeito ideológico” (idem: 49). Se numa interação verbal as ações discursivas servem para inserir o interlocutor no seu próprio discurso, inscrevendo-o como co-partidário, então alguns recursos de linguagem são utilizados, necessariamente, para comprometer não só o agente enunciador mas também o seu interlocutor nas suas ações. Essa manobra, por vezes, pode servir de artimanha discursiva dentro de um processo que visa estabelecer relações de simetria – postulante a membro/membro -, assim, a utilização de determinados recursos da linguagem tem por finalidade concentrar uma suposta “objetividade discursiva”.

Primeiramente, o que sugerimos é a averiguação desses recursos lingüísticos que demonstram o grau de afinidade entre o eu-falante/enunciador e o outro-ouvinte/receptor; conforme sugerem Brandão (2000), Batista (1998) e Davis & Brewer (1997), sobre a função dos pronomes pessoais na interação social. Vimos no pronome de 3ª pessoa *WE* um elemento importante para análise, uma vez que sua função no discurso seria de envolver os agentes do discurso de modo compartilhado. O eu e o outro se fundem na ação enunciativa tornando-se apenas um “nós”. Seria possível, então, verificar se no enunciado do iniciante haveria ocorrências de partilha, identificando que tipo de informação o iniciante compromete-se com o outro. Poderia denotar,

ainda, sua condição de pré-membro e assim estabelecer seus pontos de vista partilhados com a comunidade.

a) Uso do pronome *We* e seu contexto

Pronome	Verbos Modais	EL	LE	Verbos Centrais	Complemento
WE	Can	33	15	Be	Friends
				Talk	Each other
				Learn	English
				Improve	Our English
				Speak	And practice English
	Could	07	02	Talk	Somethings
				Communicate	With each other
				Share	Each other information
				Start	Describing
				Ask	Questions about
				Keep	In contact
				Be	Ambassadors of our countries
	Should	02	0		Imediatelly use that grammar
	Would	04	0	Learn	English with movies...
				Become	Friends
				Like	To make friends

Quando da utilização da forma pronominal *WE* no discurso de apresentação, o dados apontam para o uso de verbos modais para instanciar suas declarações e, ao mesmo tempo, rogar por um tipo de ação por parte do interlocutor, ora recorrendo a complementos verbais tais como: *talk*, *learn*, *become*, *communicate*, *share*, etc., com vistas a estabelecer um determinado tipo de relação, seja direta: *we can be friends* ou *we would become friends*, ora convidando o interlocutor em manter algum tipo de relação: *we could share each other information ...* ou *we could communicate with each other*.

Os resultados alcançados demonstram que o uso dessa forma pronominal é mais comum com verbos modalizadores, uma vez que, por meio da linguagem, conseguimos expressar o tipo de relação social que desejamos manter com o interlocutor, podendo ser:

- (i) puramente interacional: manter ações de troca visando somente a comunicação interpessoal

EL We could communicate with each other ...
 We talk about a lot of things.
 We can discuss everything in English we are interested ...

LE We can speak 1 topic you want
 We can communicate and discuss about interesting topics
 We can discuss English language

(ii) aprimorar conhecimento: ação de troca visando o conhecimento como objetivo

EL We will improve our English skills.
 We can exchange some experiences.
 We can practice our English

LE We improve our English
 We will learn English all together very well.
 We can help ourselves to improve our English.

(iii) manter relações sociais: ênfase nas relações interpessoais de amizade

EL We become friends?
 We would become pen friends ...
 We can make friends.

LE We can make good friends and maybe some day we can meet.
 We can be pen-pal
 We can develop our friendship.

Se o eu e o outro se encontram situados numa mesma situação enunciativa, o eu do discurso convoca seu interlocutor a manter um determinado tipo de relação, variando entre ações de trocas simbólicas no decorrer de uma ação interativa, passando pelos estreitamentos de laços sociais interdependentes de outra ordem e indo até ao aprimoramento do conhecimento individual das partes através de um convite para sessões de trocas.

Portanto, o recurso lingüístico do uso da forma pronominal *WE* serve de marcador de convite, i.e., toma-se um determinado desejo e compartilha-o com o outro no discurso com vista a estabelecer um determinado tipo de relação, seja de ordem interativa, de troca de bens comuns (conhecimento) ou enfatizando as relações interpessoais que co-ocorrem na interação.

Substancialmente, o que notamos também é que este tipo de recurso lingüístico, no gênero estudado (apresentação sócio-pessoal), tem por finalidade, ainda, servir de embasamento das declarações do eu. Uma espécie de manobra que consubstancia as informações sócio-pessoais no discurso da apresentação pessoal: as identidades e os objetivos do indivíduo no engajamento.

4.3. Formação semântica das comunidades

Toda ação discursiva na interação é guiada pelo tópico conversacional, que contextualiza e guia as ações discursivas dos participantes remetendo-os ao tema da conversação. Forma-se então, uma *cadeia tópica* (McCleary, 1996), onde os envolvidos na ação interativa remetem-se ao tema da conversação, trocando enunciados mutuamente, assim prosseguindo a discussão. Dentro da cadeia tópica, os participantes utilizam unidades lingüísticas que remetem os enunciados ao campo de significado proposto na comunicação. Estas unidades lingüísticas podem dizer sobre a orientação que os participantes são obrigados a utilizar para que a conversação restrinja-se ao tema, fazendo com que a troca de enunciados seja inteligível às partes envolvidas. Diante disso, podemos dizer que numa conversação tópica, as trocas de enunciados formam fios que, por sua vez, entrelaçam-se, fazendo com que na conversação os fios encontrem-se relacionados.

A utilização de alguns recursos de linguagem visa satisfazer não só a vontade particular do emissor, mas também a da coletividade. Faz com que os interagentes de uma cadeia tópica remetam e se subordinem aos objetivos estabelecidos pela coletividade.

Os participantes constróem seus enunciados evidenciando que dentro da cadeia textual há elementos lingüísticos significativos que auxiliam no entendimento de que o sentido construído esteja em alinhamento com o tema da discussão. Então, no fluxo de trocas é perceptível e os participantes de uma sessão conversacional compõem sentido aos seus enunciados por meio de escolhas de palavras que se retém ao mesmo campo de significação, desse modo formando uma rede semântica, cujo léxico utilizado vem de encontro ao tema central da discussão. Porém, não podemos ignorar que nas sessões de trocas numa conversação, os participantes criem laços que vão se estreitando no decorrer das trocas. Por isso, vimos que também na conversação firmam-

se uma rede social pois os participantes vão se identificando com os sentidos construídos e, desse modo, alargando a conversação voltada ao tópico.

Se pensarmos em listas eletrônicas como espaços para debate público, vimos que os participantes engajam-se em discussões tendo o interesse particular como condutor de sua ação discursiva. Entretanto, esses interesses são agregados aos do coletivo. Ou seja, se um participante entra numa discussão sobre um tópico que está em curso (ex.: aprendizagem do inglês) demonstra em seu enunciado a necessidade de satisfazer sua vontade de aprender sobre o tema, conforme demonstramos nos fragmentos abaixo.

EL I would like to **learn english** with you ...
... I want to **learn** about **american idioms** ...

LE ... I will try to **learn English** with everybody.
We can **learn English** together here...

Para entendermos melhor o conceito de rede de interesses, vislumbramos, a partir de uma análise semântica, verificar a existência não só de uma rede de relações, mas também uma rede semântica que configuraria a essência das comunidades.

4.3.1. Propriedades da rede semântica

Através de um levantamento semântico dos itens lexicais e a relação destes para com o tema da discussão, observamos junto ao nosso corpus LE e EL-apresentação se haveria indicações de que os iniciantes já utilizariam alguns itens que auxiliam na construção do discurso de apresentação, assim, de certa forma, remetendo o discurso aos objetivos das listas. Vejamos alguns itens encontrados pelo aplicativo *TexAnalist* no mapeamento das mensagens de apresentação e que tendem aparecer com regularidade: *English, learn, write, teach* e *speak*.

Neste levantamento obtivemos os seguintes resultados:

- (a) nos discursos de apresentação fica notório o uso de um léxico restrito a um campo de significação que compreende a aprendizagem, prática e ensino da língua inglesa; expressões

são empregadas para reforçar a validade dos objetivos das listas através de referência à “orientação formadora”;

- (b) há variações no uso de alguns itens, sendo utilizados de maneira a compor outros significados: estudar, falar, escrever e/ou melhorar a língua inglesa, assim como, oportunamente, promover a discussão acerca dos problemas de aprendizagem.

Para que pudéssemos identificar a rede semântica que permeia o discurso de apresentação dos membros e que revelasse a existência de traços léxicos comuns entre as listas, fizemos um mapeamento dos *corpora* LE e EL-apresentação para identificarmos esses traços. Para a realização desse trabalho, optamos por classificar as ocorrências de acordo com a estrutura apresentada pelo aplicativo que nos auxiliou na averiguação dessas ocorrências nos *corpora*. O *TextAnalist* é um aplicativo que objetiva o estudo semântico de um texto, esclarecendo a relação entre os itens lexicais que compõem sentido ao texto. Identifica as ocorrências de itens que mais aparecem no texto e outros que tendem a aparecer em conjunto na cadeia textual. Tem ainda, a facilidade de separar sentenças onde o conjunto de itens aparece, gerando arquivos à parte e identificando a relação entre os itens. O aplicativo apresenta em níveis de relações, isto é, uma palavra que aparece mais no texto é classificada como nível 1 e as que tendem a aparecer em conjunto são classificadas em níveis 2, 3, 4, e assim por diante, sempre tendo como base a identificada no nível 1. Em nosso mapeamento, o *TextAnalist* trouxe os seguintes resultados:

TEMA DA DISCUSSÃO	TIPO DE AÇÃO DISCURSIVA	RELAÇÃO TEMA E AÇÃO	
1º NÍVEL	2º NÍVEL	3º NÍVEL	
English language	Learn Write Teach Speak	<u>Interativo</u> Improve Practice Study	<u>Interpessoal</u> Make friends Keep in touch

Quadro 16: rede semântica por nível de relação

De acordo com o quadro acima, o tema da discussão das listas centra-se unicamente na língua inglesa e o tipo de ação discursiva é guiado pelos objetivos particulares dos interagentes, que remetem ao tema central (1º nível) e a relação tema e ação tem por finalidade englobar os aspectos interativos e interpessoais do declarante. Sendo assim, os níveis apresentados

encontram-se inter-relacionados para compor significado ao enunciado e subsidiar seus objetivos particulares, conforme apresentado no 3º nível, no campo interpessoal.

Vejam os quadros a seguir que exemplificam as ocorrências dos níveis apostos no quadro acima, os quais compõem a rede semântica dos enunciados do gênero “apresentação pessoal”.

NÍVEIS DE INTERLIGAÇÃO SEMÂNTICA			OCORRÊNCIAS	
1	2	3	EL	LE
English			461	388
	Learn		209	132
	Write		155	114
	Speak		11	24
	Teach		14	28
	Study		26	128
		Improve my English	72	48
		Language	61	91
		Friends	145	64
		Practice my English	14	10

Quadro 17: níveis de conexões da rede semântica

No quadro 17 é apresentada as distinções entre os níveis que resultaram do mapeamento feito pelo *TextAnalist* dentro da rede semântica. O item lexical *English*, palavra central para a formação comunitária, teve alto índice de ocorrências, sendo 461 em EL e 388 em LE. O que pudemos observar na distribuição do item lexical por número de assinantes, obtivemos os seguintes resultados:

- (a) para cada mensagem de apresentação comporta 1,40 (EL) e 1,73 (LE) ocorrências do item lexical no discurso de apresentação, o que indica que esse item é essencial para a formação discursiva;
- (b) os enunciados estão comprometidos com os itens do nível 2 por entendermos que os objetivos particulares dos interagentes estariam interligados a **orientação formadora** das listas no nível 2. Identificamos que: *learn* e *write*, juntamente com o item de terceiro nível (*friends*) conduzem ao entendimento dos objetivos do enunciador: aprender pela prática escrita através da relação social de amizade.

(c) através do levantamento feito, conseguimos entender que o uso de alguns itens lexicais na cadeia textual evidenciam que as listas investigadas são proprietárias de características que acomodam pessoas que queiram partilhar de um mesmo interesse. É por esta razão que os discursos de apresentação trazem em seu corpo elementos lexicais que contribuem para a manutenção da rede semântica das listas, elemento desencadeador das discussões: evolução de tópicos e novos tópicos.

O comprometimento do enunciador com seu enunciado caracteriza-o como estando em relação às prerrogativas centrais da lista, utiliza elementos lexicais para ilustrar seus interesses particulares; interliga-se ao tópico da discussão através de palavras que se atém à rede semântica, ao mesmo campo de significado (Sack, 2000).

EL.534 I join this mailing-list 'coz I also like to learn English and I wanna have more friends, that are always willing to learn :).

EL.643 I hope somebody want to help me to learn English.

EL.603 I'm from Portugal, and I reading yours letters so I can improve my english.

EL.813 It's the first reason that I want to improve my english writing.

EL.614 I like very much to meet new people and to do this in English is even better.

LE.15 I want to learn english with penp's people.

LE.61 I work in mobile telecommunication system since 1990 and I'd like to learn english so for my work.

LE.1187 I would like to learn english and I need to practice very much because I like study in canada for a postgraduate.

LE.2869 I've got a close friend, who wants to learn English.

Diante do exposto, pudemos observar que embora todas as relações em grupo estejam interligadas ao fator reciprocidade, ainda assim, conseguimos observar que essas relações sociais devem ater-se também ao campo de significação, via de regra, o iniciante submete-se as condições discursivas das listas, ou seja, representa em seu discurso seus objetivos particulares a serem remetidos aos do coletivo, por conseguinte, endereça informações à orientação formadora das listas. Por essa razão, é que no discurso de apresentação contém itens lexicais que o compromete diretamente com os preestabelecidos nas listas, assim, fortalecendo e despendendo esforços para a perpetuação do tema central das listas.

Por este motivo, concluímos que: (a) os iniciantes assujeitam-se ao discurso imperante das listas (prática e discussão do Inglês); (b) validam-se de itens lexicais que contemplem seus objetivos

particulares e ao mesmo tempo revalidando os objetivos das listas; (c) o discurso de auto-apresentação carrega traços lingüísticos que situam o enunciador junto a temática da discussão.

4.3.2. Indícios de pertencimento e de comunidade no discurso

A partir de um levantamento de palavras-chave que indicariam a existência de traços discursivos na apresentação pessoal conterem indícios de pertencimento, isto é, como esses iniciantes entendem as listas como sendo um grupo social e se vêem diante delas de uma determinada forma, instauramos como critérios para análise as palavras-chave: *group* e *member* por remeterem, semanticamente, a um mesmo campo de significado. Com a finalidade de observar se tais itens lexicais corresponderiam a uma expectativa por parte dos iniciantes ou se recorreriam ao conhecimento do senso comum para comporem sentido de pertencimento em seus enunciados de apresentação pessoal, vimos a necessidade de entender como é apresentado esses itens no contexto do discurso de apresentação, por entendermos que esses itens tem por função situar socialmente o enunciador diante do grupo. Nesse momento da pesquisa, os resultados viriam responder a seguinte pergunta:

- Como esses agentes online vêem sua condição de iniciante e agregam o sentido de comunidade, de pertencimento ou de grupo?

Esta questão guiou nossa análise, neste momento, em elaborar instrumentos que validassem nossa suposição de que: através do discurso de apresentação pessoal o enunciador já demonstra sua pré-condição em relação aos demais do grupo e ao mesmo tempo revela seu entendimento por grupo social. Nossa análise, nesse aspecto, privilegiou as circunstâncias de uso dos itens lexicais supra tendo em vista as ações discursivas serem reveladoras de marcas de sua condição e de sua visão de comunidade tida pelos enunciadores.

Esses itens são empregados no discurso de apresentação pessoal permitindo ao enunciador situar sua condição no contexto da declaração, demonstrando que os itens *member* e *group* contemplam a visão de si e da comunidade como sendo um sistema social. Vêem-se como membros de um grupo, por acreditarem que as listas são realmente espaços online que interligam pessoas socialmente, por esta razão, utilizam-se desses itens lexicais para reafirmar e validar o espaço eletrônico das listas como sendo um grupo.

Vejamos os resultados apontados pelo aplicativo *Tatoe*:

a) item lexical *member* e o contexto de uso

- EL.2300** I glad **to be a member** in this group , my first aim is Improving my english and relationship with others like Me
LE.1440 I'm a **new member** of the list.
LE.1533 **I am a member** at a list where people are writing about Icelandic horse.
EL.137 Hello...**I'm a member** of this groups,my name is Eulis and I'm from Indonesia
EL.187 Recently, **I became member** of that discussion list, and as everybody here, I like English a lot.
EL.202 Well, that is why **we all are members** of this list.

Os excertos supra, exemplificam as condições adversas que se encontra o declarante na ação enunciativa, ora informando seu pertencimento (*to be a member*), ora posicionando-se ao grupo (*I'm new member*), ou ainda, salientando sua posição e a posição do outro (*I became member, we all are members*) na comunidade; reflete que o contexto da declaração varia de acordo com o grau de comprometimento. Este resultado vem de encontro ao que Johnson (1995) esclarece sobre como os membros de um grupo social compreendem *socialização* e *conformidade*; como as pessoas se vêem e se avaliam especialmente em relação do “eu”.

b) item lexical *group* e o contexto de uso

- EL. 140** I'm delighted to be one of the **group**.
EL. 5 Good morning!I'm the **new comer for this group** talk
EL.224 I'am glad to join this **interesting group**.
EL.142 I' ve recently **joined to this group**
- LE. 53** It is the frist time I send a letter **in this group**.
LE.362 i am in the 6th grade and **i want to join your group**
LE. 1945 I am new in the **group**
LE. 2051 I am also **enjoying this group** and trying to improve my English level.

O item lexical *group*, em nosso *corpus*, é apresentado em vários contextos de uso, indo desde confirmação sobre a posição do iniciante ao grupo (EL.5 e LE.1945) até para referir-se à comunidade como sendo a eleita para pertencimento (EL.142, LE.53 e LE.2051), uma espécie de reverência à comunidade.

Os resultados apresentados confirmam a nossa suposição anteriormente apresentada. Os iniciantes partem do princípio de que as listas sejam grupos verdadeiros para interação (cf. já descrito por Johnson, 1995), contribuem para o sentido de unidade social, assim, realinhando a ordem geral das listas por entenderem que regras são importantes para a manutenção das relações do grupo. Sendo assim, condiz no discurso de apresentação pessoal sua vontade em estabelecer relações simétricas através da pré-concepção de que um conjunto de pessoas que compartilham de um mesmo interesse e interagindo eletronicamente dentro de um espaço comum é de fato um grupo social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com respeito ao proposto neste trabalho, discutimos, principalmente, a amplitude de considerações que acercam o universo do termo comunidade e na utilização desse termo aos agrupamentos sociais da Internet. Este tema, inicialmente, foi apresentado de maneira bastante diferenciada. Observamos os diversos posicionamentos sobre a questão da formação de comunidade, indo desde dos modelos clássicos de comunidade até os contemporâneos. Por este motivo, o enfoque dado a este trabalho veio complementar a discussão sobre a possível formação de comunidade em ambientes que tem o computador como mediador interativo.

A partir de pontos de vista clássicos e contemporâneos conseguimos entender que comunidade não está ligada exclusivamente ao território de convívio. O conceito estaria ligado às relações sociais que se imbricam e se estabelecem para compor um sentido de união. Outro posicionamento sobre comunidade da-se através da reunião de pessoas cujos objetivos comuns são partilhados na interação. Conquanto, na contemporaneidade o homem se vê diante de uma nova dimensão – virtual – e o processo de interação é resignificado com vista às novas formas de sociabilidade. Esse espaço é a oportunidade para pessoas interagirem à distância e praticarem sociabilidade tendo a noção de “espaço comum”. Dado a isto, os valores sociais são redesenhados a fim de acolher pessoas que pensem da mesma maneira e/ou partilhem do mesmo pressuposto. Daí origina-se o sentido de “interesse comum”. Juntamente com o conhecimento de sociabilidade vem o direito ao discurso livre. Pessoas utilizam o espaço eletrônico tendo a regra de convívio como condutor das ações.

A necessidade do homem de experimentar novos espaços de convívio social em grupo fez com que voltassem para outras instâncias diferentes daquelas conhecidas para exercer os seus direitos de expor seus pontos de vista diante de um tema proposto. Uma maneira de estabelecer relações mais estreitadas através de contatos que visam a troca como condutor social. É nesse aspecto que as listas eletrônicas de discussão tendem a formar comunidades verdadeiras: romper com as fronteiras impostas pela interação presencial. Muito se discutiu a respeito da sociabilidade que se difunde no contexto online; membros de uma comunidade online usufruem

desse sentido mutuamente. As bases que regem a interação social em comunidade são, essencialmente, relevantes para a formação de consenso e de *coesão social*.

Outro aspecto abordado nesta pesquisa era o de esboçar um perfil das listas, observando quais requisitos/propriedades seriam relevantes para o entendimento de seu funcionamento. O estabelecimento de que a produtividade dos membros das listas revela muito sobre a orientação dada e os papéis representados não só na listas mas no intercurso da interação. Isto veio demonstrar que é um caminho para o reconhecimento de que grupos eletrônicos de discussão podem formar ou não comunidade. A comunidade online se formaria e seria descrita pela sua identidade: um grupo mais homogêneo ou mais heterogêneo. O que ficou constatado é que, a produtividade e o fluxo dos produtos são caminhos para o reconhecimento de que o uso de determinados espaços na rede pode revelar que esses grupos sejam apenas pessoas trocando informação sem vínculos aparentes ou espaços para imersões sociais.

Na análise sobre as propriedades funcionais e sociais das listas observamos que as listas investigadas são bastante similares em orientação formadora e membros. Percebemos na análise da produtividade individual e geral das listas que elas são bastante diferenciadas. Não podemos categorizar listas que contenham traços similares como tendo a mesma característica. No levantamento dos papéis desempenhados nas listas os dados sugeriram há existência de membros mais participativos que exercem um papel primordial nas listas. Este tipo de papel somente auxiliaria às listas no tocante ao volume. Porém não podemos alardear que este tipo de membro seja especial às listas; ele pode ser também um membro que acaba por atrapalhar o seu desenvolvimento por enviar um volume excessivo de mensagens com conteúdos que não acrescentam nada à discussão. Outro ponto abordado neste trabalho foi a existência de papéis na interação. O que vimos foi o reconhecimento de dois tipos de papéis: debatedor e fomentador. O primeiro exerce a função de ampliar a linha de discussão de um tópico, enquanto o outro tem a função de abrir novos rumos para discussão. Notamos que esses papéis na interação não são fixos; eles deslocam-se no decurso de uma interação indo de um participante para outro.

A interação social descrita neste trabalho teve seu repouso sobre as manifestações discursivas que se complementam na comunicação. Verificamos a existência de indícios que conduzem a uma construção de identidade por revelar o declarante sobre as suas informações pessoais e

sociais através do uso do gênero “apresentação pessoal”. Este gênero do discurso tem por característica difundir as informações acerca do declarante. Tem como condutor comunicativo os enunciados que descrevem a necessidade de reconhecimento do declarante e sua intenção particular que se agregaria aos da coletividade. Por esta razão, este estudo identificou as partes internas das mensagens de apresentação desvendando os conteúdos enunciativos que compõem o gênero. O que se confirmou foi que as partes internas da mensagem encontram-se justaposta. Esta justaposição tem por finalidade evidenciar os tipos de informações, tais como: fornecer informação sócio-pessoal, esclarecer sobre a intenção de engajamento, solicitar ou fornecer ação. O cunho interacional deste gênero é, de acordo com nossos dados, basicamente fornecer subsídios ao interlocutor acerca de quem está falando e o que objetiva com este tipo de discurso. Uma maneira de o enunciador fornecer informações particulares ao outro o situando no tempo e no espaço revelando um pouco de sua *biografia social*.

A partir das teorias de Goffman que norteou o presente estudo pudemos conferir a existência de traços de construção de identidade do enunciador. O enunciador em seu discurso de apresentação fornece informações pessoais (idade, nome, sexo, etc.) e sociais (profissão, estado civil, procedência e outras informações sociais adicionais) para compor o que denominamos de *identidade individual*. Por estarmos tratando de dimensões diferentes (real x virtual) na virtualidade este tipo de discurso pode auxiliar na construção de laços sociais mais estreitos.

O corpo virtual é construído através do discurso; o agente online vai fornecendo informações sobre si. Com isto, o interlocutor consegue construir uma imagem do agente situando-o na interação como ser que detêm características sociais próprias. Neste processo de reconhecimento Santaella (2000) alega que este processo é dado pelo sentido de *co-presença*: termo empregado para definir o sentido de presença virtual que é baseado na *interatividade pura*.

Seguramente, a posição do enunciador torna-se bastante clara quando do uso dessa estratégia discursiva. No entanto, o que observamos é que este tipo de ação social não requer correspondência diretamente imediata; a mensagem de apresentação pessoal não gera, necessariamente, ações resposta. Estes dois gêneros são interpretados como uma atividade social inerente às listas investigadas. O que entendemos é que esta atividade de auto-apresentar-

se serve apenas para enfatizar a condição do enunciador frente a comunidade: revelando sua inclusão na lista através de um primeiro contato ou em resposta a este contato.

Outro ponto que abordamos nesta pesquisa foi se o discurso de apresentação pessoal fosse um movimento interativo que visa o engajamento nas listas e, ainda, se este tipo de movimento demandasse em ações recíprocas. O que percebemos foi que a ação de auto-apresentar-se a um grupo online não estaria ligada diretamente a uma ação resposta pois conforme demonstraram os dados somente tivemos resposta a esta afirmação na lista LE. Já na lista EL, os dados não asseguraram tal suposição, uma vez que o total de mensagens resposta não corresponde ao total de mensagens de apresentação pessoal. Fica configurado que a expectativa na ação resposta não é, essencialmente, um movimento que revela a reciprocidade entre os gêneros. No uso desta prática de corresponder às mensagens de apresentação pessoal notamos que há uma variação na função interativa:

- (a) situa o outro dando informações sócio-pessoais;
- (b) situa o outro na comunidade dando boas vindas;
- (c) visa responder um questionamento ou complementar uma suposição anteriormente dita.

Uma posição adotada pelo pesquisador e que motivou um levantamento junto ao *corpus* foi identificar os tipos de mensagens resposta e a sua função social em relação às mensagens de apresentação. O que pudemos identificar é que as apresentações pessoais por vezes tendem a modificar a condição de determinados membros: de participantes passivos para ativos.

Considerando que o interagente é constituído de diversas influências sociais. Ele é portador de diversas identidades e pertencente a um grupo social de convívio. Notamos nisto que a identidade individual do interagente é construída dentro do processo interativo. O interagente conduz seu discurso de apresentação para revelar somente suas marcas pessoais e sociais que acreditam ser suficientes para situar o outro sobre sua constituição social. Por esta razão, conseguimos mapear quais tipos de informações são consideradas pelos enunciadores como relevantes para compor o gênero mensagem de apresentação pessoal. Seguindo as propostas de Brandão (2000), Koch (2000) e Pinto (1999) que afirmam sobre a pertinência de estudar o uso

dos itens lexicais *I*, *ME*, *WE* e *MY* e seu contexto de uso. O que pudemos notar neste tipo de análise foi que nas mensagens de apresentação pessoal as escolhas lingüísticas que compõem o universo do discurso demonstram que o enunciador quer situar o outro sobre seu espaço geográfico. Utilizam o item *I* seguido de informação sobre a sua procedência (153 ocorrências em EL e 134 em LE), enquanto que para nomear-se o uso mais comum foi o *MY* seguido da informação nome (132 ocorrências em EL e 112 em LE). Isto demonstra que o enunciador tem uma preocupação em comprometer-se com este tipo de informação.

Por ser a lista voltada à discussão da língua inglesa em todos os seus aspectos, sejam gramaticais ou culturais, o enunciador denuncia sua intenção por meio do uso do pronome *ME* seguido do verbo *HELP* (37 ocorrências em EL e 46 em LE) que tem por finalidade solicitar ação por parte do outro.

Na intersecção entre o eu discursivo e o outro a análise revelou que o pronome *WE* encontra-se em segundo plano pois como a mensagem de apresentação pessoal é de responsabilidade restrita ao enunciadador o outro não é convocado a participar das pressuposições assumidas pelo enunciadador. Mas quando convocado, notamos que o uso de modais auxilia na interpretação do enunciado exercendo uma função comunicativa de convidar o outro a execução de uma determinada ação conjunta (*we can talk each other* ou *we could share each other information...*) que no estudo da interação social é interpretado como pedido de ação de troca.

Um dos objetivos desta pesquisa era conferir o entendimento que esses enunciadadores têm sobre comunidade. Traria consigo traços léxico-semânticos que indicassem se o enunciador já detinha conhecimento das listas de discussão da Internet serem comunidades. Passamos então a partir de palavras-chave (*group* e *member*) reconhecer como esse sujeito se posicionaria em seu discurso. O que ficou constatado é que na totalidade das mensagens coletadas os enunciadadores não recorrem ao uso desses itens lexicais com muita frequência. Contudo, quando de seu uso os dados esclareceram que o enunciador usufrui desses itens tendo como auxílio o uso do pronome *I* que o precede (... *I'm a member of this groups, I became member ...* ou *I'm a new member of this list*). Por esta razão, os dados leva-nos a acreditar que o enunciador compromete-se com o enunciado visando estabelecer-se como um membro do grupo. Porém, no uso do item lexical *group* os dados apontaram que é um item muito utilizado para estabelecer a condição do

enunciador de *novo membro* (*I've recently joined to this group, It is the first time I send a letter in this group* ou *I am a new in the group*). O enunciador reconhece em seu enunciado que o conjunto de pessoas interagindo mutuamente no espaço eletrônico seria um *grupo social* (Johnson, 1995).

O que tentamos esboçar neste trabalho foi evidenciar se haveria alguns indícios de que as listas investigadas fossem comunidades online. O que conseguimos conferir com este estudo foi que estamos lidando com um sistema complexo (McCleary, 1996) sujeito a diversas variações e intempéries. A utilização do termo comunidade, neste trabalho, ficou alicerçada na certeza de que as relações sociais que se formam na interação eletrônica de muitos para muitos tem como características a objetividade comum, isto é, pelo interligamento dos interesses e pela necessidade de compartilhar esses interesses. Por esta razão, e como vimos, o tema que constitui a lista descreve-a como sendo uma comunidade de interesse, pois seus membros utilizam os aspectos discursivos e sociais como elementos desencadeadores de relações mais estreitas. Os membros, mediante o tópico formador da discussão, vão acrescentando valor aos laços sociais no decorrer das sessões de troca na comunicação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, M. M. (1986) **Speech genres and other late essays**. Austin: University of Texas Press.

BATISTA, M. E. (1998) **E-mails na troca de informação numa multinacional: o gênero e as escolhas léxico-gramaticais**. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo.

BOROVVOY, R.; MARTIN, F.; RESNICK, M. (1999) **Revealing common ground: augmentation on the edges of interpretative communities**. Disponível em: <<http://kn.cilt.org/csc199/A05/A05.HTM>>

BRANDÃO, H. H. N. (2000) **Introdução à análise do discurso**. 7. ed. São Paulo: UNICAMP.

CARDOSO, C. (1999) O corpo presente. In: RUBIN, A. A. C., BENTZ, I. M. G., PINTO, M. J. (Org.). **Comunicação e sociabilidade nas culturas contemporâneas**. p. 41-53.

CARDOSO, G. (1997) Contributos para uma sociologia do ciberespaço. **Sociologia Problemas e Práticas**. Lisboa: CIES, n. 25, nov.

CICOGNANI, A. (1997) On the linguistic nature of cyberspace and virtual communities. **Virtual Reality**. London, 3, p.16-24.

_____. 1998) **Defining a design language in a text-based virtual community**. Disponível em: <<http://www.arch.usyd.edu.au/~anna/papers/cve98.html>>

CLODIUS, J. (1997) **Creating a community of interest: self and other on dragonMud**. Disponível em: <<http://www.dragonmud.org/people/jen/mudsnopm.html>>

DAVIS, B. H. & BREWER, J. P. (1997) **Electronic discourse**: linguistic individuals in virtual space. New York: State University.

ERICKSON, T. (1997) **Social interaction on the net**: virtual community as participatory genre. Disponível em: <http://www.pliant.org/personal/Tom_Erickson/VC_as_Genre.html>

FERNANDES, F. (Org.). (1973) **Comunidade e sociedade**: leituras sobre problemas conceituais, metodológicos e de aplicação. São Paulo: Companhia Editora Nacional.

FICHTER, J. H. (1973) Definições para uso didático. In: FERNANDES, F. (org.) **Comunidade e sociedade**: leituras sobre problemas conceituais, metodológicos e de aplicação. São Paulo: Companhia Editora Nacional. p. 153-155.

FIORIN, J. L. (2001) **Linguagem e ideologia**. 7. ed. São Paulo: Ática.

FREIRE, M.M. (1998) **Computer-mediated communication in the business territory**: a joint expedition through e-mail messages and reflections upon fob activities. Tese (PhD) – Universidade de Toronto, Canadá.

FOUCAULT, M. (1996) **A ordem do discurso**. 3. ed. São Paulo: Loyola.

GARFINKEL, H. (1963) A conception of, and experiments with, “Trust” as a condition of stable concerted actions. In: HARVEY, O. J. (Ed.). **Motivation and social interaction**: cognitive determinants. New York: Ronald Press. p. 187-238.

GOFFMAN, E. (1959) **A representação do eu na vida cotidiana**. 9. ed. Rio de Janeiro: Vozes.

_____. (1967) **Interaction ritual**: essays on face-to-face behavior. New York: Garden City.

_____. (1963) **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4. ed. Rio de Janeiro: LTC.

GUIESE, M. (1998) **Self without body**: textual self-representation in an electronic community. First Monday-Revista Online. Disponível em: <http://www.firstmonday.dk/issues/issues3_4/giese/>

GUIMARÃES JUNIOR, M. J. L. (1997) **A cibercultura e o surgimento de novas formas de sociabilidade**. Disponível em: <<http://www.cfh.ufsc.br/~guima/ciber.html>>

HALL, S. (2000) **A identidade cultural na pós-modernidade**. 4. ed. Rio de Janeiro: DP&A.

HAMMAN, R. (1998) **Introduction to virtual communities research and cybersociology**. Disponível em: <<http://members.aol.com/cybersoc/is2intro.html>>

HERRING, S. C. (Ed.). (1996) **Computer-mediated communication**: linguistic, social and cross-cultural perspectives. Amsterdam: John Benjamins.

JACOBSON, D. (1999) **Impression formation in cyberspace**: Online expectations and offline experiences in text-based virtual communities. Disponível em <<http://www.ascusc.org/jcmc/vol5/issue1/jacobson.html>>

JOHNSON, A. (1995) **Dicionário de sociologia**: guia prática da linguagem sociológica. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

JONES, Q. (1997) Virtual-communities, virtual settlements & cyber-archaeology: a theoretical outline. **Journal of Computer-Mediated Communication**. v. 3, n.3, dec. Disponível em: <<http://www.ascusc.org/jcmc/vol3/issue3/jones.html>>

KOCH, I. G. V. (2000) **A inter-ação pela linguagem**. São Paulo: Contexto.

LONDON, S. (1997) **Civic networks**: building community on the net. Disponível em: <<http://www.west/~insight/london/networks.htm>>

MARCELO, A. S. (2001) **Internet e novas formas de sociabilidade**. Dissertação (Mestrado) - Universidade de Beira Interior, Covilhã, Portugal.

McCLEARY, L. E. (1996) **Aspectos de uma modalidade de discurso mediado por computador**. Tese (Doutorado), Universidade de São Paulo.

MILLER, H. (1995) **The presentation of self in electronic life**: Goffman on the Internet. Disponível em: <<http://www.ntu.ac.uk/soc/psycn/miller/goffman.htm>>

MURRAY, B. (1995) **Society, cyberspace and the future**. California Institute of Technology. Disponível em: <<http://www.cco.caltech.edu/~rich/aspen.html>>

_____. (2000) Protean communication: The language of computer-mediated communication. **Tesol Quartely**. v.34, n. 3, Autumn.

MYNATT, E. D. et. al. (1997) **Design for network communities**. CHI 97 Electronic Publications. Disponível em: <<http://www.acm.org/sigchi/chi97/proceedings/paper/edm.htm>>

PATTERSON, H. (1996) **Computer-mediated groups**: a study of a culture in Usenet. Dissertation. (Doutorado) Disponível em: <<http://www.sci.tamucc.edu/~hollyp/pubs/dis/dissert.html>>

PINTO, M. J. (1999) **Comunicação e discurso**: introdução à análise de discursos. São Paulo: Hacker.

PREECE, J. (2000) **Online communities**: designing usability, supporting sociability. Chichester, UK: John Wiley & Sons. 439 p.

RHEINGOLD, H. (1993) **The virtual community**: homesteading on the electronic frontier. Reading, MA: Addison-Wesley.

RUTTER, J.; SMITH, G. (1999) **Presenting the off-line self in an everyday, online environment**. Disponível em: <http://les.man.ac.uk/cric/Jason_Rutter/>

SACK, W. (2000) **Discourse diagrams**: interface design for very large-scale conversations. In: HAWAII INTERNATIONAL CONFERENCE ON SYSTEM SCIENCES, 33, 2000 Maui,

Hawaii. Proceedings. Disponível em: <<http://computer.org/proceedings/hicss/0493/04933/04933034.pdf>>

SANTAELLA, L. (2000) **Cultura das mídias**. 2. ed. São Paulo: Experimento.

SOUZA, A. L. (2000) **A reinvenção das organizações educacionais na sociedade do conhecimento**: o uso da Internet em associações de educação à distância. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal de Santa Catarina.

THOMSEN, S.R.; STRAUBHAAR, J.D.; BOLYARD, D.M. (1998) **Ethnomethodology and the study of online communities**: exploring the cyber streets. Disponível em: <<http://informationr.net/ir/4-1/paper50.html>>

TÖNIES, F. (1973) Comunidade e sociedade como entidades típico-ideiais. In: FERNANDES, F. (org.) **Comunidade e sociedade**: leituras sobre problemas conceituais, metodológicos e de aplicação. São Paulo: Companhia Editora Nacional. p. 96-116.

WEBER, M. (1973) Comunidade e sociedade como estruturas de socialização. In: FERNANDES, F. (org.) **Comunidade e sociedade**: leituras sobre problemas conceituais, metodológicos e de aplicação. São Paulo: Companhia Editora Nacional. p. 140-143.

WIERNER, N. (1954) **Cibernética e sociedade**: o uso humano de seres humanos. São Paulo: Cultrix.